



DESDE 8 DE ABRIL DE 2000

rascunho

285

Jan. 2024

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



**eduardo ferreira**

TRANSLATO

A TRADUÇÃO DE GILGÁMESH

Uma das tarefas mais fascinantes da tradução é recuperar textos antigos escritos em línguas mortas. Não se trata de empresa fácil: além dos naturais empecilhos encontráveis na tradução entre quaisquer línguas, temos adicionalmente, trabalhando contra a transparência, as grandes distâncias culturais e temporais e a necessidade de desenterrar e identificar os restos de um idioma há muito tempo abandonado.

Foi nesse empreendimento que embarcou o tradutor Jacyntho Lins Brandão ao verter para o português, diretamente do acádio, **Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgámesh**, publicado pela Autêntica, em 2021. A obra é baseada em matriz suméria e atribuída a Sin-léqi-unníni, que a teria redigido possivelmente no século 14 a.C.

Para superar esses 35 séculos que nos separam do original, Brandão teve que fazer uma série de escolhas difíceis, que revelou em suas anotações. Uma dessas escolhas foi a estratégia de publicar comentários sobre os versos e suas traduções, em seção separada, em vez de notas aplicadas diretamente ao texto. Isso lhe deu amplitude conveniente tanto para explicar detalhes do texto, incluindo sua evolução histórica, quanto

para apontar decisões que tomara na construção de sua versão.

Explica o tradutor que suas anotações não constituem mero apêndice, devendo, portanto, ser parte da leitura, para uma melhor compreensão do conjunto da obra: “pretendi escrever não simples notas de pé de páginas, mas comentários de pleno direito, envolvendo não só informações, mas abordagens críticas que procuram levar em conta o que se tem escrito sobre o texto de diferentes perspectivas”.

Os apontamentos do tradutor são particularmente importantes em razão de estar o original corrompido em diversos trechos, com grande número de lacunas, o que torna a versão muitas vezes conjectural.

Seus comentários, conforme Brandão, também lhe permitiram “proceder às escolhas que elenquei [...] sem condenar o texto a uma única leitura”. Um bom exemplo dessas escolhas foi a decisão relativa ao próprio título em português, vertido como “ele que o abismo viu” e não “ele que tudo viu”. Pondera o tradutor que a possibilidade de ler o título do poema de duas formas distintas, “ambas legítimas, não constitui nenhum descalabro, bastando considerar que ‘ver tudo’ não necessariamente implica ver cada uma das coisas, mas ‘ver em profundidade’, ‘conhecer a fun-

do’ das coisas e do mundo, noutros termos, um ‘ver em abismo”.

As decisões do tradutor, naturalmente, embutem riscos que não podem ser ignorados, por constituírem parte do próprio processo de qualquer interpretação. Brandão, assim, admite que suas escolhas, por mais que bem justificadas, incluem índice variável de discricionariedade: “A cada uma delas, privilegio algo, descartando algo, apenas porque o que privilegio me parece mais relevante da perspectiva de um certo entendimento do poema”.

As escolhas de Brandão incluíram não apenas questões lexicais, mas também sintáticas e editoriais — todas elas com relevante impacto sobre o texto final e, portanto, sobre o resultado da leitura. O tradutor, assim, introduziu títulos de seções e a divisão do texto em estrofes, ambos inexistentes no original, enquanto, ao mesmo tempo, ignorou nuances métricas em benefício da ordem original das palavras.

Em outros casos, o tradutor, confrontado com as arestas de um texto fragmentado pelo tempo, preferiu evitar soluções reconstrutoras artificiais. A alternativa: manter a dificuldade de interpretação, compartilhando-a com o leitor. Assim, a este caberá a decisão e a interpretação finais, como deve ser. **1**

**rascunho**
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 | Curitiba - PR

rascunho@rascunho.com.br
www.rascunho.com.br
twitter.com/@jornalrascunho
facebook.com/jornal.rascunho
instagram.com/jornalrascunho
whatsapp (41) 99109.4352

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre De Mari

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLUNISTAS

Alcir Pécora
Eduardo Ferreira
Fabiane Secches
José Castello
José Castilho
Luiz Antonio de Assis Brasil
Maira Lacerda
Nilma Lacerda
Olyveira Daemon
Ozias Filho
Raimundo Carrero
Rinaldo de Fernandes
Rogério Pereira
Tércia Montenegro
Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Adriano Cirino
Allysson Casais
André Caramuru Aubert
Bruno Inácio
Bruno Nogueira
Cristiano de Sales
Haron Gamal
Henrique Marques Samyn
Jeová Santana
Jonatan Silva
Luiza Fariello
Mariana Ianelli
Pablo Gonçalves
Renan Nuernberger
Wallace Stevens

ILUSTRADORES

Bruno Schier
Carina S. Santos
Carne Levaré
Carolina Vigna
Eduardo Mussi
Marcelo Frazão
Mello
Miguel Rodrigues
Oliver Quinto
Ramon Muniz
Thiago Lucas

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

A ARTIMANHA DE CÂNDIDO NEVES (2)

Continuando a leitura de Cândido Neves, do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis. Aumenta a dificuldade financeira do personagem por conta da concorrência. E Cândido Neves é inapto para outros ofícios que não o de caçar escravos: “Não achava à mão negócio que aprendesse depressa”. E mais: a “cegueira da necessidade” o faz capturar escravos errados. E aí surge a esperança de uma saída: a escrava fugida Arminda, cuja recompensa pela captura é de cem mil-réis. Nesse passo Cândido Neves torna-se

um personagem denso, cresce humanamente aos olhos do leitor. É forte o seu sentimento de pai pelo único filho. Na situação-limite em que se encontra, luta desesperadamente contra a ideia de levar a criança à Roda dos Enjeitados. Daí sua “comoção enorme” ao avistar Arminda, a escrava fugitiva. Registram-se aqui duas fúrias: a “fúria de amor”, ao pegar o filho de volta X a fúria ao capturar a escrava. Depois de capturá-la e receber a recompensa, Cândido Neves reencontra o filho, beija-o, “entre lágrimas verdadeiras”, abençoa a fuga da escrava e não conside-

ra o aborto sofrido por Arminda. Daí sua frase final: “Nem todas as crianças vingam”. Frase compensatória, que justifica a crueldade da situação de quem tem o filho salvo enquanto a escrava perde o seu. E o recado de Machado de Assis fica claro: Cândido Neves adota o ponto de vista daquele que, sistemicamente, o subjuga, o submete à penúria financeira. Desloca-se da posição de dominado para a de dominador. Adere, despudoradamente, à posição do senhor que nunca foi. Enfim, incorpora a posição de um escravocrata. **1**

6

Entrevista:
João Silvério Trevisan
Bruno Inácio



LUIZ CAU



ILUSTRAÇÃO: RAMON MUNIZ

14

A poesia de Donizete Galvão
Renan Nuernberger

10

As viúvas passam bem, de Marta Barbosa Stephens
Allysson Casais



11

Engenheiro fantasma, de Fabrício Corsaletti
Cristiano de Sales

13

Pistas falsas, de José Eduardo Gonçalves
Adriano Cirino

22

Anistia, de Pedro Sússekind
Bruno Nogueira

27

Sempre Susan, de Sigrid Nunez
Mariana Ianelli

31

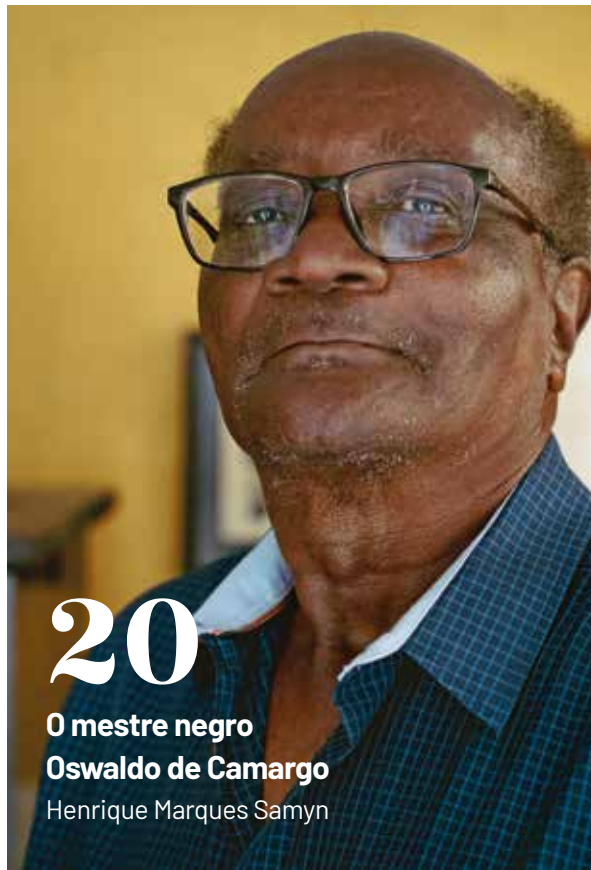
Parto
Luiza Fariello



DIVULGAÇÃO

17

Inquérito
Nivaldo Tenório



RENATO PARADA

20

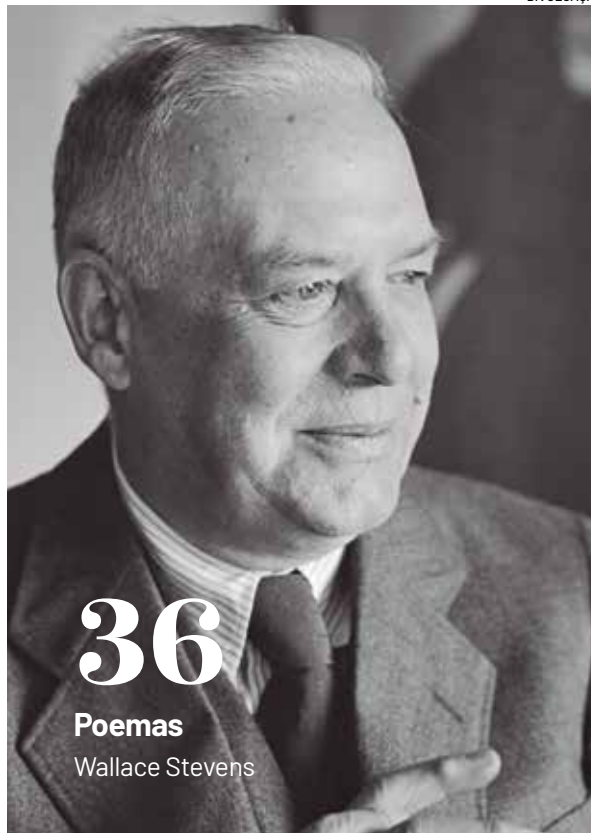
O mestre negro Oswaldo de Camargo
Henrique Marques Samyn

32

O pouso dos vaga-lumes
Pablo Gonçalo



ILUSTRAÇÃO: MARCELO FRAZÃO



DIVULGAÇÃO

36

Poemas
Wallace Stevens



ARTE DA CAPA:
THIAGO LUCAS

Design que se adapta às suas necessidades

- design editorial
- design digital
- design de marca




thapcom
design + ideias
www.thapcom.com

**josé castello**

A LITERATURA NA POLTRONA

MEDITAÇÕES EM TRÂNSITO

Ilustração: **Carne Levere**

O s carros não se movem. O jovem motorista está fora de si. Bufo, sua, buzina. Balbucia sons inaudíveis, parece xingar alguém. Trato de conservar a calma, sei que não é comigo. Até que, virando-se, ele me pergunta: “O senhor não acha que o tempo está acelerado demais?”

Deve estar brincando comigo. Debochando do velho que é obrigado a transportar pelas ruas de Curitiba. Ainda assim, resolvo levar a sério sua pergunta. Achei que reclamaria da imobilidade, mas reclama, ao contrário, da velocidade. “Parece que a expansão do universo é, cada vez, maior”, arrisco-me a dizer. “As galáxias se afastam em uma velocidade descontrolada.”

O rapaz se vira e me olha espantado. “O senhor é cientista?” Não é preciso ser um cientista para perceber que o tempo se acelera, que está desordenado, que a realidade despenca no vazio. “Sou só um velho”, respondo. “Nem assim me acostumo com a passagem do tempo.”

Suspira, não sei se de alívio, ou de ódio. “Quería viver no campo, entre vacas e pinheiros,

onde o tempo não passasse”, ele me diz. Paramos de novo, agora bloqueados por uma linha férrea. Preciso dizer alguma coisa — o rapaz espera que eu diga alguma coisa. “Parece que você sonha com a eternidade”, eu arrisco. “Tem desejo de morrer?”

“Já estou quase morto”, dramatiza. Diz que gosta de viver, mas que sua vida não é vida. Passa os dias dentro do carro, que nem é seu, e o carro está sempre atolado no trânsito. Nada se move. Só o tempo, com sua fúria, ignora a pasmaceira e avança enlouquecido. Avança, mas nada muda.

Chegamos a um impasse. Acelerado demais, o tempo entra em estado de estagnação. Tudo se move, mas nada se movimenta. A aceleração desmedida só leva à repetição. “Que embrulhada”, o rapaz comenta, com uma gargalhada de alívio. “Já não se consegue nem mais pensar direito.” De fato, a realidade anda incompreensível. Se é que anda — parece mais despençar.

Um garoto se aproxima. Vende chicletes. Posta-se diante da janela, exhibe sua caixa de trabalho, está pálido. E a palidez não o deixa dizer nada, a palidez o dissolve em um borrão de luz negra. De fato, o sol está bem forte. O sol pesa como uma pedra. “Cai fora, moleque”, o rapaz diz. Mas o menino o ignora. Será que o ouve?

O garoto é só uma peça do impasse em que vivemos. É muito novo, tem todo o tempo pela frente. No entanto, de que serve esse tempo, se ele não o levará a lugar algum? Então, com sua bandeja de chicletes, ele se arrisca entre os carros. Ficar ali parado diante do vidro é sua forma de protestar. Talvez a única que lhe resta.

Nada o atinge — a realidade já o perfurou por todos os lados. Está invulnerável porque está quase morto. Mas o rapaz não percebe isso, acha que é só teimosia de criança. Tento ajudar: “Quanto custa uma caixa de

chicletes?”. Ele não responde. Não quer vender, quer ser visto. Sua presença muda é um grito.

“Amanhã esse moleque vai estar roubando”, o motorista diz, enfurecido. É disso que falávamos: de um tempo que se acelera e despenca, que se desmancha e que, no entanto, leva ao mesmo lugar. Ou a um lugar ainda pior. “Como você pode saber?” — eu o provo-co. “Já não sei mais de nada”, admite, encabulado.

Acaba comprando uma caixa de chicletes. Eu compro outra. O menino desaparece entre os carros. Agora mascamos chicletes velhos, enquanto o trânsito não avança. “É como o chiclete”, o rapaz me diz. Não entendi. “Você masca, masca, só para, no fim, jogar fora. A vida é isso.” Pergunto se ele quer me dizer que o tempo não serve para nada. Que o tempo não existe, mas só o tédio. Talvez não o tédio, mas a tristeza.

Nesse ritmo, chegarei atrasado ao médico. Dane-se o médico. É só uma consulta de rotina, a que os velhos se submetem por mania. Por tédio. Depois recebem elogios dos mais jovens. “O senhor se cuida muito bem.” E de que isso serve? O motorista está

certo: enquanto a realidade permanece estagnada, o tempo despenca como um meteoro na noite. Despenca, explode e some. E a noite permanece. E pesa também.

O rapaz liga o rádio. Há um debate sobre futebol. Enfurecidos, os comentaristas se xingam. “Dá para desligar isso aí?” — eu peço. Ele não gosta, mas desliga. “Na verdade, não me importo. Eles passam a manhã inteira discutindo sobre o nada, enquanto eu me esfalfo no trânsito.”

Pergunto se gostaria de trabalhar na rádio. Ser comentarista de futebol, por exemplo. “Tanto faz. Eu não ia ser feliz mesmo.” Só agora entendo que a meditação sobre o tempo é uma maneira que o rapaz encontra para falar da infelicidade. O que o atormenta? Penso, mas não devo perguntar. E então espero.

“Se eu tivesse um problema a resolver... Uma dívida, uma mulher que me traísse, uma decepção de família...” O pior é isso: nada o atormenta. E, se nada o atormenta, nada pode solucionar. Talvez seja o tédio mesmo, e não a infelicidade, concluo. Não é fácil passar o dia como motorista de aplicativo.

“Eu fico aqui, atolado nesse carro, enquanto a vida me escapa”, filosofa. “A vida passa e eu nem sinto. Passa, mas não para mim.” Eu ia dizer que ele é jovem, que tem a vida pela frente, e outras asneiras. Contenho-me. Espero. Volta ao tema do tempo: “O senhor percebe como o tempo passa rápido enquanto estou preso nessa gaiola?”

Não sei mais o que dizer. Nada tenho a dizer. O certo é deixar o rapaz às voltas com sua solidão. Nada posso fazer por ele. Mas isso não é uma prova de que estou imóvel, ao contrário, é uma prova de que nós dois despencamos no abismo do tempo. Somos arrastados. A voragem, é só isso. Um sorvedouro. A velocidade brutal do tempo, contudo, não nos faz avançar.

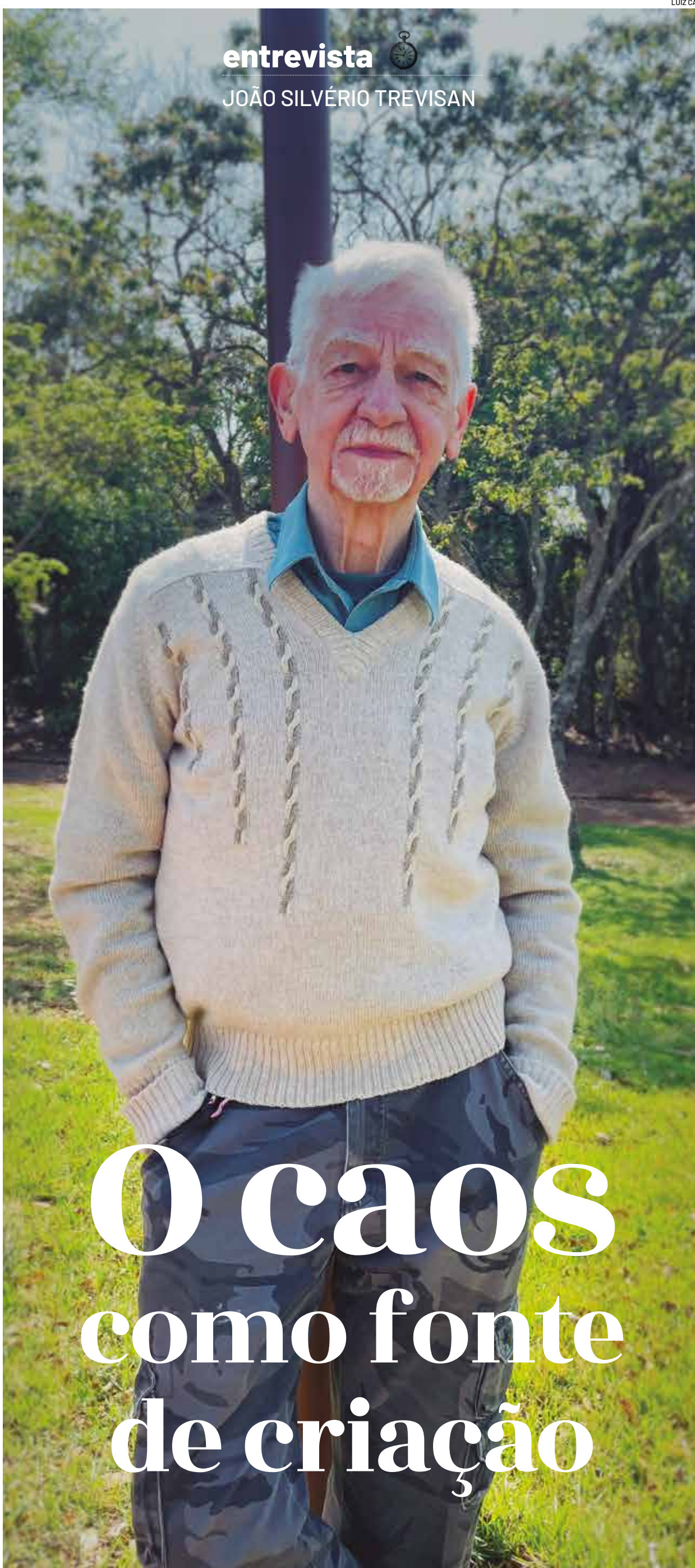
“Você me deixaria na próxima esquina?” — eu peço. “Resolvi caminhar um pouco.” Aproxima-se da calçada. Então, um outro menino chega com sua caixa de balas. Vem aos pulos, corre entre os carros. Dependura seus pacotes de doces nos retrovisores. Sua. Ninguém compra suas balas.

“É isso, o senhor vê?” — o motorista me pergunta. “Toda essa correria para nada.” Despeço-me, desejo boa sorte e salto. Logo entendo que estou a duas quadras da catedral. Não tenho religião, sou agnóstico, mas é na grande nave que me abrigo. A catedral está vazia e silenciosa. Ali dentro, enfim, o tempo parece estancar. **■**

entrevista



JOÃO SILVÉRIO TREVISAN



O caos como fonte de criação

Em **Meu irmão, eu mesmo**, segundo livro da trilogia de romances autobiográficos, João Silvério Trevisan percorre as tragédias familiares em torno da morte

BRUNO INÁCIO | UBERLÂNDIA - MG

Seis anos depois de ter publicado **Pai, pai**, João Silvério Trevisan volta a abordar temas ligados à própria família em **Meu irmão, eu mesmo**, romance que foca na relação do autor com Cláudio, seu irmão que faleceu em 1996, vítima de um câncer linfático fulminante.

Com capítulos curtos e linguagem densa e poética, a obra também passa pelo momento em que João Silvério Trevisan descobriu a infecção pelo vírus HIV, em 1992, e pelos primeiros passos como autor e ativista em defesa dos direitos de pessoas LGBTQIAP+, nos anos de 1970.

Agora, ele prepara **Antropofágico amor**, livro de encerramento de uma trilogia que, segundo o próprio autor, vem da necessidade de fazer um balanço sobre sua vida. “**Meu irmão, eu mesmo** é um projeto que já tem 30 anos e parte exatamente do período em que houve a revelação, a descoberta da minha infecção por HIV e do câncer linfático do meu irmão. Mas o primeiro, **Pai, pai**, não estava nos meus planos e acabou sendo ele o responsável por deflagrar toda a trilogia”, conta.

Além da obra autobiográfica, foi publicada em 2022 a segunda edição de **Vagas notícias de Melinha Marchiotti**, romance lançado originalmente em 1984 e considerado um importante marco na trajetória do escritor por conta de sua transgressão linguística e estilística.

Sua literatura, a relação com a morte, um doloroso desamor, o ativismo, a política, o caos e até o movimento Red Pill foram abordados ao longo desta entrevista realizada em Uberlândia (MG), quando João Silvério Trevisan esteve na cidade para receber o título de doutor honoris causa, concedido pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

• Em **Meu irmão, eu mesmo**, você aborda o círculo familiar de forma bastante pessoal e intimista, assim como fez em **Pai, pai**. Quando percebeu que era o momento de contar essas histórias?

Não sei dizer ao certo, mas tenho esses projetos há muito tempo. Assim como o terceiro da trilogia, **Antropofágico amor**, no qual estou trabalhando agora. **Meu irmão, eu mesmo** é um projeto que já tem 30 anos e parte exatamente do período em que houve a revelação, a descoberta da minha infecção por HIV e do câncer linfático do meu irmão. Mas o primeiro, **Pai, pai**, não estava nos meus planos e acabou sendo o responsável por deflagrar a trilogia. Acredito que **Pai, pai** tenha a ver com a necessidade, talvez não tão consciente e não tão deliberada, de fazer um balanço. Em 2017, eu já estava com 73 anos e tenho a consciência muito clara a respeito da questão da morte. Em **Meu irmão, eu mesmo** falo muito sobre isso. É, na verdade, o livro que aborda esse tema de maneira mais frontal. Conto como há muito tempo, inclusive em períodos de análise, venho tentando abordar como estou perante a minha morte. Não acho que seja uma coisa doentia, longe disso, eu tenho que pensar na minha morte porque ela faz parte da minha vida. Na verdade, tenho que pensar na minha vida e a minha vida não é eterna. Ela implica, necessariamente, o fim. E é um fim pavoroso, ninguém quer saber do seu fim, ninguém quer morrer. Nós somos muito preciosos de fato, cada vida é muito preciosa e única. Mas isso é inevitável, isso acontecerá. Então, tenho a impressão de que talvez, não tão deliberadamente, pensei em fazer um balanço. A partir daí veio o **Pai, pai** — afinal a presença do meu pai era muito marcante pela sua ausência. E, obviamente, isso tudo tinha e tem a ver com o impacto provocado pela questão da violência paterna. A morte e a violência paterna têm uma proximidade muito grande, muito sólida. E aí, o que você encontra é, de fato,

a necessidade de fazer um balanço e foi basicamente isso que desencadeou a trilogia.

• **Em um trecho do novo romance, você diz que ao escrever esse relato íntimo de grande dor, talvez você estivesse perseguindo um resgate em busca de sentido. Esse resgate aconteceu?**

Eu tinha uma pretensão. Eu não tenho certeza se fui pretensioso, num mau sentido. Mas a minha ideia talvez tenha sido buscar esse sentido. Eu mencionei muito ontem [no discurso da cerimônia de outorga do título conferido pela Universidade Federal de Uberlândia a João Silvério Trevisan] a pergunta do Caetano Veloso, na *Cajuína*: existirmos, a que será que se destina? Essa é uma pergunta que atravessa a nossa trajetória de vida. E é uma pergunta que não tem resposta. A gente poderia viver mais uma vida e mais uma vida e continuaria a perguntar. Porque lá vem outra vez: “Camimante, no hay camino se hace camino al andar” [trecho de poema de Antonio Machado]. Então, o sentido da vida você vai encontrando à medida que busca o sentido da vida. A vida é uma busca de sentido, na verdade. Acredito que não apenas este romance, mas toda a minha obra, toda a minha produção, e acredito que toda a produção que a gente faça visando uma expressão mais próxima da poesia, é sempre uma busca de sentido mais aprofundada. Porque você está tentando verbalizar, tentando apresentar para fora de você alguma coisa que está tentando descobrir lá dentro. É um pouco o que eu mencionei no **Ana em Veneza**, que é o estandarte rubro da poesia. Esse estandarte rubro da poesia, que vai passando de século em século, é a pergunta que os poetas estão fazendo. Existirmos a que será que se destina? E essa busca é expressa em forma de poesia. Porque, me parece, é a maneira mais precisa possível de você buscar a sua expressão. E, claro, a expressão do seu sentido. Toda a minha obra, obviamente, se encaixa em função dessa busca de sentido. E eu, nessa trilogia, o que talvez tenha descoberto é que só conseguiria chegar mais perto do sentido se eu fizesse um strip-tease. **Pai, pai, Meu irmão, eu mesmo** e esse terceiro que estou escrevendo têm uma técnica e estruturas bem diferenciadas. Estou realmente buscando me despir até onde é possível para mim, até onde é confortável. A minha questão, quando comecei a trilogia, era a seguinte: ou escrevo dessa maneira ou não escrevo. E o resultado disso tem mexido muito com as pessoas. Muita gente me acessa e diz “João, eu estou muito perturbado com a sua capacidade de mergulhar”. E essa foi uma escolha deliberada. Essa, sim, foi muito deliberada, porque era a maneira que eu, neste momento da minha vida, teria de buscar o sentido da forma mais efetiva possível. A partir daí não tem mais o que fazer. E é algo que vem de toda a minha trajetória. O meu filme [*Orgia ou o homem*

que deu cria], por exemplo, feito durante a ditadura, quando eu tinha 26 anos, já tem essa mesma radicalidade. Isso foi em 1971, em plena ditadura. E os censores entenderam, claro que entenderam do seu ponto de vista, e proibiram o filme por conta da pornografia. Acho que eles disseram “obsceno em quase toda a sua totalidade”. Mas o que para eles era obscenidade e pornografia, para mim era poesia. Apenas a nossa linguagem era muito diferente, a nossa percepção era muito diferente. Claro, aí vinha a minha diferença com a censura. Cada vez mais acredito que a expressão pornográfica é uma expressão muito próxima da poesia. E quando falo em pornografia, seja ela uma pornografia comercial, padronizada, cheia de preconceitos, ou uma pornografia poética, você tem sempre que pensar no corpo. A ideia é: o nosso corpo é pornográfico? É mesmo? Quem falou? Quando nasci, eu já era pornográfico? Por que me tornei pornográfico? Porque sou homossexual? Porque eu transo numa posição diferenciada? Eu uso partes do meu corpo que não são convencionais, padronizadas ou permitidas? Então, me confrontar com essa possibilidade da pornografia poética era realmente uma maneira de chegar mais perto ainda do meu sentido, do sentido da minha vida. E para isso eu tinha que tirar a roupa. Muitas vezes não foi fácil, mas confesso que, quando leio, fico muito feliz de ter feito isso. Acho que consegui encontrar uma veia minha, um nervo meu que dá para mexer. Dá para mexer de uma maneira radical, muito legítima.

• **Ainda em *Meu irmão, eu mesmo*, você conta que se sentia na fila da morte após descobrir a contaminação pelo vírus HIV, em 1992. No entanto, foi Cláudio, seu irmão, que faleceu poucos anos depois, vítima de um câncer linfático fulminante. A vida e a morte surpreendem mais que a ficção?**

Eu não tenho certeza. Acho que a ficção é muito poderosa, mas a vida é muito exclusiva. Cada vida é uma vida completamente diferente e ela dá um chacoalhão na ficção. Mas também é verdade que a ficção dá um puta chacoalhão na vida. Porque a ficção tem um elemento de mentira que é crucial para chegar mais próximo da verdade. Esse é o grande lance da literatura. Na verdade, o que você chama de ficção, eu chamaria exatamente de poesia. Na vida que nós vivemos, nós não encontramos poesia, em geral, no cotidiano. Mas isso que a gente chama de ficção, e que está no mesmo patamar da poesia, ou poderá estar, porque ela trabalha com o imaginário, com a fantasia, que é uma parte da nossa vida que a gente quase nunca mete a mão, aí nesse momento começam a aparecer coisas que você não estava se dando conta. Revelações. E a poesia é pura revelação. A poesia é iluminação. Iluminação transgressiva, muito frequentemente. Acho que



A ficção tem um elemento de mentira que é crucial para chegar mais próximo da verdade.”



Em nenhum momento, me senti paralisado no governo Bolsonaro. Pelo contrário, eu estava em estado de fúria. Aliás, quando falo esse nome, tenho vontade de limpar a minha boca.”

chegando nesse ponto em que você tem que se desnudar, você acaba encontrando aquela pornografia poética há também na ficção. Então, acabam se equivalendo, dependendo de como se vai mexer com as duas coisas. Tem ficção muito vagabunda, tem ficção muito convencional, e tem narrativa autobiográfica extremamente poética, mas também muito convencional. Muito fácil escrever a autobiografia de um modo convencional, tentando vender o peixe mentirosamente quando se deveria, numa autobiografia, estar sendo muito sincero com quem está compartilhando com você aquela história. Mas se você consegue realmente se despir, você vai chegar próximo da poesia, e essa poesia está também muito próxima da ficção, caso você tome consciência disso, de que a ficção é um espaço, é um terreno muito acima daquele real cotidiano, daquele dia a dia bobo, ridículo, diante do qual a gente perde as referências. A ficção, através da poesia, impõe de volta as referências.

• ***Pai, pai e Meu irmão, eu mesmo* são os dois primeiros livros de uma trilogia de romances autobiográficos. Poderia falar um pouco sobre o terceiro?**

Posso falar um pouco, mas não vou adiantar demais. É o mais político de todos. E o mais ficcional. Chamo todos eles de romances autobiográficos, mas esse é o mais ficcional porque vou escrever em terceira pessoa. Exceto a mim, que sou João, todos os outros personagens terão outros nomes, mas não outras personalidades. Estou usando outros nomes justamente para proteger essas pessoas e para me proteger, já que estarei falando de pessoas vivas, provavelmente. Estou usando esse recurso para me dar mais espaço e mais jogo de cintura, para não mentir. Estou usando apenas um nome fantasia dessas pessoas, mas a realidade vai ser exatamente a mesma. E por outro lado, vai ser o mais político porque ele se passa durante o período da ditadura, no coração da luta pelos direitos LGBT. Toda história é uma história que se cruza com a fundação do Grupo Somos [grupo em defesa dos direitos homossexuais, fundado em 1978], a fundação do *Lampião da Esquina* [jornal criado em 1978 e considerado a primeira publicação homossexual do país] e o meu ativismo. Porque há uma história de amor que se entrecruza aí. É uma história de amor muito dolorosa, de abandono, justamente porque envolvia uma radicalidade sobre o amor, envolvia uma abordagem radical sobre o amor. Nós estávamos lutando pelo nosso amor e eu levei um chute na bunda daquele que estava lutando comigo. Um chute na bunda de uma maneira, isso vai espantar muito as pessoas, de uma maneira cruel, grotesca e até desumana. Essa história é a mais dolorosa de todas. Tenho pacotes de diários do período que eu não conseguia mexer. A história não está por último apenas porque é a mais antiga, mas é porque não conseguia mexer nela, de um ponto de vista emocional. Quando começava a mexer, tudo aquilo voltava como se tivesse acontecido ontem. Tal foi o impacto na minha vida, que a minha ferida de exílio homossexual realmente tomou uma dimensão extraordinária por conta desse fato. Entrei com tudo nessa ideia do ativismo que vai nos libertar para que a gente possa amar. E esse tudo que eu joguei na mesa foi jogado no lixo. Por um parceiro. O parceiro do meu amor. Não é pouco. Enfim, é tão duro que não vejo palavras que possam explicar ou resumir a força, o impacto, a dureza daquilo que aconteceu. Já estou trabalhando no livro, já tenho contrato com a Alfaguara e tenho muita coisa já escrita, mas não vou dar mais detalhes da estrutura que será bem diferente dos outros dois, que são diferentes entre si. Tenho já muita coisa anotada e continuo tomando nota. O que está me surpreendendo é que não achava que fosse sair tão político quanto está me exigindo. Estou entrando muito na área da minha prática de esquerda, da minha vivência enquanto homossexual dentro da esquerda, porque foi inevitável. É inevitável tocar nisto: o embate que houve entre os meus supostos companheiros e o meu desamor à minha maneira.

• **Trabalhos como *Devassos no Paraíso* são constantemente referenciados em pesquisas sobre gênero no Brasil, enquanto romances como *Rei do cheiro* denunciam a arrogância de intelectuais e os riscos do discurso meritocrático. Suas obras ficcionais são tão políticas quanto as não ficcionais?**

São mais políticas do que as não-ficcionais. E por isso, a conspiração do silêncio, que eu sei de onde vem. Sei exatamente que a direita não tem nenhum interesse, nunca vai ter, na minha obra. E conto com o interesse daqueles que são meus companheiros, com os quais tenho uma interlocução. Não que eu esteja escrevendo apenas para essas pessoas, mas tenho certeza que a direita não gosta do que eu faço. E não vai gostar, porque nós temos uma diferença simplesmente radical, de raiz. E uma das questões que quero debater, e tenho debatido, é que a esquerda não tem direito de exigir que ela é dona da verdade. É assim que frequentemente a esquerda se comporta. A minha esquerda, a nossa esquerda, na verdade, um determinado tipo de esquerda, com o qual tenho muita dificuldade, que é a esquerda autoritária. E menciono em tudo quanto é palestra, e acho que em livros meus, inclusive em **Meu irmão, eu mesmo**, que sinto fedor de dogmatismo de longe. Por quê? Porque fui treinado a sentir esse cheiro dentro do seminário. Dez anos, massacrado por dogmas católicos, qualquer um sai com um diploma de doutorado em dogmatismo. Percebo claramente quando há dificuldade de diá- >>>

logo, quando há dificuldade de admitir a sua imperfeição. Passei anos da minha vida fazendo análise para tentar entender a minha imperfeição. A minha morte é a maior das imperfeições, mas não é a única. Todos os dias estou tropeçando na minha imperfeição. Não sou o único imperfeito do gênero humano. O gênero humano é imperfeito. Por que, então, a esquerda tem que ser perfeita? É a pior maneira de se relacionar com a sociedade. É achar que você é dono da verdade. Inclusive, esse é um ponto de partida da direita mais radical. Ela não quer saber o que você faz. Ela tem a sua verdade e você tem que observá-la. O nazismo e os vários tipos de fascismo nos deixam clara essa ideia. Então, como é que nós vamos imitar a direita se nós queremos ser exatamente o oposto dela? Nós estamos usando os mesmos padrões, isso me aflige profundamente. Por isso, nos meus romances, frequentemente meto o dedo na ferida. E aí percebo a conspiração do silêncio, que é cruelíssima. Os prêmios que recebi são todos honoríficos. A única vez que recebi um prêmio em dinheiro que me era muito importante para sobreviver, foram R\$ 350 do **Ana em Veneza**, do Prêmio Jabuti, que eu fiquei tão absurdado que fui comprar a obra completa do Freud, em espanhol, que na época o real estava equiparado ao dólar. Então dava para comprar três volumes no espanhol, que é uma tradução magnífica, porque naquela época a tradução brasileira era muito ruim, feita do inglês, e eu tinha dificuldade para entender. Aí fui ler o Freud em espanhol e, porra, percebi que estava diante de um poeta. Então, essa é uma constatação, para mim, palpável dessa conspiração. Nos períodos do PT no governo, o Brasil foi tema da Festa do Livro de Bogotá, de Guadalajara e da Feira Internacional do Livro de Frankfurt. Tenho livro em espanhol, tenho livro em alemão, tenho livro em inglês. Alguém me convidou para representar o Brasil? Você tem ideia de como isso doeu? Não sou trouxa, não sou otário ou babaca. Percebo claramente o que isso quer dizer. Eu já perdi prêmio, porque teve votação enganosa, que me foi comunicada por um membro do júri, que percebeu que alguém estava dando nota alta para a sua eleita, e naquele momento o **Pai, pai**, que estava lá em cima, desceu. Então, porra, tenho que conviver com isso e não vou fechar os olhos. Isso é uma das coisas que eu estou fazendo. Em **Antropofágico amor**, vou falar disso tudo, vou botar tudo na mesa. Aqui está a maneira como eu fui tratado. Aliás, **Rei do cheiro** foi totalmente ignorado. Só saiu no **Rascunho** uma merda de uma resenha [#118, de fevereiro de 2010. O editor concorda com o democrático direito à reclamação após quase 14 anos. Afinal, o direito à opinião e ao ressentimento é legítimo. Não é mesmo, João?], de uma pessoa incompetente, acabando com o livro. Não sobrava nada do livro. Essa pessoa não entendeu, tomou o romance do século 19 como parâmetro para analisar o **Rei do cheiro**, que cancelava o narrador em terceira pessoa. Eu não queria trabalhar nesse livro com o narrador em terceira pessoa. Queria fazer múltiplas vozes, fazer uma sociedade coralizada. Tanto que fui naquela época, na internet, não tinha ainda a *deep web*, fui buscar canções do PCC, pedindo para cortar a cabeça de juizes, porque ainda estavam disponíveis, e inseri como parte dessa vocalização de uma sociedade em pânico, uma sociedade absolutamente pedindo socorro para não sei quem. Era uma sociedade, obviamente, à beira do buraco, numa circunstância dessa, que foi exatamente quando termina a narrativa do **Rei do cheiro**, que é quando o PCC fez aquele ataque brutal, em 2006, em São Paulo, em que parou tudo, botou fogo em tudo quanto era coisa que encontraram pela frente, matavam policiais, ameaçavam juizes, políticos, etc. E eu fiz um livro em que fui buscar inspiração em John Dos Passos [romancista e pintor estadunidense], por exemplo. Nem sei se a pessoa que escreveu sabe que existiu um John Dos Passos que tinha uma pegada muito parecida. Foi a minha inspiração. De criar uma voz da sociedade. E aí fui chamado de “alguém que não sabe criar personagens”, porque meus personagens eram todos personagens vazios. Ora, eu estava mimetizando história em quadrinhos, tanto que cheguei a pensar em colocar uma parte do romance como história em quadrinhos. Porque o meu personagem vive no



Meu irmão, eu mesmo

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN
Alfaguara
256 págs.



Vagas notícias de Melinha Marchiotti

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN
Record
350 págs.

mundo da história em quadrinhos. O romance começa justamente com a indústria cultural da década de 50 no Brasil. Tem um capítulo em que meu personagem está sofrendo muito porque foi abandonado pela mulher e porque o filho foi sequestrado. E ele só consegue falar através de trechos de música de dor de cotovelo. Ele não consegue expressar suas próprias emoções. Então, tive uma felicidade escrevendo esse romance. Foram pesquisas, assim, brutais para chegar àquele resultado. E aí eu encontro essa resenha no **Rascunho** e não teve uma resposta que pudesse discordar [Nota do editor: **Rascunho**, ao longo de sua história, sempre acolheu réplicas, mesmo que tardias]. Eu só fiquei sabendo muito tempo depois, inclusive. O **Rascunho** não chegava até mim naquele tempo. Agora, eu recebo em casa. Mas só fiquei sabendo muito tempo depois e eu não tive como responder. Porque, em geral, se a crítica é babaca, eu vou lá e digo. Quem escreveu tem um projeto de romance na cabeça e acha que todas as obras têm que corresponder. Foi exatamente isso que essa crítica fez. E foi a única resenha que saiu. A única. Eu entrei em depressão. Um dos meus vários períodos de depressão. Por conta do silêncio em torno do romance. E não foi o único. **A idade de ouro do Brasil**, que também tem uma pegada política cortante. Cadê **A idade de ouro do Brasil**? Digamos que **Ana em Veneza** foi uma exceção, porque o Elio Gaspari [jornalista e escritor] fez uma resenha no final de 1994, quando o romance saiu, e disse, não me

lembro se no *Estadão* ou na *Folha*, que a grande notícia do final do ano de 1994 não era o Ministério de Fernando Henrique Cardoso, mas um romance chamado **Ana em Veneza**. Foi um puta auê de gente correndo atrás de mim pra me entrevistar. Mas era uma outra coisa, era uma história do Brasil, era uma abordagem histórica, um olhar histórico para tentar entender o que estava acontecendo no Brasil. Tanto que o final do romance tem aquela passagem de 1891 repentinamente para 1991. Mas era uma meditação, uma longa meditação sobre o que é o Brasil. Dentro da minha obra que aborda toda a questão brasileira tem uma peça de teatro, o **Ana em Veneza**, o **Rei do cheiro** e **A idade de ouro do Brasil**, todos cruciais para mim, porque sou um homossexual dialogando com o meu país, porra. Tenho um ponto de vista da margem que o país deve olhar, porque estou dizendo alguma coisa que quem está no *mainstream* não tem condições de ver. E estou vendo da margem. Então, para mim, é muito duro. Tenho que brigar com a minha mágoa por conta disso. Não quero me machucar por conta da mágoa porque eu estou sendo magoado. E não quero aprofundar essa mágoa, mas a marca é muito dolorosa.

• **Durante a ditadura, seus textos foram censurados e considerados uma afronta aos “bons costumes”. Nos últimos anos, especialmente durante o governo Bolsonaro, adjetivos como “subversivo” e “imoral” voltaram a ganhar força, inclusive para classificar artistas considerados perigosos pela extrema direita. Quando você percebeu que isso estava acontecendo, teve medo de a história se repetir?**

Eu não sei se a palavra é medo, porque, em nenhum momento, me senti paralisado no governo Bolsonaro. Pelo contrário, eu estava em estado de fúria. Aliás, quando falo esse nome, tenho vontade de limpar a minha boca. Até hoje. Porque é um lixo. É um absurdo tentar compreender como é que esse cara foi parar onde foi parar. O que significa que o Brasil é um absurdo, porque foi uma verdade: ele ganhou a eleição. Do jeito dele, claro. E queria ganhar de novo, fez de tudo para roubar a eleição. Em todo caso, eu estava sempre ali, instigado, então me assustava, estava assustado, mas não creio que eu tivesse medo. Conheço muita gente que estava com muito medo, antes mesmo de ele ter sido eleito. Dá pena. Eu me lembro de um debate em Aracaju, em que no meio do debate, de repente aparece uma pesquisa dizendo que ele havia disparado nas pesquisas. As pessoas estavam enlouquecidas e eu disse: “Olha, ele vai nos fazer um favor de mostrar agora o que é o Brasil”. Porque nós estávamos na nossa bolha e achávamos que isso estava superado. Tanto que em **A idade de ouro do Brasil**, eu falo do presidente Lula, não me lembro se no primeiro ou no segundo manda-

to, dizendo algo como “olha que eleição maravilhosa, todos que estão competindo são de esquerda”. Nós tínhamos essa doce ilusão. Mas a nossa reação foi à altura. Isso eu falo muito já na nova edição do **Devassos no Paraíso**, em que eu abordo o período da eleição. Já estava previsível o que ia acontecer, apesar de nós não gostarmos e não querermos. Eu pego toda a história de 90 e pouco, quando o Edir Macedo cria o disparo, muito consciente e muito proposital, da tomada de poder. Tenho uma parte inteirinha sobre a direita radical, a nova direita, a direita evangélica, por exemplo, no **Devassos no Paraíso** e na segunda edição de **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**, que saiu em 2021. Ali já tem claramente o Bolsonaro, pintando e bordando. Tem capítulos inteiros analisando o bolsonarismo. E analisando com uma navalha, não deixando passar nada, porque o que aconteceu com o bolsonarismo foi que o masculino tóxico tomou o poder. E ele está disposto a tudo. Ele mostrou que ele está disposto a tudo para não perder o trono. Mas a reação foi maravilhosa. E aí eu conto com mais detalhes essa reação anti-hegemônica nova, totalmente nova, com os novos grupos de movimentos sociais que se encorporaram, se enriqueceram, se opoem à hegemonia do masculino tóxico. Por exemplo, todo o espaço da transexualidade e transgeneridade, que foi uma novidade que nós estamos vivendo dentro das políticas LGBTs.

• **Seis balas num buraco só: a crise do masculino evidencia os riscos do projeto do “homem ideal” para a sociedade, especialmente no que se refere à consequente violência contra mulheres e pessoas LGBTQIAP+. Nesse sentido, o movimento Red Pill, formado por homens que defendem uma “masculinidade dominante”, o preocupa? É uma nova crise das masculinidades ou apenas um novo desdobramento?**

Eu não dou muita importância, francamente, porque acho que é uma fase do armário. O armário não vai existir do mesmo jeito que resistia no passado. Ele vai encontrar, digamos, maneiras um pouco mais integradas de conviver socialmente, o que significa que ele vai se diluindo cada vez mais. Essa importância que as pessoas dão não apenas socialmente, e não apenas politicamente, mas sobretudo psicologicamente ao armário. Conheço um monte de viado bolsonarista. Qual é a característica que perpassa todos eles? É viver escondido como homossexual. Podem até ter vivido 30 anos com o parceiro, mas dormindo em cama diferente. Podem até “desmonhecar”, mas isso é um passatempo. Então, a questão séria é ser um personagem integrado à sua sociedade, o que significa conformar-se a essa sociedade cheia de homofobia e extremamente conservadora. O masculino tóxico, tal como eu abordo a partir de pes-

quisas, ele tem medo de dedo. Ele tem medo de um dedo no cu, para fazer exame de toque retal, para saber como é que está o estado da próstata. Eu consultei entrevistas de médicos especialistas em torno do câncer de próstata, e o grande problema é a resistência de certo tipo de homem, ou seja, a grande maioria, que é tóxica, de fazer o exame de toque retal. Agora, me diga uma coisa, por que tanto medo? Você acha que você vai perder a virilidade por um dedo? Você vai perder a sua virilidade por conta de um dedo? Que virilidade é essa? Que diabo de masculinidade é essa? Por isso ela é completamente defensiva e fragilizada. E mentirosa, claro. Ela vive de trás de um cascão. Que é o cascão, justamente, da hegemonia masculina que cria o homem ideal. Que é o fortão, que é o que não vai para o hospital, que é o que enfrenta, que mostra a arminha o tempo todo, para mostrar que é macho. Essa arminha, ela tem a forma do pinto. Não precisa nem um Freud voltar para explicar. Essas pessoas estão obcecadas por um problema que elas não conseguem resolver, que é basicamente o seu medo de serem passivas. E por isso odeiam tanto as mulheres. Por isso maltratam tanto. Por isso matam. Por isso estupram. Porque consideram a mulher uma coisa de segunda categoria. O coitado do pinto nem sabe o que está acontecendo. Ele tem vontade própria porque tem um organismo inteiro mobilizado. E esse masculino tóxico, inclusive, não consegue conduzir, de acordo com a sua vontade, esse pobrezinho desse pênis. Então é muita pobreza. E é em cima dessa pobreza que eu faço a reflexão de que as novas gerações têm comprovado como isso vai caindo por terra. Na verdade, o que me preocupa mais é o que vem depois. Por exemplo, hoje nós temos uma grande quantidade de pessoas fora do armário que são conformistas. Elas querem saber do seu aplicativo, elas querem saber da sua transa, como se vivessem fora do armário. E nesse sentido, o bolsonarismo foi mui-

to pedagógico. Vocês não estão fora do mundo, vocês estão num mundo muito perigoso. Então, esses embates são muito produtivos. A história é sábia porque ela não é previsível, ela é constituída por multidões que criam a história. E que não são apenas os líderes, ou que não são sequer, sobretudo, os líderes. Há populações inteiras que estão mobilizando a história, muito frequentemente, de uma maneira não deliberada, inconsciente, por exemplo, todo o processo migratório que nós estamos vivendo hoje no mundo. É uma mudança histórica brutal, mas essas pessoas estão fazendo por pura necessidade de sobrevivência. E elas estão mudando a história. A Europa está vendo uma situação internacional com a qual ela nunca se confrontou antes. Antes ela colonizava, agora os ex-colonizados estão indo colonizar a Europa e ela está se cagando de medo. Tem medo de perder as suas características históricas. O que são características históricas? A história está em permanente devir. Eu acredito na história, acredito no real que a história produz e que é muito complicado de você aquilatar, de você apalpar. Porque é um atropelo. A história é totalmente atropelada o tempo todo. Ela não está em manuais. Você está pensando que ela vai por aqui, ela vai por ali. Você pode até fazer suposições, fazer análises de possibilidades, mas quantas análises de grandes intelectuais aí que não deram com os burros n'água? Então, essa humildade que a história pede é essencial para que possamos olhá-la.

• **Para encerrar, devolvo uma das perguntas presentes na quarta capa de seu livro *Pedaço de mim: em que sentido o caos brasileiro pode dar certo?***

Eu teria que reler o **Pedaço de mim**, teria que reler **Ana em Veneza, A idade de ouro do Brasil** e uma peça, que ganhei um prêmio da Funarte e que não considero que esteja pronta. É uma peça histórica chamada *Correspondência entre J. J. Maia e Thomas*



DIVULGAÇÃO



É preciso não ter medo do caos. Na verdade, o caos é a fonte de toda criação.”

*Jefferson. J. J. Maia [José Joaquim Maia e Barbalho, que usava o pseudônimo Vendek] era um jovem brasileiro que no século 19 foi estudar em Lisboa. Era muito comum que pessoas mais abastadas ou de famílias mais abastadas estudassem em Lisboa. E lá ele conseguiu contato com o Thomas Jefferson, que era o embaixador americano na França. E os Estados Unidos tinham acabado de fazer a revolução americana e se separado da Inglaterra. E para os estudantes que estavam em Lisboa, era uma grande expectativa a possibilidade de criar essa mesma revolução no Brasil contra Portugal. Então o J. J. Maia entrou em contato com o Thomas Jefferson para discutir a revolução de independência do Brasil. A partir daí, resolvi escrever essa peça em que um personagem baseado no Carlos Gomes volta da Itália depois de todo o sucesso enquanto compositor brasileiro de óperas italianas. Ele volta para o Brasil muito *compungido*, já doente. Então ele se encontra com um personagem que seria o Álvares de Azevedo. Vale lembrar que os dois nunca se encontraram na vida real e eram, inclusive, de gerações diferentes. Na peça, esse encontro acontece em São Paulo, quando o Carlos Gomes estava passando pela Faculdade de Direito e encontra um grupo*

de estudantes protestando, protestando violentamente, e vê esse garoto. E fica muito impressionado com o discurso que o garoto faz. Então procura esse rapaz para que escreva com ele o libreto da sua peça brasileira, pois quer se redimir perante o Brasil. E a minha peça é um debate entre a visão do Álvares de Azevedo, um jovem supostamente revolucionário, e um senhor no fim da vida tentando se redimir de uma história que ele não considera muito aprazível para deixar para o Brasil. E os dois têm um embate muito grande entre duas visões de Brasil, a partir do quê? Da história do J. J. Maia. O jovem quer adaptar a história do J. J. Maia para uma peça, para uma ópera. E o Carlos Gomes diz que tudo bem, mas reluta com as sugestões que o rapazinho dá. Então, o que nós vemos na peça são representações da visão da ópera do Carlos Gomes e da visão do rapazinho revolucionário. E aí começa o caos. É uma peça sobre o caos brasileiro. Tem, por exemplo, a Tia Anastásia, que é empregada do Carlos Gomes. Eu jogo personagens e coloco muitas questões relacionadas com o imaginário e com a mitologia brasileira, presente já na nossa história de uma maneira bem significativa. E o final é um final carnavalesco, em que todos esses personagens aparecem, como Peri, Ceci, Iracema. E há uma grande conglomeração e um grande debate sobre o que seria o Brasil. Partindo do pressuposto de que estamos vivendo um país caótico, mas um país tão caótico que produziu o carnaval. E eu dei um final a essa história, mas eu não estou satisfeito com ele. Enfim, não sei o que acontecerá, mas acredito piamente na criatividade do caos brasileiro. Eu não tenho medo. Cada um de nós é supercaótico. Temos um caos lá dentro, um caldeirão fervilhando. E é de lá que a gente tira a nossa personalidade, de lá que a gente tira nosso imaginário, de lá que a gente tira a nossa expressividade. É preciso não ter medo do caos. Na verdade, o caos é a fonte de toda criação. ①



raimundo carrero

LUTA VERBAL

PALAVRINHA OU PALAVRÃO – EIS A QUESTÃO

Começo a escrever este artigo — cujo assunto é o palavrão na literatura — e me dou conta de que algumas palavras nem precisam ser escritas para provocar os olhos do leitor. Acompanhe por favor: “vá tomar no” esta palavrinha — ou palavrão? — precisa mesmo ser escrita ou basta cortá-la? Pronto. O problema está criado. Esta palavrinha — será palavrão? — palavrinha ou palavrão, mesmo dita por um personagem, precisa ser escrita ou em silêncio continua devastadora.

Sim, poderia ser evitada, mudar de frase, aí atua o censor que resolve radicalmente cortar a frase inteira. A minha inquietação

é saber quais os olhos que vão enfrentá-la. Temendo o censor, que de repente habita o escritor, não seria aconselhável mudar de assunto? Ainda mais radical.

Daí porque os censores — armados de tesoura ou caneta nos tempos da ditadura — temem as palavras escritas ou ditas — quem sabe, representadas num simples movimento de mão com o indicador e o polegar numa luta que não tem fim, ainda hoje inescrupulosos e vingativos. Agora ainda estou preocupado, muito preocupado. Queima-me a ideia de que devo mudar de assunto, ou simplesmente esquecer a frase.

Bem, quero tratar aqui, enfim, deste assunto tão necessário:

o palavrão na literatura. Pode ser assunto velho demais, no mínimo fora de hora. Convenço-me, no entanto, de que os conservadores circulam muito por aí num desafio permanente. O palavrão que eu nem chamo de palavrão nem de palavrinha, basta palavra — é fundamental porque é o mote justo, de que falavam os franceses, a palavra exata, a palavra insubstituível.

Não é assunto fora de moda porque se trata da palavra e a palavra é eterna.

Sem esquecer que um dos melhores livros de Lobo Antunes se chama **Os cus de Judas**.

Se o personagem não a pronuncia está na hora de levá-lo ao psiquiatra. ①

Vida após a morte

Em **As viúvas passam bem**, Marta Barbosa Stephens explora as contradições humanas e a busca por algum sentido na vida

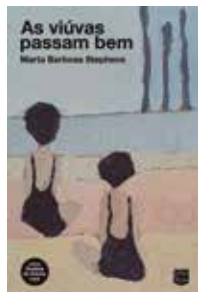
ALLYSSON CASAIS | NITERÓI - RJ

A publicação de um segundo romance é aguardada com antecipação. Em certos casos existe a expectativa de alcançar um público leitor maior. Em outros, se a primeira obra obteve grande sucesso, há a dúvida se o novo livro realizará o mesmo feito. Mais comum, entretanto, é o interesse da crítica pela elucidação do projeto literário em construção. Com a leitura do segundo livro, é possível averiguar os fios de ligação entre ele e o anterior, compreendendo-se temas e estratégias de escrita caras ao autor. Tal é o caso de **As viúvas passam bem**, romance mais recente de Marta Barbosa Stephens.

Situado no Recife dos anos 1990, **As viúvas passam bem**, finalista do Prêmio LeYa de 2021, narra a história de Margarete e Guiomar, duas mulheres tornadas inimigas após seus maridos se matarem durante uma discussão. Vizinhas, as viúvas realizam pequenas e bizarras vinganças uma contra a outra, marcando o cotidiano da pequena vila — “A história delas era um patrimônio público no bairro”. O romance é conduzido em primeira pessoa por uma narradora não nomeada, que escreve suas memórias adolescentes de Margarete e Guiomar. Neste sentido, há elos importantes entre o livro e **Desamores da portuguesa**, primeiro romance de Stephens, que confirmam aspectos de interesse na escrita da autora: a estrutura narrativa em que a narradora escreve histórias que escutou e a figuração de personagens em busca de algum sentido na vida. Características que, ao que tudo indica, serão recorrentes na sua literatura.

Desconfiança e afeto

Uma narradora suspeita ocupa o centro de **As viúvas passam bem**. Há tempos a literatura deixou de lado o narrador tradicional, dono de toda razão e inquestionável. Na produção contemporânea, eventos são narrados por sujeitos parciais, indecisos e mentirosos. O papel do leitor passou a ser desconfiar e questionar quem narra. Essa é a postura possível perante narradores como, por exemplo, o paranoico Daniel, de **Teatro**, de Bernardo Carvalho, ou a ambivalente Shirley Marlowe, de **Deixei ele lá e vim**, de Elvira Vigna. Indivíduos cujas vi-



As viúvas passam bem

MARTA BARBOSA STEPHENS
Folhas de Relva
124 págs.

TRECHO

As viúvas passam bem

As viúvas nunca se perdoaram. Não espere ao final deste relato um abraço afetuoso, um olhar de cumplicidade de quem deixa no passado as mágoas e é capaz de enxergar outra vez beleza no vidro em cacos. Isso nunca aconteceu. Nunca acontecerá. Morrerão se odiando. Morrerão tentando destruir uma à outra. Não há final feliz, anticipo.

sões dos eventos não são completamente confiáveis. Em **As viúvas passam bem**, Stephens constrói a descrença através de uma narradora com memória falha.

O que descrevo a seguir, permita-me alertar, tem origem no olhar de uma menina de 13 anos, abobalhada pelas descobertas de sua idade e curiosa por tudo o que não lhe era familiar. Possivelmente, muita coisa foi fantasiada. Não posso me assegurar de toda a verdade com tantos anos de distância. Ainda mais por ter sido uma adolescente presa no mundo paralelo das histórias e personagens que criava, e só eu via.

O distanciamento temporal é maneira conhecida de gerar dúvidas sobre as recordações de um narrador. Lacunar, a memória se torna mais imprecisa com o tempo. As lembranças da narradora de **As viúvas passam bem** são figuradas como incertas porque décadas separam os acontecimentos e o momento de escrita. A caracterização da personagem como imaginativa desde a juventude dá outra dobra à descrença por parte do leitor. O mais intrigante é tais características serem apresentadas abertamente. No romance, a desconfiança não é construída aos poucos, pois de largada a narradora declara não ter nenhum compromisso com a veracidade do relato.

A dubiedade da palavra da narradora oferece maior liberdade a Stephens na construção da narrativa. A estrutura de uma narradora que escreve lembranças sobre a vida alheia também está presente em **Desamores da portuguesa**. Lá, ela conta dos encontros com uma portuguesa que desabafa sobre desilusões amorosas. Em dado momento, o enredo se expande para tratar de outras mulheres para além da portuguesa. O movimento é desajeitado, outras histórias dificilmente encaixando-se dentro da estreita estrutura narrativa. Com uma narradora distanciada no tempo dos acontecimentos e que fabula abertamente, **As viúvas passam bem** escapa de tal restrição.

O enredo do romance se amplia para apresentar sujeitos ao redor das viúvas. A expansão é feita de maneira hábil. Com menções a comentários de outros personagens, entende-se que a história é composta pela recordação de eventos presenciados pela narradora e por boatos difundidos entre os moradores da vila. “Nunca parei de saber delas”, a narradora informa ao leitor, “nem mesmo quando deixei o Recife e me casei em São Paulo”. Desse modo, a estrutura narrativa possibilita a Stephens representar a intimidade não só das viúvas, mas também de outros personagens.

Com a figuração das relações entre as protagonistas e outros indivíduos, Stephens tematiza

DIVULGAÇÃO



A AUTORA

MARTHA BARBOSA STEPHENS

É jornalista e crítica literária com mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Nasceu no Recife (PE) e mora na Inglaterra. É autora de **Voo luminoso de alma sonhadora** (2013) e **Desamores da portuguesa** (2015). Tem contos publicados em diversas coletâneas, entre elas **Feliz aniversário, Clarice** (2020).

a importância das conexões humanas. Após o falecimento dos maridos, Margarete e Guiomar passam por um processo de descoberta de si. Quem são elas fora do casamento? Ódio e vingança são os motivos encontrados para continuarem a viver em um primeiro momento, mas logo se mostram limitantes. O sentido da vida passa por outro lugar.

As viúvas passam bem é um romance sobre afeto. É na troca com o outro que o renascimento das viúvas ocorre. E é também na relação com elas que esses outros sujeitos se encontram. Contudo, Stephens não trata do tema de maneira simplista. O amor, romântico ou não, no livro é plasmado como confuso e contraditório. A obra demonstra como é possível, por exemplo, que mãe e filho se amem, mas não se gostem, ou que desejos e expectativas em um relacionamento mudem ao longo do tempo, tornando-se o oposto do que eram no início.

Ao representar as relações humanas como complexas, Stephens evade qualquer maniqueísmo. Os personagens do romance são gentis, mas também mesquinhos e rancorosos. Eles se importam com quem amam ao mesmo tempo que são profundamente egoístas. E por serem contraditórios conquistam a empatia do leitor. Em tempos em que um certo moralismo afeta o meio literário, **As viúvas passam bem** exemplifica como a literatura mais interessante ainda está na exploração das contradições humanas. ●

De sobretudo e all star

Com um lirismo agudo e melancólico, **Engenheiro fantasma**, de Fabrício Corsaletti, traz Bob Dylan flanando por Buenos Aires

CRISTIANO DE SALES | CURITIBA - PR

Buenos Aires é uma cidade editada entre o monumental de suas paredes estatuárias e a coisa ruidosa da contradição urbana. Tem sons de bares, cafés, carros, artistas, protestos, variações da mesma língua, sinos e gritos de gol. Até mesmo o cemitério mistura o tempo silencioso das esculturas com o entusiasmo barulhento do turista. Tem cerveja, vinho e muita carne. Humana.

Tensão entre o moderno desmemoriado, mania de europeu, e o ameríndio que vende símbolos dos Andes, se não na calçada, na face. Até mesmo de deus, Maradona. Tem o lixo acumulado nas calçadas do centro, onde pingos de ares-condicionados nos sacaneiam e tem a média alta da sociedade *cool* de Palermo. Enfim, essa cidade entre o som e o silêncio, entre a plástica e a música, talvez caiba bem em um soneto, ou em 56.

Assim nos entregou Fabrício Corsaletti seu **Engenheiro fantasma**, que acaba de ganhar o Jabuti nas categorias poesia e livro do ano. Os contrastes catalisados num sujeito lírico inusitado, Bob Dylan, que nasce onírico, mas depois vai pintando e cantando uma paisagem bastante concreta, aparecem formalmente trabalhados por Corsaletti na tradicional forma cerimoniosa do soneto. Porém este, como já é praxe na contemporaneidade, não obedece ao esquema rítmico estrófico que nos levaria direto à tradição. Também não é o caso de vermos os versos correrem prosaicos, sintáticos. Tem algo nos sonetos desse livro que mistura a continuidade da música com a visualidade mais comum às artes plásticas.

O Dylan de **Engenheiro fantasma** não é apenas o músico, ou o vencedor do Nobel, é também e, com muita força, aquele que pinta quadros, “era preta a cerveja, verde a grama/ meus olhos de pintor são sempre orgânicos”. Então notamos no livro um ritmo particular, entre o estrófico (contemplativo) e o narrativo (da música canção). E tudo isso trabalhado em bem pensada poesia, terceira das artes articuladas pelo icônico sujeito lírico norte-americano inventado por Corsaletti.

A regularidade das rimas (mais para toantes) poderia depor

a favor de uma leitura previsível, com respeito aos cortes de fim de versos, mas a constante variação nos acentos chama para outra cadência. Uma em que a plasticidade não será apenas visual, ou o som, apenas música, mas sim em que ambas (pintura e música) compõem a paisagem sonora contrastante. Insinuando-se ora heroico, ora sáfico, ainda parece prevalecer uma mistura nesses acentos, o que deporia a favor da tensão criada no livro, variação entre o cerimonioso e a visceralidade urbana portenha.

Na mesma esteira de coisa menos óbvia, o que se impõe de prosaico não é, por sua vez, um chamado à leitura sintática, mas sim uma estratégia de estruturação narrativa que não depende apenas dos *enjambements*, e sim se desenvolve pela composição de diálogos:

[...]
“você precisa ouvir Cesária Évora”

ela me diz, vindo que estou nervoso
onde enfie minha capa de chuva?
[...]

Cinema

A sequência nesses versos não é induzida pelas orações, mas sim pelo processo de edição mais semelhante ao cinema, arte da imagem em movimento. Esse tom está muito presente no **Engenheiro** como um todo (e aí já estaríamos falando de uma quarta arte num mesmo objeto; fenômeno do qual a poesia contemporânea nem tem mais como escapar).

O sujeito que não apenas percebe a cidade em volta, mas que também a vai pintando com cores e vozes sujas, caminha como quem veste um sobretudo monótono e calça um par de all star surrado. Come *medialuna* e exala álcool. Lê jornal pensando em poesia. Cata palavras em praça alheia para juntá-las num bar. Pensa uma canção... para tinta óleo.

Também tem política, sem militância. Se os modernismos e a modernização argentina passaram ao longe da exaltação andina, de seu passado ameríndio, isso não passa despercebido aos olhos do poeta/cantor/pintor exilado.

[...]
subo num ônibus sentido cais
vejo as luzes da noite na janela
ao meu lado uma índia dorme e fala

saudade dos meus filhos, dos meus pais
eu deveria acender uma vela
queimar meu passaporte e minha mala

À semelhança do que ocorre no Brasil, onde se faz de conta que indígenas integram apenas a história e as florestas, e não o presente da paisagem urbana, o poeta vê na indígena da cena um pouco do outro exílio, aquele mais semelhante ao refúgio proveniente de genocídios. Ou seja, um exílio bem menos blasé do que seu típico recolhimento de ídolo norte-americano na América do Sul. Pois o exílio dela revela a perda do passado e do futuro, “saudade dos meus filhos, dos meus pais”, bem como uma vela que não simboliza fé alguma, antes, desejo de destruição da própria história. Puxemos também pela sonoridade da rima, “janela” com “vela”, para vermos que se o poeta em seu exílio ainda vive uma possibilidade contemplativa dentro do ônibus, para a “índia” o sonho é apagamento, incêndio na história. Um terceto fortíssimo!



O AUTOR

FABRÍCIO CORSALETTI

Nasceu em Santo Anastácio, oeste paulista, em 1978. Desde 1997 reside em São Paulo. Formado em letras pela USP, publicou, em 2007, **Estudos para o seu corpo**, que reuniu seus quatro primeiros livros de poesia. Escreveu **King Kong e cervejas**, livro de contos publicados em 2008, e a novela **Golpe de ar** (2009). Em 2010 sai **Esquimó** (poesia), pelo qual recebeu o prêmio Bravo!. Publicou também **Quadras paulistanas** (2013), **Baladas** (2016), **Todo poeta é um bar** (2018) e **Roendo unha** (2019). De crônicas publicou **Ela me dá capim e eu zurro** (2014) e **Perambule** (2018). Também escreve para público infantil: **Zoo** (2005), **Zoo zureta** (2010), **Zoo zoado** (2014) e **Poemas com macarrão** (2018). Uma antologia bilingue de seus poemas, com tradução para o espanhol de Mário Cámara e Paloma Vidal, saiu na Argentina sob o título **Feliz con mis orejas** (2016).

E ainda, como tem sido frequente na poética de Corsaletti, há em **Engenheiro fantasma** um lirismo agudo e melancólico, como podemos ver no soneto, a meu ver, mais bonito do livro, o de número 55, que merece ser lido na íntegra.

*nuvens correm por trilhos transparentes
existe um imã entre mim e elas
sento no parapeito da janela
e deslizamos juntos, sempre em frente*

*rótulos podem te deixar doente
o silêncio da aranha é parte dela
trabalhei cinco meses numa tela
não falei com amigos nem parentes*

*minha vizinha conversa com plantas
meu barbeiro só diz o preço e a hora
Hermes levava os mortos para o Hades*

*eu pego a frigideira e faço a janta
de sobremesa chupo umas amoras
a chuva cai de pé feito uma grade*

Grandes dramas

Aqui, o contraste não remete a cenas externas da cidade. Ele se dá no recolhimento do artista em estado melancólico, deprimido (suicida?) e manifesta o monumental na imagem das nuvens e dos grandes dramas. Evoca a mitologia grega por meio do personagem da morte. Já o ordinário aparece no jantar feito em frigideira, bem como em amoras de sobremesa. Sem chave-de-ouro, o poema se encerra em si mesmo, na dor do sujeito. Em meio à crise se manifesta também a tentativa de fazer uma obra de arte e de fronteira, entre a tela e a teia (texto), sempre em silêncio.

No entanto, vêm da solução formal das estrofes índices sutis de hesitações que vão se realizando na plasticidade do soneto — que, como já disse, não é apenas visual, mas também sonora. Qual seja, quase todas as rimas não combinam em número, vacilam entre o singular e o plural mostrando que há um descompasso interno no sujeito que, enquanto trabalha sua obra, pensa em se matar.

Mas nos enganamos se pensarmos que o tom melancólico do poema está confinado no duplo exílio do artista (exilado na cidade e, dentro desta, no ateliê), pois a vizinha e o barbeiro também compõem seus silêncios. De barulho aqui, só o que vai dentro, solidão, dor, isolamento.

Este é o penúltimo soneto do livro. Ele alerta para o fim do exílio. No derradeiro poema, vemos a partida de Buenos Aires. Como Rimbaud, poeta talvez mais moderno que os modernos, o artista sai da paisagem deixando o olho do leitor empedrado num passado monumental.

Quando sai de cena, do quadro, da canção e do poema, o sujeito lírico, catalisador das impurezas e dos contrastes da cidade em pulso, deixa o leitor desamparado diante apenas do “peso de granito”, ou seja, nem mais o sangue correndo quente nas veias, nem mais o que preenche subjetivamente um monumento. Só a pedra sem um poeta. O que, sabemos, é o fim. **🔊**



Engenheiro fantasma

FABRÍCIO CORSALETTI
Companhia das Letras
123 págs.



{ADORÁVEIS IMPOSTORES, ADMIRÁVEIS IMPOSTURAS} (2)

Nada é mais real que nada.

Malone morre

>uma armação dos sentidos

>na primeira parte do romance **A lua vem da Ásia**, de Campos de Carvalho, lançado em 1956, o protagonista pensa estar hospedado num hotel internacional, mas depois acredita ser prisioneiro num campo de concentração, até ser atravessado pela suspeita de que talvez esteja internado num hospital de alienados. {impostores & imposturas não são o assunto principal desse romance, mas eu o menciono porque, afinal, um romance de Campos de Carvalho é sempre uma narrativa sobre as armações dos sentidos em conluio com a lógica mais absurda. e porque nas páginas de **A lua vem da Ásia** já temos a premissa delirante, por exemplo, do romance **Paciente 67**, de Dennis Lehane.}

>uma armação de si mesmo

>no conto de Robert A. Heinlein intitulado *All you zombies*, de 1959, um homem é filho de si mesmo. exatamente: ele é seu pai e sua mãe, e também outros personagens da narrativa, dos dois sexos, em diferentes momentos de sua vida, mas apenas sua versão masculina mais velha sabe disso. as outras versões não suspeitam de nada. de que maneira essa excentricidade aconteceu? o homem é um viajante no tempo, é claro. {esse conto foi levado às telas com o título *O predestinado*, em 2014, pelos irmãos Spierig.}

>outra armação dos sentidos

>impossível não indicar com muita ênfase o sensacional romance satírico de Stanislaw Lem, **O congresso de futurologia**, lançado em 1971. sinopse: num futuro distópico, um coquetel de poderosas drogas psicotrópicas é usado pra falsificar radicalmente a percepção das pessoas, disfarçando a realidade miserável em que vivem. a nova ordem mundial é uma quimiocracia de vinte bilhões de seres humanos. enganados pelos sentidos quimicamente alterados, todos acreditam viver numa sociedade suntuosa, sem escassez alguma, enquanto o mundo real segue em franca degradação. {na verdade, são sessenta e nove bilhões de habitantes registrados legalmente e aproximadamente vinte e seis bilhões de clandestinos, mas a superdroga mascara essa hiperpopulação.}

>uma armação dos amigos

>no romance **Coração satânico**, de William Hjortsberg, o protagonista, Harry Angel, é um detetive particular contratado para encontrar Johnny Favorite, um famoso músico que desapareceu após a segunda guerra mundial. é uma história circular, em que a cobra morde a própria cauda. no final desse romance lançado em 1978, o protagonista e os leitores descobrem, estupefatos, que Harry Angel é o amaldiçoado Johnny Favorite. {Alan Parker dirigiu a versão para o cinema, lançada em 1987} ;se até então Harry Angel não sabia que ele mesmo era o famigerado Johnny Favorite, quem me garante que eu sou eu? quem te garante que você é você? ultimamente tenho pensado muito nisso. quem te garante que você não é outra pessoa? alguém que ainda não sabe que é você?

>o famoso romance **Paciente 67**, de Dennis Lehane, lançado em 2003, apresenta a mesma estratégia *o caçador é a própria caça*. esse romance foi adaptado para as telas por Martin Scorsese, em 2010, com o título de *Ilha do medo*. {outros filmes de sucesso em que, nos minutos finais, o protagonista leva um soco na cara, desferido pela realidade sacana: *O sexto sentido*, 1999, de M. Night Shyamalan, *Os outros*, 2001, de Alejandro Amenábar, *A chave mestra*, 2005, de Iain Softley...}

>uma armação da família

Laerte Coutinho é autora de uma das narrativas mais fascinantes no campo da *autoconsciência radical*. sua história em quadrinhos *A insustentável leveza do ser*, publicada em 1987 na revista *Circo*, é simplesmente genial. em poucas páginas — apenas seis — temos um jovem protagonista atingido com violência pela verdade da vida: seu pai não é seu pai, é uma mulher disfarçada de homem; sua mãe não é sua mãe, é um homem disfarçado de mulher; sua irmã atual é uma de muitas atrizes contratadas pra interpretar o papel de irmã... e no final, após nosso herói descobrir que não é um jovem branco, mas um jovem preto retinto, a grande revelação: a cidade é uma pintura na parede. “o mundo é falso.”

>uma armação da família e da comunidade

>na série de televisão *The twilight zone*, o episódio escrito por Joseph Straczynski, intitulado *Serviço especial*, oferece uma premissa semelhante. Nesse episódio bem-humorado, o protagonista descobre que nos últimos cinco anos fez parte de um programa ao vivo de tevê a

cabo. o mais chocante é constatar que todas as pessoas ao seu redor, incluindo sua mulher, estão simplesmente atuando. {Calma, pessoal, ainda não é *O show de Truman*.} sem que soubesse, sua rotina era transmitida vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e assistida por milhões de telespectadores pagantes. {*Serviço especial* foi ao ar em 1989.}

>mais uma armação da família e da comunidade

>agora sim: no filme *O show de Truman*, dirigido por Peter Weir, com roteiro de Andrew Niccol, o protagonista vive numa cidade cenográfica, cercado de atores, câmeras e microfones ocultos, mas somente ele não sabe que o artificial é artificial. que a simulação é uma simulação. que a impostura é uma impostura. ele realmente acredita que sua família, seu casamento, sua comunidade, é tudo real. toda a sua vida nesse imenso estúdio de televisão — vida real para ele, mas secretamente roteirizada, com intervalos comerciais — vem sendo monitorada e transmitida em rede nacional há três décadas. o programa *O show de Truman* é um sucesso estrondoso. {o longa-metragem foi lançado em 1998.}

>uma armação corporativa

>exatamente. não podemos esquecer da engenhosa clonagem-sapiens... quando a fabricação de seres humanos se torna uma atividade institucional deveras lucrativa, sempre há o risco de você ser você e também uma cópia de outra pessoa. Exemplos que mais me agradaram: o romance **Não me abandone jamais**, 2005, de Kazuo Ishiguro, e os longas-metragens *A ilha*, 2005, de Michael Bay; *Lunar*, 2009, de Duncan

Jones; *Não me abandone jamais*, 2010, de Mark Romanek; *Oblivion*, 2013, de Joseph Kosinski; e *The reconstruction of William Zero*, 2015, de Dan Bush.

>mais uma troca de identidade

>no romance satírico **Subsolo infinito**, de 2000, Olyveira Daemon parodiou e inverteu a história de William Hjortsberg (**Coração satânico**). agora é o protagonista furioso que vai ao inferno (**A divina comédia** e **Viagem ao centro da Terra**) em busca do diabo, para descobrir, no final, que ele mesmo, protagonista-caçador, é o próprio diabo-caça. tadam! um impostor involuntário, sofrendo de amnésia. um diabo meio bobalhão e incompetente, que foi enganado logo após ter firmado um pacto demoníaco (**Fausto e Grande sertão: veredas**). ;Hollywood ainda não adaptou esse livro para as telonas?! alô, David Cronenberg!

>no conto *Duzentas mil horas*, de Olyveira Daemon {adoro falar de mim na terceira pessoa}, seis personagens — marido, mulher, filha, filho, namorada do filho e amiga da família — descobrem, estarecidos, que todos os seis são impostores. não se trata agora de uma conspiração do destino, da família ou da comunidade, mas de uma tendência natural dos indivíduos — na verdade, estátuas de cera ambulantes — de trocar a antiga vida por uma nova, fingindo ser outra pessoa, em outro lugar, em outra família. pensando bem, no total são doze impostores, certo? seis presentes no palco narrativo e seis ausentes. {a sogra também é um impostora, mas ninguém sabe disso.} Netflix ainda não adaptou para as telinhas esse delicioso conto publicado em 2000. estão atrasados.👊

Ilustração: **Eduardo Mussi**



Selva devoradora

Em **Pistas falsas**, de José Eduardo Gonçalves, muita gente desaparece ou se perde de vista em contos em franco diálogo com o realismo mágico

ADRIANO CIRINO | BELO HORIZONTE - MG

Na trilha do ensaio *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (1979), no qual Carlo Ginzburg compara o historiador de arte Giovanni Morelli e o psicanalista Sigmund Freud ao detetive Sherlock Holmes, o título **Pistas falsas**, do mineiro José Eduardo Gonçalves, convida-nos a ocupar o lugar de leitores-detetives, porém fadados ao fracasso: nossas análises e interpretações — conto a conto, peça por peça — não resolvem seu suposto quebra-cabeça, que nos devora feito uma esfinge. Na página final do livro — fonte branca sobre fundo negro, a sugerir mistério ou segredo e a demarcar a voz do próprio autor —, ele afirma que “estamos perdidos. Não há pistas confiáveis, sinais por onde ir sem se machucar, alertas de precipícios ou de inimigos inesperados”.

Deduz-se da declaração — misto de confissão e visão de mundo — de José Eduardo que as “pistas falsas” são “os jogos de engano, as ofertas falsas de brilho” (inclusive as oriundas dos “habitantes de um inferno particular”), as quais nos conduzem aonde menos esperamos, de onde às vezes não saímos ilesos. “Tudo é e não é assim!”, anuncia uma das epígrafes, extraída de novela russa **O processo do tenente Ieláguin**, de Ivan Búnin.

Pistas falsas (título colhido de um verso da canção *Luz e mistério*, de Beto Guedes e Caetano Veloso) possui 53 contos e divide-se nas seis seções que se seguem comentadas (antes de devorar o instigante livro, o miolo do exemplar deste crítico descolou). Maria Esther Maciel assina o texto da orelha; Milton Hatoum, o da quarta capa — dois indícios favoráveis.

Vidas em desalinho

Já no primeiro conto do livro, *A casa*, temos um prodígio. Será que Luísa, a mãe desaparecida “sem explicação — nenhum recado, nenhuma pista, nenhum contato posterior —”, sequestrou os próprios filhos da casa do pai? Não. Eles sumiram num passe de mágica ocultista infantil. Nas entrelinhas, está o tema do abandono, da separação, da solidão e da chamada “síndrome do ninho vazio”.

Mentiras, confissão de uma voz feminina (aqui e em outros contos, o autor assemelha-se a Chico Buarque em *Folhetim* e tantas outras canções, tamanha sua sensibilidade para o sexo

oposto), é um exercício de autoanálise ou escrita terapêutica. Trata do fim do amor e do luto através de um ritual simbólico. “Corto os meus cabelos porque talvez assim eu consiga dizer a ele que não o amo mais”, diz ela.

Hora que oculta e revela, “entre a dormência e a lucidez”, o Crepúsculo é um símbolo do erótico e do transcendente (“os buracos negros que sugam todos os desejos”).

Encerrando a seção, *A carta* não é exatamente “de amor”; além disso, inverte o chavão: “E quando ela chegar em suas mãos, acredite, eu estarei vivo”.

Só garotos

No conto *O pai*, o filho, os sapatos do primeiro adquirem valor de herança afetivo para o segundo (“o legado das ninharias”). Na *Praia*, outro pai, entretido com um “livro ruim”, no instante em que perde de vista seu menino, este quase se afoga no mar. Por fim, quando o garoto Davi desaparece em um shopping (com três capítulos e dois pontos de vista, este conto de seis páginas mais parece um esboço de novela), são policiais que encontram “algumas pistas. Até então, todas falsas”.

Estética e projeto

A própria prosa de José Eduardo oferece pistas sobre sua estética e seu projeto literário em **Pistas falsas**. Desde já vamos analisá-las, a fim de ensaiarmos uma classificação ou filiação do autor, antes de prosseguirmos com os comentários, de modo mais claro e enfocado — ao modo de um explorador que encontra, a meio caminho, uma lanterna no fundo de uma caverna ou selva escura, que lhe revela sinais até então invisíveis, ilumina seus passos cegos e o guia até seu destino final.

Em **Pistas falsas**, os contos são breves (três páginas, em média); os parágrafos, longos (efeito de fluxo da consciência). O estilo é culto, médio; o foco ou ponto de vista, a primeira pessoa; o tom, confessional ou memorialístico; a voz, às vezes, feminina; os desfechos, desconcertantes, marcados por reviravoltas.

Os temas são o cotidiano (“os textos podem ser lidos como contos ou crônicas”, segundo Hatoum); as relações familiares ou relacionamentos amorosos; os sumiços e desaparecimentos misteriosos (“situações inesperadas e imprevisíveis”, de acordo com Maciel).



O AUTOR

JOSÉ EDUARDO GONÇALVES

Nascido em 1957, em São João del-Rei (MG), o jornalista, escritor e editor José Eduardo Gonçalves é autor do livro de contos **Cartas do Paraíso** (Mazza, 1998) e do romance **Vertigem** (Record, 2003), além de organizador do volume **Ofício da palavra** (Autêntica, 2014), premiado na categoria Melhor Livro Teórico pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em 2015.



Pistas falsas

JOSÉ EDUARDO GONÇALVES
Patuá
172 págs.

Entre as influências literárias citadas, direta ou indiretamente, estão Carlos Drummond de Andrade, Murilo Rubião e Clarice Lispector; Kafka, Hemingway e Borges.

Intuímos ou pressentimos aqui um caso particular de realismo mágico ou maravilhoso — classificação inesperada, arriscada e instigante (“Não sei se me filio a alguma tradição”, declarou José Eduardo em entrevista ao jornal *Estado de Minas*, em junho de 2023. “Mas eu não seria nada sem Cortázar e Kafka, autores da minha vida inteira.”)

O tigre e outros bichos

O tigre é uma releitura do conto *O búfalo*, de Clarice Lispector (**Laços de família**). Estes animais selvagens, quando enjaulados no zoológico ou “solto[s] [...] em meio à folhagem densa de uma mata qualquer”, são como um espelho e uma esfinge para quem os contempla, ainda quando no sonho das feras: “Uma folha se mexe, percebo que já não o vejo mais. Então, ele me devora”.

Espantos

Drones é ambíguo. IA, sim, mas qual: invasão alienígena ou inteligência artificial?

O tema do “duplo” faz-se presente em *A festa*, conto ferino, hilariante, intrigante. “Sou conhecido por minhas opiniões francas, incisivas, mas nunca enquanto desfruto da hospitalidade alheia”, diz o narrador. “Minha acidez está reservada para as notas que destilo em minha coluna.” A tese implícita é de que o escritor é aquele que se divide em dois: um que experimenta, vivencia; outro que escuta, observa e toma nota. “Quem poderá, de fato e ao final, narrar o que se passou?”, questiona-se ele, retoricamente.

Discurso de um morto (como **Memórias póstumas de Brás Cubas**, por exemplo), *O condenado* também lembra **O processo** e **O estrangeiro**, de Kafka e Camus, respectivamente, na medida em que trata de um condenado à morte — a pena inexistente no Brasil — por uma sentença injusta, absurda mesmo: o réu diz que roubou para comer e dar de comer à família faminta (não vamos nos esquecer ainda de *Um artista da fome*). A descrição de seu caminho rumo à execução é dilacerante: “Dei a todos um dia de festa e júbilo”, ele comenta, com mordacidade.

Nocautes

Seção reservada a cinco microcontos que, apesar do nome, não dão “nocautes”; na melhor das hipóteses, fazem cosquinhas ou deixam uma pulga atrás da orelha.

Pistas falsas

A última seção dá título ao livro e contém *A selva*, conto que inspirou a ilustração da capa: um relato de viagem — memória e testemunho — de um repórter, enviado especial a África, “lugar inóspito e incompreensível, arditosamente silencioso, habitado por predadores famintos”. Os pigmeus brincam com ele em um balanço, tomam-lhe o relógio “que brilhava esquisito” e não sorriem para as fotos.

A África surge como um símbolo de selva, do selvagem — uma alegoria para o instinto, a pulsão e o inconsciente. Diz o homem, no conto:

Por essa razão, tenho visitado a África com frequência. Não aquela, a da mata espessa e de gente miúda que abria o caminho a machadadas, mas esta que ainda resiste em mim, na qual me sinto balançar de um lado a outro em uma certa tarde cinzenta, a selva que se adensa em mim, que não deixa entrever e nem nunca se revela, esta sim, incompreensível.

Tomando de empréstimo as palavras do crítico Luis Leal (*El realismo mágico en la literatura hispanoamericana*), esse narrador-testemunha “enfrenta a realidade e nela trata de desentranhar, de descobrir o que há de misterioso nas coisas, na vida, nas ações humanas”. [*Tradução livre*] Nesse sentido, “o realismo mágico é, antes de mais nada, uma atitude ante a realidade. [...] o principal não é a criação de seres ou mundos imaginados, mas sim o descobrimento da misteriosa relação que existe entre o homem e sua circunstância”.

Na última página de **Pistas falsas** — aquela de fonte branca sobre fundo negro —, José Eduardo dá sua definição para a vida e a escrita, e aproxima ambas. “Escrever é um ato selvagem, radical”, defende ele (como Marguerite Duras ou Clarice Lispector, por sinal). “A vida insana, é o que se escreve quando se enfrenta a selva.”

Donizete Galvão por
Ramon Muniz



Entre o azul absoluto e os seres rejeitados

Poesia reunida confirma a capacidade de Donizete Galvão de formular profundamente o mundo

RENAN NUERNBERGER | SÃO PAULO - SP

Já se repetiu à exaustão que os poetas são antenas. No entanto, mais do que simplesmente retransmitir os valores de uma época, os grandes poetas são capazes de captar ondas muito sutis, cujos mínimos sinais revelam uma nova figuração das coisas cotidianas, projetando-as num horizonte ainda pouco vislumbrado. A aguardada reunião da poesia de Donizete Galvão confirma essa capacidade do autor de formular profundamente o mundo, plasmando uma decantada atenção ao aparentemente banal com uma consciência desencantada diante da vida social em latente colapso.

Organizado por Paulo Ferraz e Tarso de Melo, o volume **Poesia reunida** traz em ordem cronológica a produção de Donizete Galvão, desde sua estreia em **Azul navalha** (1988) até o derradeiro **O antipássaro** (2018). Desse modo, a publicação apresenta o poeta a uma nova geração de leitoras e leitores, além de permitir uma revisão coerente da obra, apreendida agora em sua totalidade. Nesse sentido, é possível perceber melhor como alguns motivos atravessam os livros, engendrando modulações que dinamizam a escrita do poeta, a começar por seu constante diálogo com as artes visuais.

As “certas sedes de azul”, anunciadas no poema *De fora*, de **Azul navalha**, desdobram-se em **As faces do rio** (1991), em poemas como *International Klein Blue* — “Azul borracha./ Anula as outras cores e inaugura o reino do um” —, ganhando ainda mais força na imagem da “pedra de anil”, de *Pontos de luz*:

*A pedra de anil
atirada na água
cria fiapos de cor
até que ondas de azul
tinjam toda a vasilha.*

A beleza epifânica das “ondas de azul”, construída lentamente por “fiapos de cor”, é indissociável da diluição da pedra de anil para a lavagem de roupas. Por sua vez, essa ação doméstica é replicada nos gestos de artistas plásticos em poemas como *Anil*, de **Do silêncio da pedra** (1996) — “Pedra tocada por Yves Klein,/ em que borda do poço/ se perdeu?” — ou o incrível *Blues para Niura*, de **O homem inacabado** (2011):

1
*na geométrica
pedra de anil
— objeto virtuoso —
o menino descobre
o que não havia:
o azul absoluto
sua cosmogonia*

2
*mergulhe as pastilhas
azuis na água da bacia
inaugura-se um mar
miudinho
(antecipação dele)
em meio à serra*

[...]

5
*a caneta bic azul explode no bolso
da camisa branca de uniforme
o corpo fica poroso ao azul
bebe dessas efêmeras alquimias*

6
*curar as feridas
da boca
com azul de metileno
a cor que persiste na língua
vem de um tempo sem memória
antes da primeira palavra*



Poesia reunida

DONIZETE GALVÃO
Círculo de Poemas
526 págs.

A lembrança do menino descobrindo o “azul absoluto” é reconstituída pela reflexão do homem cultivado, fazendo uma síntese entre o conhecimento prático do trabalho manual e a linguagem especulativa da meditação poética. Mais que isso, a materialidade do azul atravessa o corpo do sujeito, entranhando a experiência sensorial na ambígua “língua”, a qual cristaliza concretamente o acontecimento enquanto poema e, ao mesmo tempo, aponta para um “tempo sem memória”. Sem o corpo, portanto, o poema jamais teria sua centelha de descoberta — mas é somente por meio do poema que essa centelha se ilumina novamente, sendo agora partilhada com todas e todos que o leem.

Essa valorização do corpo a corpo com o mundo, marcada pelo trabalho físico, como lição material de poética é recorrente em toda a obra de Donizete Galvão, como aparece em *Jardinagem*, de **A carne e o tempo** (1997):

*Cuide do esterco, sem asco.
Carregue o estrume de vaca
e vá fazendo um monturo.
Deixe que a mistura arda,
que o cheiro acre entre nas narinas.
Depois, revolva tudo com as mãos
mesmo que o esterco penetre nas unhas.
Fira a terra com a enxada,
espalhe o esterco pelos canteiros.
Deixe que seus cabelos se enrosquem
na testa e na nuca suadas.
A roseira lhe trará
rosas mais perfumadas.*

Palavras simples

Nesse processo de exaustiva construção da beleza, Galvão reabilita as palavras mais simples e, muitas vezes, consegue suspender, ainda que momentaneamente, a cisão entre eu e mundo — como nos versos finais de *O poço*: “Enquanto se engole a água, as costelas roçam o chão./ Não se sabe se o pulsar é dela, terra, ou dele, coração”. Isso não significa, por outro lado, que essa seja uma poética de absoluta integração com o que chamamos de natureza. Ao contrário, na maioria dos poemas, a relação do eu com o mundo é marcada por violentas reações externas contra o homem, como em *Oceano cinza*, no qual o olhar do outro é, em si mesmo, um ataque (“Mil olhos nos fitam./ Mil olhos nos furam”), que culmina nos “Olhos de gaivota/ que rejeitam o peixe/ e miram o fígado/ do homem na areia”.

Que o título do poema remeta a *Ocean Greyness*, quadro de Jackson Pollock, sendo, portanto, um sugestivo exercício de éfrase, não relativiza a tensão corporal entre sujeito e objeto. Mediada pela referência artística, esta tensão se intensifica na medida mesmo em que inverte os polos da relação, uma vez que aqui é somente o quadro que nos olha. Assim, o poema aproxima a reflexão sobre a imagem não-figurativa do artista norte-americano ao delírio de uma cena na praia na qual todos os entes (sal, chuva, limão, gaivota, oceano) voltam-se contra o homem indefeso, cuja imagem, por sua vez, torna-se uma versão reduzida, e sem nenhum heroísmo, do mito de Prometeu.

No entanto, são os embates da vida na metrópole que produzem os poemas mais angustiantes, relevando o desterro do mineiro de Borda da Mata na cidade de São Paulo. Se é verdade que, em muitos momentos, Galvão demonstra um desajuste de origem, como no poema-título de **Ruminações** (1999) — “Nunca saí dessa roceira Minas/ que nos dá aflição e dor como herança./ [...] Vidas acanhadas atrás de janelas/ na cidade que não define nem prospera” —, não se pode negar que o espaço urbano mostra-se ainda mais doloroso, uma vez que atravança a própria experiência sensorial, como em *A cidade no corpo*, de **Pelo corpo** (2002): “Esta cidade: minha cela./ Habita em mim/ sem que eu habite nela”.

Nesse espaço de desagregação, o sujeito alijado não encontra nenhum refúgio, tecendo, por vezes, uma frágil identificação com outros seres rejeitados, como a “pomba lerda”, de *Deformação* (“é pomba lerda/ viu o que a cidade lhe fez?/ Bem feito para você./ Viu o que a cidade nos fez?”), de **Mundo mudo** (2003). Tal violência do espaço urbano, implacável com os desajustados, será radicalizada no último livro, **O antipássaro**, a partir de uma re-visitação dos motivos da própria obra, com a qual Donizete Galvão coloca em questão aquele esforço de construção de beleza presente nos primeiros livros.

Isso fica evidente em *Flora urbana* (que, aliás, entre parênteses, pode ser comparado a alguns poemas de **Caçambas**, de Ruy Proença, dando a ver as afinidades entre os dois poetas), no qual o conhecimento prático sobre botânica, parodiado em dicção enciclopédica, nutre a imaginação poética na descrição das máquinas e dos objetos:

As caçambas vivem nas ruas, principalmente em casas que passam por reformas. Devoram azulejos, tijolos, pisos quebrados, a memória da família que habitou aquela casa. Todas trazem em suas pétalas números de telefones gravados. Esporádicas, não têm data certa para florir. São um monumento ao provisório. São flores pesadas, difíceis de serem removidas ou roubadas.

Todavia, apesar da melancolia dos últimos livros, é preciso dizer que Donizete Galvão

nunca perdeu, de todo, o empenho de captar alguma beleza nas diminutas frestas do cotidiano opressor. Afinal, como nos ensina o poema *Entre noites*, entre uma e outra escuridão, há sempre o “voo/ breve/ sob/ o sol”.

Há, obviamente, muitos outros percursos em **Poesia reunida**, que as leitoras e os leitores poderão explorar. Um último comentário, porém, me parece pertinente. Olhando em retrospectiva, a trajetória poética de Donizete Galvão coincide com o arco da chamada Nova República, entre a promulgação da Constituição de 1988 e o golpe institucional de 2016. Trata-se de um raro momento de estabilidade democrática no país, cuja história é marcada por uma série de intervenções autoritárias. No cenário poético, *grosso modo*, esta estabilidade comparece na diversidade das propostas estéticas, fomentada de maneira consciente pelas mais importantes revistas literárias da virada entre anos 1990 e 2000.

Sem participar diretamente de nenhuma destas revistas, a poesia de Donizete Galvão fez parte desse ambiente pluralizado, mas sempre manteve também, por sua própria condição interna de desajuste, certo grau de afastamento dos valores em voga nos principais círculos literários do período, ocupando, assim, um espaço singular dentro do panorama poético contemporâneo. Tentar sondar, nessa tensão entre o azul absoluto e os seres rejeitados, uma imagem consistente da vida social brasileira nas últimas décadas pode ser algo revelador. **■**



O AUTOR

DONIZETE GALVÃO

Nasceu em Borda da Mata (MG), em 1955. Mudou-se para São Paulo (SP), em 1979, onde trabalhou como jornalista e publicitário. Recebeu o prêmio APCA de autor revelação por **Azul navalha** (1988). Publicou nove livros de poemas, agora coligidos em **Poesia reunida**. É autor dos infantis **O sapo apaixonado** (2007), **Mania de bicho** (2010) e **Escoiceados** (2014). Faleceu em 2014.

Nina Simone

*Voz de taturana
que deixa um rastro de fogo
por onde passa.
Voz de soda cáustica
roendo a carne
até cavar um fosso.
Voz púrpura
das cinco chagas
da paixão.
Voz de aço
temperado com bourbon.
Voz de avatar,
de deus Vishnu,
de San Juan de la Cruz
cantando blues.
Voz de negra veia,
voz de lobisomem
uivando para a lua cheia.*

Escoiceados

*Meu pai e eu
nunca subimos
num alazão
que galopasse
ao vento.
Tínhamos
um burro
cinza malhado:
o Ligeiro.
Foi apanhado
de um conhecido
por ninharia.
Chegou com fama
de sistemático,
cheio de refugos.
De trote tão curto
que dava dor
nas costelas.
De certa vez,
caímos do burro.
Meu pai e eu.
Eu e meu pai.
Embolados.
Joelhos esfolados
no pedregulho.
Levamos
bons coices.
Meu pai e eu.
Os dois
nunca subimos
na vida.*

**José Castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

QUAL NOVO EM 2024?

Este 1º de janeiro tem um novo número: 2024. Impositivo, regulará nossas vidas nos próximos 366 dias. Em outros calendários, diferentes do gregoriano, estaremos ou à frente, como o islâmico que marca o ano de 1445-1446 no mesmo período, ou atrás, como no chinês, que apontará o ano de 4721 a partir do nosso 10 de fevereiro. Lembro que estamos no mesmo planeta e os números em litígio nos contam histórias e civilizações milenares que foram se construindo e produzindo simbologias, cenários e futuros desenhados pelo que acumularam.

Esses acúmulos, e a história pesquisada pelas diversas disciplinas das humanidades, das ciências físicas, biológicas e exatas, nos permitem dizer: feliz ano novo para todos e todas cada vez que um desses calendários iniciarem um novo ciclo de contagem dos nossos dias. O aparente conflito dos números, na verdade, demonstra uma trajetória do ser humano no tempo contabilizado por suas culturas em suas diversidades históricas, antropológicas, filosóficas, geográficas, entre tantas outras possibilidades objetivas e subjetivas.

Parece um final feliz termos a possibilidade lógica de dizer **Feliz ano novo!**

O que me pergunto é de qual novo estamos tratando quando nos cumprimentamos: o que diz respeito a algo que acabou de surgir no tempo, como um objeto adquirido recém-saído da fábrica, ou algo que apesar de já ter surgido no tempo e no espaço consegue se renovar, se oxigenar, se recompor para melhor?

Não é uma reflexão simples, mas convivemos com ela na música que cola nos brasileiros todos os anos neste período de festas: “hoje é um novo dia, de um novo tempo...”. A bem produzida mensagem nos sorri com rostos conhecidos todos os anos e, no entanto, os mesmos produtores do “novo tempo” fazem tudo igual ano após ano: noticiários que se confundem com editoriais da empresa; entretenimento quase sempre alienante; parcialidade na exaltação de valores sociais conservadores, entre outros procedimentos estrategicamente projetados em seus planos de negócios. Ou seja, o novo aqui é apenas novidade e tem como missão central preservar o *status quo* que sustenta todas as feridas à mostra no flagelado planeta que habitamos.

Tudo isso seria um exercício diletante se não implicasse nas nossas vidas. O exemplo acima é ilustrativo, talvez didático, mas está longe de ser o mais significativo ao ocultar o verdadeiro sentido

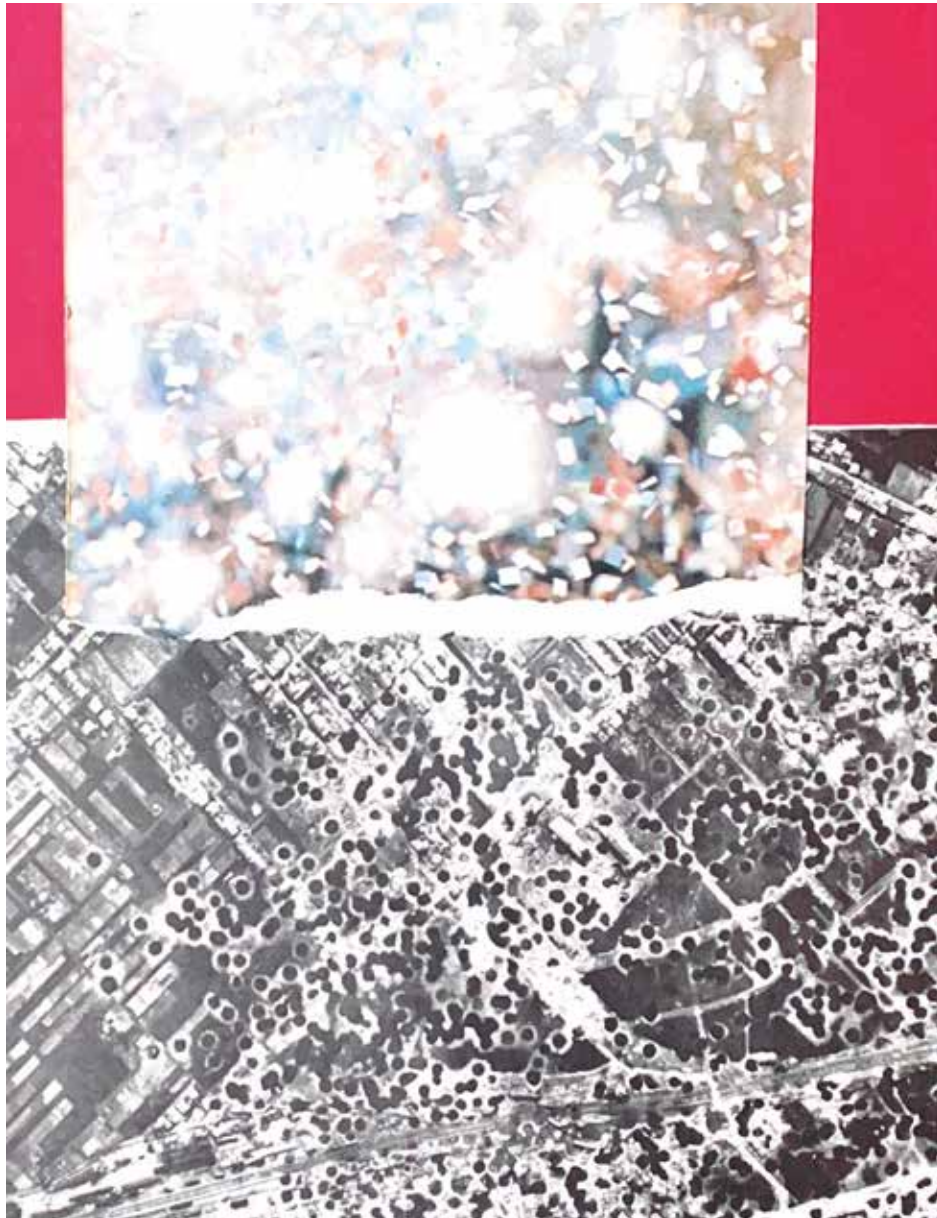


Ilustração: Miguel Rodrigues

do novo que nos falta sempre que nos cumprimentamos com olhos de esperança.

Começaremos o novo ano de 2024 interrompendo o genocídio de Gaza e a guerra na Ucrânia que já mataram milhares, principalmente crianças? Ou equalizando as oportunidades para todos e todas que estão sem teto, sem comida, sem trabalho, sem escola, sem acesso aos direitos básicos da cidadania? Economistas, planejadores sociais, políticos de vários matizes ideológicos já demonstraram que uma pequena transferência de riqueza do 1% do topo da pirâmide social para a base miserável erradicaria a fome dos sem futuro.

Começaremos o novo ano de 2024 desarmando o planeta que acumula recordes de assassinatos pela via do banditismo na sociedade ou do banditismo dos Estados e seus exércitos alimentados pela indústria armamentista que cresce vertiginosamente todos os anos? Valorizaremos a vida no lugar da morte provocada por doenças e repressão xenofóbica aos milhões de migrantes de suas terras? Ou por balas perdidas dirigidas aos jovens, pretos, periféricos e que nada têm a não ser a justa ânsia de viver?

Começaremos o novo ano de 2024 modificando nossos sistemas de produção de riquezas e bens? Teremos crescimento com sustentabilidade ambiental e humana, com equidade nas oportunidades, ao contrário do que se pratica hoje com a exaltação da nefasta meritocracia neoliberal? Estaremos ecologicamente equilibrados para sobrevivermos como espécie e restaurarmos o já destruído planeta como apregoamos as várias conferências climáticas?

Começaremos o ano de 2024 encarando a resolução para problemas tão básicos quanto necessários a uma humanidade renovada? Me refiro ao direito à educação de excelência para todas as pessoas, com a valorização da cultura, da leitura e da escrita, do respeito a todos os gêneros, raças e opções sexuais, assim como o respeito aos que creem e aos que não creem na prática de sua religiosidade desligada de fanatismos e radicalidades discriminatórias e destrutivas. Instaurar o respeito pelo outro significa optar pela alteridade e não pelo egocentrismo dominante que impede que nos vejamos como seres coletivos, comunitários, gregários por natureza.

Fala-se muito em inovação como o conceito transformador necessário ao nosso tempo. Abstratamente posso concordar, mas é importante localizá-lo no cotidiano das pessoas e nas práticas sociais que vivemos neste tempo de sombras. Muitas vezes inovar significa recuperar, reconhecer, restaurar práticas e valores individuais e sociais que a humanidade se viu coagida a abandonar por interesses pautados pela voracidade anti-humanitária dos que visam apenas seus lucros financeiros concentradores de riqueza como nunca praticada em tal escala.

Tomo como exemplo a necessária valorização da leitura literária. Inovar seria descobrir um método ou aparelho infalível que ganhe a competição junto aos jovens e adultos pela satisfação da ansiedade insana proporcionada pelos *gadgets* eletrônicos e conquiste,

miraculosamente, novos leitores? Ou inovar seria introduzir em escala nacional a leitura reflexiva, a leitura literária no coletivo desde os primeiros anos da criança na família e na escola e sem outro objetivo a não ser ler e desfrutar? Inovar não seria também aumentarmos cada vez mais as experiências literárias dos slams, dos saraus, dos encontros presenciais nas livrarias e bibliotecas e animá-los com convívio musical, gastronômico, afetivo, participativo da vida das mais diversas comunidades? Inovar não seria ampliarmos o que está dando certo na formação de leitores e leitoras com cidadania, empatia, compromisso coletivo, coisa que já acontece aos milhares no Brasil em muitas comunidades, em bibliotecas de acesso público, em escolas que não se corromperam para o produtivismo, entre tantos outros espaços?

Talvez essas incômodas reflexões não sejam a melhor sobrementada para o almoço do primeiro dia do novo ano, mas ao nos aproximarmos do final da primeira quadra deste século 21, que deveria ser do conhecimento e da informação, temos que ter a responsabilidade de defender e procurar construir uma sociedade que se distancie cada vez mais dos representantes populistas e fascistas que insistem em ser hegemônicos em nosso país e em muitos outros pontos do globo. E não faremos isso se não enfrentarmos o que os impulsiona: a manutenção das desigualdades. Ou, para não perder o mote desta coluna, o medo do verdadeiro novo, daquele que pode transformar.

Não sou um otimista, sou mais adepto do esperar freiriano, da ação ativa que pode provocar mudanças substantivas. Em outros períodos afirmei que passávamos por tempos de oportunidades, *kayrós*. Naquele período construímos o PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura) resultando em pequeno, mas significativo avanço nessa área. Gosto de pensar que mais um tempo similar, embora não tão profundo, se abriu, e que é preciso atuar com firmeza e construir possibilidades.

Apesar do cenário de destruição após o banditismo que assaltou a república nos últimos anos, é possível tornar 2024 um marco de transformação importante na reconstrução do país. As notícias do final de 2023 na macroeconomia foram animadoras até nas análises de jornalistas e economistas conservadores, com inflação sob controle e expectativa de crescimento. Este fato pavimentou outras ações de políticas públicas que podem caracterizar avanços pontuais, mas estratégicos, como o direito à leitura.

Com este espírito de ação é que abraço neste 2024 os que lutam em funções públicas ou na sociedade pela formação de leitores e leitoras. Já anunciado pelo MinC e MEC, espero festejar a aplicação da Lei da PNLE (Política Nacional de Leitura e Escrita) e ver elaborado e promulgado o novo PNLL decenal. Sem esmorecimentos! **📖**

COM O CONTO NA ALMA

O contista Nivaldo Tenório nasceu em Garanhuns, no Agreste pernambucano, a mesma região de onde o presidente Luiz Inácio Lula da Silva migrou nos anos 1950. Se hoje o escritor pudesse recomendar um livro ao conterrâneo, seria **O outono do patriarca**, romance em que Gabriel García Márquez cria uma alegoria a respeito do autoritarismo na América Latina.

“Com um pouco de sorte ele gosta e recomenda ao [Nicolás] Maduro”, diz neste *Inquérito* o autor da coletânea de contos **Verão**, lançada em 2022 pela Cepe.

Formado em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE), Tenório se dedica exclusivamente às narrativas breves, o que é pouco comum na ficção brasileira contemporânea.

“Quando estou escrevendo um conto, sinto que ele só vai pra frente se eu adoecer dele”, diz. “Quando vou dormir e acordo pensando nele, nesse momento as circunstâncias não importam e consigo escrever até com barulho.”

Além do mais recente **Verão**, o escritor publicou ainda **Dias de febre na cabeça** (2012) e **Ninguém detém a noite** (2017).

Livros em que o leitor encontra as pegadas de Katherine Mansfield e Tchekhov, mestres das narrativas breves e que inspiram Tenório a buscar uma literatura com alto poder de síntese, em um estilo enxuto. “Meus livros de contos são concebidos como um todo, sendo assim, pra mim, como para o romancista, o mais difícil é sempre começar.”

E quando o trabalho engrena, sua maior preocupação é “não dizer tudo, esconder com sutileza, não subestimar a inteligência do leitor, mas também não o tomar por um novo Einstein”.

Além de seu método de escrita, Nivaldo Tenório fala sobre livros imprescindíveis e descartáveis, um autor para ficar de olho e os limites da ficção.

• Quando se deu conta de que queria ser escritor?

Escrevia versos anacrônicos inspirados em Poe e Álvares de Azevedo. Acho que me dei conta de que queria ser escritor quando reconheci o quão ruins eram os versos.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

Elias Canetti nos conta que todas as manhãs lia algumas páginas de **O vermelho e o negro**. Fazia isso como se buscasse ali o ritmo ou o tom de que precisasse para compor o seu **Auto de fé**. Quando estou escrevendo, durante as ma-



DIVULGAÇÃO

nhãs, tenho a mesma mania, leio e releio trechos de contos bem familiares, K. Mansfield e Tchekhov revezam na maioria das vezes.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Ultimamente tem sido a **Legenda áurea**, de Jacopo de Varazze.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Lula, qual seria?

Dizem que Lula aprendeu a ler na prisão, o certo é que lá pôde dispor de tempo e ao que parece soube utilizar na leitura de bons livros, agora está chegando aos 80 anos e voltou a ser presidente num tempo e numa América do Sul que ainda acolhe ditadores, então talvez eu recomendasse **O outono do patriarca** [Gabriel García Márquez], com um pouco de sorte ele gosta e recomenda ao Maduro.

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Quando estou escrevendo um conto, sinto que ele só vai pra frente se eu adoecer dele, quando vou dormir e acordo pensando nele, nesse momento as circunstâncias não importam e consigo escrever até com barulho, mas gosto da manhã, na minha casa, gosto do silêncio que reina aqui.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Gosto do livro físico, feito por um editor que gosta de livros, um livro bem diagramado etc., o resto fica por conta da minha poltrona e do silêncio.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Quando escrevo e termino o dia ainda com vontade de escrever.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Meus livros de contos são concebidos como um todo, sendo assim, para mim, como para o romancista, o mais difícil é sempre começar, mas quando o trabalho está adiantado, quando noto que as personagens se sustentam de pé e a atmosfera que as envolvem tem potencial para envolver o leitor, sinto nessa etapa do trabalho um prazer que se renova a cada página concluída.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

A indisciplina, acho, e a morte.

• O que mais lhe incomoda no meio literário?

Não frequento o meio literário, e fujo das redes sociais.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Francisco de Moraes Mendes.

• Um livro imprescindível e um descartável.

Imprescindível: **Nove, novena**, do Osman Lins; Descartável: **O iluminado**, de Stephen King.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

Engajamento político, a ideia de que a literatura não passa de um meio de propagar uma ideia, por melhor que seja.

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Mensagens edificantes, otimismo desarrazoado.

• Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?

Quando se fala em inspiração, pensa-se logo em algo bom e belo, quicá virtuoso, o que normalmente me inspira passa longe disso, e buscando o teatro onde vive e se relaciona o bicho homem, fui capaz até de me inspirar num quartel do exército, quando ali servi como recruta numa Companhia de fuzileiros.

• Quando a inspiração não vem...

Ela nunca vem, eu que sou teimoso e tenho de correr atrás.

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Gosto de escritores que se orgulham dos livros que leram, mas Borges parecia muito centrado em si mesmo, devia ser bom para encontros com seus eus no futuro ou no passado, então escolho Antonio Tabucchi, que também foi um leitor apaixonado, do tipo que gostava de ouvir enquanto tomava uma xícara de café.

• O que é um bom leitor?

Aquele que compra o livro pelo simples prazer de ler e que o lê preocupado com as nuances ali escondidas.

• O que te dá medo?

Morrer de repente.

• O que te faz feliz?

Ultimamente tem sido meu neto.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Acho que as dúvidas que surgem na hora da escrita, de como tomar as melhores decisões na carpintaria do conto, e não me refiro somente a estrutura e ritmo, há tantas coisas que cabem e não cabem num conto, são elas responsáveis em me fazer escrever um único conto às vezes por meses a fio.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Não dizer tudo, esconder com sutileza, não subestimar a inteligência do leitor, mas também não o tomar por um novo Einstein.

• A literatura tem alguma obrigação?

Parafrazeando Oscar Wilde, apenas a de ser bem escrita.


• Qual o limite da ficção?

A ficção não tem limites, ela vem em nosso socorro quando a realidade se esgota.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

A Mavial Medeiros, meu professor da sétima série, mas parece que ele se encantou. Depois de muitas tentativas, conseguiu finalmente construir sua máquina do tempo e se mudou para a Belle Époque, onde vive um caso de amor com Jeanne Duval.

• O que você espera da eternidade?

Sou ateu, logo não espero nada. 

rascunho recomenda NACIONAL

Um dos livros mais importante da carreira do carioca Alberto Mussa, o romance **Meu destino é ser onça** ganha uma nova edição. Após estudar os fragmentos de registros sobre a cultura indígena da baía de Guanabara, feitos pelo frade André Thevet, em 1550, e cotejá-los com as demais fontes dos séculos 16 e 17, Mussa reconstituiu o que teria sido o texto original de uma narrativa tupinambá. Esses escritos decifram o mundo construído pelas divindades Maíra e Sumé, além de informar sobre o surgimento desse povo nativo que se estabeleceu no litoral. Vindos da Amazônia, onde viviam há pelo menos 11 mil anos, os tupinambás se constituíam em grupos diversos e autônomos, falantes do tupi-guarani, que se espalharam pelo país. Eles acumularam um conhecimento tão precioso sobre o território que se tornou base para o estabelecimento de nossos primeiros centros coloniais do século 16. Influenciaram, assim, a língua falada, as trocas comerciais, os nomes topográficos, as disputas territoriais, a administração de aldeamentos e feitorias, a alimentação, e demais costumes dos brasileiros, entre eles, o banho e a depilação.



Meu destino é ser onça

ALBERTO MUSSA
Record
208 págs.

Conhecido principalmente pelos romances e por livros de poesia, o gaúcho Paulo Scott estreia como dramaturgo. Na peça **Crucial dois um**, o escritor tece um universo dividido por “muros intransponíveis”, regido pela disputa econômica por água potável. A trama ganha contornos distópicos quando somos apresentados ao programa Retorno Vinte e Um, cujo objetivo é proporcionar 21 horas de sobrevida para que sua seleta clientela possa atender pendências burocráticas, profissionais e pessoais.



Crucial dois um

PAULO SCOTT
Cobogó
136 págs.



DIVULGAÇÃO

Risos no hospício é o 18º livro de Carlos Castelo, um dos criadores do grupo de humor musical Língua de Trapo. São 53 crônicas e 104 aforismos que exibem a habilidade de garimpar o humor do cotidiano e lançar luz sobre a política, a economia, a polarização e os costumes em voga. “Carlos Castelo é um dos mais brilhantes cronistas em atividade. Seja nas máximas cheias de verve e ironia, seja nos textos mais longos, papeia com o leitor como se estivesse à mesa do bar, de bermuda e chinelos...”, escreve sobre o autor o também cronista Marcelo Moutinho.



Risos no hospício

CARLOS CASTELO
Urutau
140 págs.

A partir do diálogo com a série *Twin Peaks*, de David Lynch e Mark Frost, **O corpo de Laura** se debruça sobre a pesquisa poética que a autora vem empreendendo desde 2021, que compreende a linguagem como acontecimento do corpo a partir da perspectiva feminista contemporânea, sendo também um campo de articulação e transformação política. A partir da investigação entre escrita e fotografia, **O corpo de Laura** consiste na publicação deste livro e de uma plaquete homônima.



O corpo de Laura

LAURA REDFERN NAVARRO
Mocho
150 págs.



Escrita em movimento: sete princípios do fazer literário

NOEMI JAFFE
Companhia das Letras
192 págs.

Voltado a escritores iniciantes ou experientes, **Escrita em movimento** sintetiza em sete princípios o pensamento de Noemi Jaffe sobre o fazer literário. A partir de sua experiência conduzindo oficinas literárias, a escritora propõe uma jornada pela exploração e pelo desenvolvimento da voz literária única de cada artista através da conscientização dos próprios processos. Desde que as oficinas literárias surgiram, debate-se uma questão central: é possível aprender a produzir ficção, da mesma maneira como se estuda outros ofícios? Se existe uma forma de transmitir esse conhecimento, não é com regras e truques de manual, e sim pensando a escrita de modo aberto e livre, através de preceitos norteadores que perpassam a linguagem. E é essa a proposta de Jaffe: uma reflexão sobre o próprio processo de escrever — da escolha cuidadosa das palavras à intenção por trás de cada texto, da busca pela originalidade ao mergulho corajoso na experimentação literária.



A cabeça do pai

DENISE SANT'ANNA
Todavía
128 págs.

Em seu primeiro livro de ficção, a professora e historiadora Denise Sant'Anna parte do fato de que o pai da narradora, idoso e exausto de cuidar da esposa com Alzheimer, sofre um AVC hemorrágico. O trágico episódio abre uma janela para a memória afetiva, descortinando uma teia de relações familiares e sociais acerca da consciência da morte — embora nem tudo seja assombrado pela presença dela. A descoberta do sexo, o nascimento de amigadas e a relação madura que constituímos com nossos pais quando envelhecemos também aparecem no livro. A narradora parece acreditar que por detrás de nossa fragilidade há uma potência quase infinita: a capacidade que temos de contar a nossa própria história e a daqueles que nos deixaram. Outro ponto alto do romance é a linguagem empreendida pela autora: uma mistura de relato pessoal, memorialismo e ficção. O livro foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura em 2023.

O demônio da inquietude faz um recorte de três décadas de atividade do crítico André Seffrin, que durante esse período tem se debruçado sobre a produção dos autores contemporâneos no Brasil. A atuação de Seffrin não se resume apenas à atividade em periódicos, mas sobretudo a de organizador de antologias e obras completas de grandes poetas e prosadores, a de coordenador de edições e coleções, além de algumas atividades paralelas, como a de crítico de arte, igualmente presente em neste volume.



O demônio da inquietude

ANDRÉ SEFFRIN
Rosmaninho
280 págs.

Neste romance, Dag Bandeira aborda os bastidores do mundo das gravadoras e das pessoas que trabalham e vivem em torno delas. O enredo, que se passa em junho de 1973, em plena ditadura militar, é revelado por Liz Cerqueira Briston, uma assistente de relações públicas, recém-contratada pela Sound & Music. Bandeira constrói uma protagonista confinada em seu drama pessoal e alheia à repressão. Ao lado do marido, um empresário que serve à ditadura militar, Liz trama contra o sistema imposto a ela, sem compreender que suas ações teriam desdobramentos extremos.



Trilha sonora

DAG BANDEIRA
Cambucá
248 págs.



Alta Literatura

**O primeiro Prêmio
de Literatura**
do Grupo Editorial Alta Books.

Categoria Romance:
Autor Estreante e Autor Não Estreante

Premiação
em Dinheiro

Contrato de
Publicação

Oficina Literária
de Escrita Criativa

Inscrições online até o dia
25 de fevereiro de 2024

www.premioaltaliteratura.com.br



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL



TORDESILHAS



M.BOOKS

Reconhecer um MESTRE NEGRO

Seja na prosa, seja na poesia, **Oswaldo de Camargo** é, sem dúvida, um dos principais escritores brasileiros de todos os tempos

HENRIQUE MARQUES SAMYN | RIO DE JANEIRO - RJ

Mais de 60 anos já se passaram desde a publicação daquele livro assinado por um “poeta da jovem geração negra brasileira” que, apesar da “fala simples”, produzia versos nos quais transparecia “um desejo vivo de ascensão social”, consoante o texto de orelha assinado por Sérgio Milliet — e que, embora ainda deixasse a desejar no que tange à “técnica do verso”, apresentava a “afirmação de uma atitude diante da vida e dos problemas de sua raça”. O poeta era Oswaldo de Camargo; o livro era **15 poemas negros**, publicado em 1961, ainda no momento inicial da trajetória literária de um dos mais importantes nomes da literatura negra brasileira.

Na verdade, é graças à produção crítica assinada por figuras como Oswaldo de Camargo que hoje podemos assim designar uma tradição literária autônoma, caracterizada por um conjunto de elementos temáticos e formais; recordem-se a antologia **A razão da chama** (1986), o seminal volume **O negro escrito** (1987) e o ensaio *A mão afro-brasileira em nossa literatura*, este coligido na obra coletiva **A mão afro-brasileira** (1988), fundamentais pilares para uma tentativa de construção do que se poderia considerar um repertório canônico negro brasileiro.

Desde então, aquele jovem que passara a primeira infância na fazenda Sinhazinha Félix, “entre as rudezas da Serra da Bocaina e seus verdes cafezais” — segundo lemos no mencionado texto de orelha —, vem construindo uma trajetória que, por suas relevância e consistência, demanda o reconhecimento de Oswaldo de Camargo como um dos mais importantes intelectuais brasileiros vivos, em que pese a indolência de nossos meios literários e acadêmicos, nada surpreendente quando consideramos o racismo historicamente presente no Brasil.

Cerca de seis décadas após a sua estreia literária, as obras de Oswaldo de Camargo finalmente chegam a uma grande editora brasileira — com a publicação, pela Companhia das Letras, de novas edições de **O carro do êxito** (2021) e **A descoberta do frio**

(2023); e da coletânea poética **30 poemas de um negro brasileiro** (2022). Por um lado, há que se reconhecer a importância dessas publicações — que, embora tardiamente, propiciarão o conhecimento da obra de um mestre de nossa literatura por um público mais amplo. Por outro lado, há que se ponderar que o tratamento dispensado pela editora a esses livros permanece aquém da importância de Oswaldo de Camargo para a literatura brasileira.

Nesse sentido, a nova edição de **O carro do êxito** alcança melhor resultado, por contar com um excelente prefácio assinado pelo escritor e intelectual negro Mário Augusto Medeiros da Silva. Intitulado *Buscas na vida rota*, o texto traz elementos fundamentais para o entendimento dos contextos de produção e de publicação da obra, resgata a sua trajetória editorial e sugere importantes caminhos para a leitura dos contos, satisfatoriamente complementados pelas notas de Oswaldo de Camargo. Com isso, quem tem em mãos o livro dispõe de importantes subsídios para lidar com as narrativas nele coligidas — como a trajetória do “menino do Oboé”, em meio às expectativas e tensões políticas da comunidade negra; a comovente viagem de João para Maralinga, à procura de uma vida melhor para o seu filho — antevéspera da despedida e começo de um incerto percurso; ou a sinistra sina de Genoveva, a “mulata linda” que desaparece misteriosamente após ser convidada pela sinhazinha ao casarão, vitimada por acontecimentos enunciados nas entrelinhas. Também as belíssimas ilustrações de Marcelo D’Salet e a quarta capa, assinada por Jefferson Tenório, valorizam inegavelmente o volume. Não obstante, pode-se ponderar: houve um convite para incluir um texto assinado pelo próprio Oswaldo de Camargo, que lhe facultasse dissertar sobre a construção do livro até a sua primeira publicação, em 1972, e os posteriores processos associados à sua republicação (alterações nas narrativas; inclusão e exclusão de contos), assim produzindo um documento de crucial importância para pesquisadores?



O carro do êxito

OSWALDO DE CAMARGO
Companhia das Letras
143 págs.



30 poemas de um negro brasileiro

OSWALDO DE CAMARGO
Companhia das Letras
116 págs.



A descoberta do frio

OSWALDO DE CAMARGO
Companhia das Letras
133 págs.

Projeto estético

Para tratar de **30 poemas de um negro brasileiro**, é necessário dizer algo sobre as primeiras obras publicadas por Oswaldo de Camargo. A primeira, datada de 1959, foi **Um homem tenta ser anjo**; conquanto traga as marcas de um autor jovem e estreado, já se fazem presentes aspectos formais e temáticos característicos de sua produção literária — o que apenas evidencia o fato de que aquele jovem de vinte e poucos anos já gestava um projeto estético que se concretizaria nas décadas subsequentes. O texto de orelha de **15 poemas negros**, publicado dois anos depois, trazia relevantes informações sobre um negro que procurava o seu lugar no mundo — resgatando a sua internação no Preventório Imaculada Conceição de Bragança Paulista e o seu ingresso em um ambiente de “estrutura quase setecentista”, o que lhe amoldaria a alma “para o arcaísmo, o barroco e pristinas épocas”; sua afeição por figuras de destaque no imaginário católico da época; e a “forte tendência ao misticismo” que o levaria a tentar a admissão em diversos seminários, nos quais não seria aceito por ser negro — quer dizer: por apresentar um suposto pendor à sensualidade incompatível com o que se esperava de um padre. Isso ensejaria a “volta ao mundo” de Oswaldo, propiciando o seu profundo comprometimento existencial com uma militância literária que, como reconheceria o próprio autor, conserva algo desse apostolado.

Esse percurso transparece não apenas no título de **Um homem tenta ser anjo**, mas também nos poemas da obra — cuja incipiência não obsta a construção de versos poderosos:

Meu Deus! meu Deus! com que pareço!?

[...]

*Vós me destes uma alma, Vós me destes
e eu nem sei onde está...*

*Vós me destes um rosto de homem,
mas a treva caiu
sobre ele, Deus meu, vede que triste,
todo preto ele está!*

Se nos versos de **15 poemas negros** transparece um nítido amadurecimento, bem como um rigor na estruturação do discurso lírico, uma força plástica e um manejo de recursos retóricos que já chancelavam a inscrição de Oswaldo entre os nomes maiores de nossa poesia (“Vê:/ A manhã se espalha nos quintais, alegra-se a cidade e há cantigas/ no ar.../ Tenho em meus gestos um rebanho inteiro/ de atitudes brancas, sem sentido,/ que não sabem falar...// Eu penso que a manhã não interpreta bem/ a superfície escura desta pele,/ que pássaro nela vai pousar?”), são perceptíveis os traços de continuidade em relação à obra anterior, o que nos leva a questionar: por que em **30 poemas de um negro brasileiro** não há peças de **Um homem tenta ser anjo**, mas apenas composições de **15 poemas negros**, além de outros quinze poemas publicados nos posteriores volumes **O estranho** (1984) e **Luz & breu** (2017)? Trata-se de uma opção autoral? Que tipo de decisão foi tomada acerca do poema *Procura?*

O volume editado pela Companhia das Letras reproduz o prefácio presente na primeira edição de **15 poemas negros**, assinado por Florestan Fernandes, com o acréscimo de uma valiosa carta-resposta assinada por Oswaldo de Camargo; mas não há textos assinados por nomes da crítica negra atual, e a apresentação da trajetória do autor se resume ao que está nas orelhas do livro. Desse modo, a obra poética camarguiana não recebe a valorização que merece, ainda que a sensibilidade leitora inevitavelmente receba o impacto de versos poderosos (“Eu tenho a alma e o peito descobertos/ à sorte de ser homem, homem negro,/ primeiro imitador da noite e seus mistérios.”, lemos em *Atitude*; ou, em *Antigamente*: “Antigamente eu morria,/ antigamente eu amava/ antigamente eu sabia/ qual é o chão que resvala/ se o passo da gente pesa.”). Cabe mencionar, não obstante, as poderosas imagens de capa e quarta capa, de *O Bastardo*, que recriam fotografias históricas de Oswaldo de Camargo.

Uma obra-prima

A reedição mais recente de **A descoberta do frio** — primorosamente ilustrada por Kika Carvalho, também autora da imagem de capa — oferece ao público brasileiro uma nova oportunidade para conhecer um livro que, publicado pela primeira vez em 1979 (e não 1978, como afirma a orelha da edição da Companhia das Letras), merece, sem favores, a qualificação de obra-prima. No centro da narrativa, está um magistral recurso alegórico: a aparição de um frio que só acomete pessoas negras, a exemplo do menino Josué Estêvão — que, embora utilizando três gorros, cobrindo as mãos com retalhos de flanela e metendo nos tênis várias tiras de couro de gato, tremia e batia os queixos a ponto de sequer conseguir falar. Assim como, nas obras de Carolina Maria de Jesus, a fome não é apenas uma sensação física, o frio que encontramos no livro de Oswaldo de Camargo demanda uma interpretação atenta a condicionamentos existenciais e políticos. Quem sofre o frio “esfria, gela, chora. Quer desaparecer e desaparecer”. O universitário Laudino da Silva, que anuncia o frio logo depois de Zé Antunes, afirma:

Um malungo nesse estado não mostra a cara ao sol. Ele pensa que fede. É muita desgraça. Ele vira micróbio, anda no meio dos micróbios. Se o cara crê em Deus, sua reza só pode ser esta; Meu Deus, me descreie, me descreie! A zabumba do desespero bate na alma do infeliz. É isso!

Não obstante, o frio é “coisa velha”, a tal ponto que negros mais velhos sequer o veem (“pois o frio há tempo senta-se à mesa com eles, vigia à sua porta, ri... Veem talvez o frio como geada, gélida ventania. Mas o frio, tirando o caso singular do Josué, se disfarça de brisa, e venta, e estraçalha, e desbasta a esperança da gente”).

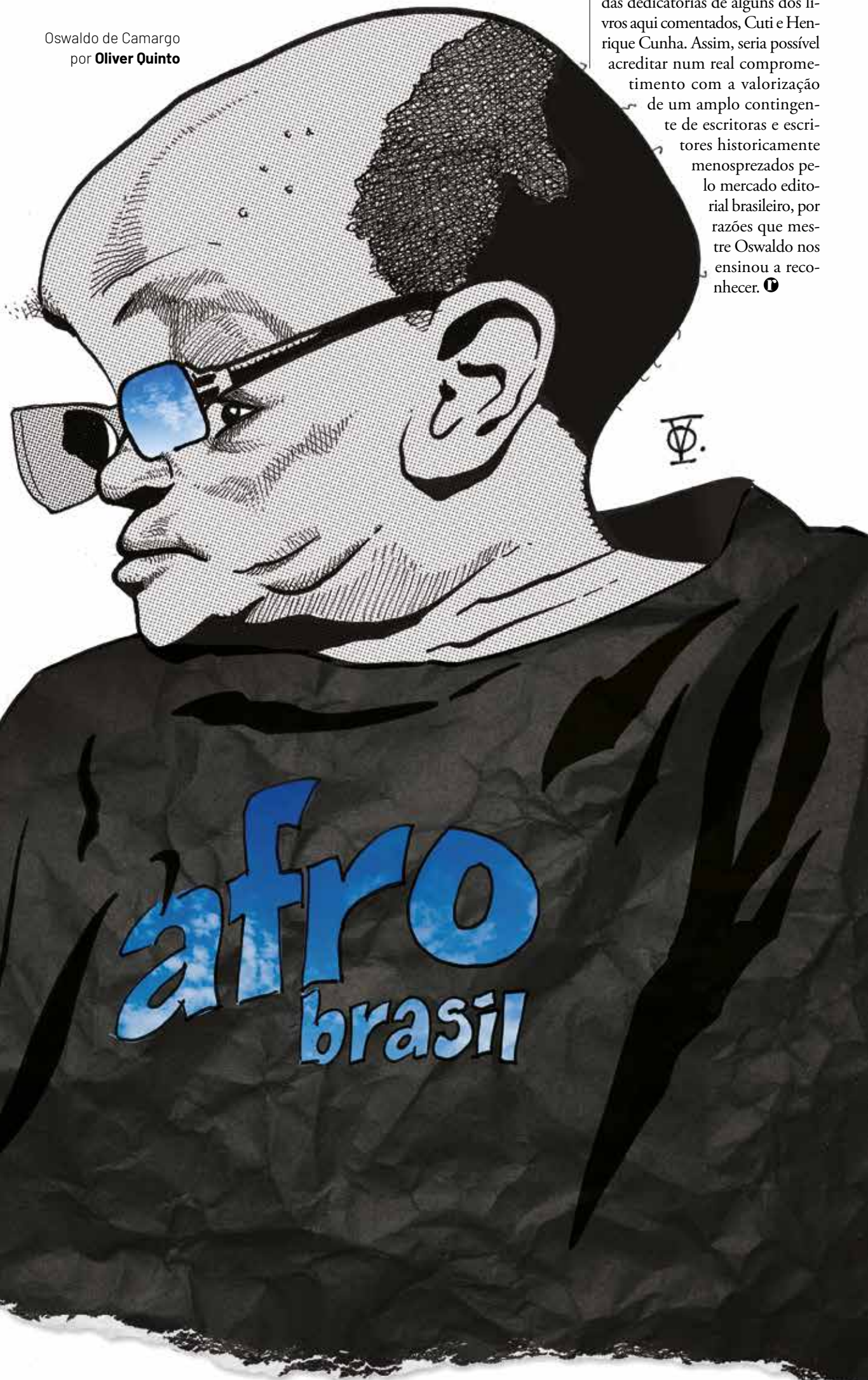
A imposição de lidar com “o velho, alvo e impiedoso frio” mobiliza a comunidade negra; em termos literários, isso nos possibilita apreciar o domínio de Oswaldo de Camargo na arte da criação de personagens e o seu fundamental papel como memorialista. O embate entre diferentes coletividades, em uma pluralidade de cenários (o Grupo Malungo, que se reunia no bar de mesmo nome; a associação de belettristas frequentadora da Toca das Ocaias; os “pretos velhos” do “Movimento Participação Negra”; os “Vigilantes Escolhidos” que se encontravam na casa de Joana Laureano), compõe um riquíssimo retrato de uma geração de pessoas negras

que procurava entender e lidar com o fenômeno. Muitas, portanto, as questões que **A descoberta do frio** nos propõe: como entender os sentidos alegóricos da doença imaginada por Oswaldo de Camargo? Como analisar a riqueza formal e estilística da narrativa, que incorpora elementos cronísticos e poéticos? Como dimensionar seu impacto para a tradição negra brasileira, bem como sua relação com vertentes estéticas e filosóficas como o afropessimismo ou a ficção especulativa negra? A edição da Companhia das Letras não abre espaço para questionamentos desse tipo, uma vez que se limita a reproduzir o prefácio publicado na edição de 1979, assinado por Clóvis Moura — que, embora aborde aspectos relevantes, é um produto de seu tempo (vejam-se as observações sobre Machado de Assis e Castro Alves).

É inegavelmente importante que as obras de Oswaldo de Camargo sejam publicadas por uma gigante editorial brasileira — e em volumes que,

importa ressaltar, trazem capas e ilustrações de artistas negros. Não obstante, caberia à Companhia das Letras demonstrar seu efetivo reconhecimento da importância de um escritor e intelectual diversas vezes laureado (inclusive por serviços prestados à literatura negra brasileira, como a Medalha de Mérito Cruz e Sousa e a Medalha Zumbi dos Palmares), fomentando a ampliação de sua fortuna crítica e oferecendo subsídios que propiciem a sua recepção contemporânea — inclusive no que tange a uma tradição crítica negra produzida por intelectuais que percorrem as trilhas abertas por precursores como o próprio Oswaldo de Camargo ou, para citar nomes constantes das dedicatórias de alguns dos livros aqui comentados, Cuti e Henrique Cunha. Assim, seria possível acreditar num real comprometimento com a valorização de um amplo contingente de escritoras e escritores historicamente menosprezados pelo mercado editorial brasileiro, por razões que mestre Oswaldo nos ensinou a reconhecer. **■**

Oswaldo de Camargo
por **Oliver Quinto**



O AUTOR

OSWALDO DE CAMARGO

Nasceu em Bragança Paulista (SP), em 1936. Foi revisor do jornal *O Estado de S. Paulo*, redator do *Jornal da Tarde*, diretor de cultura da Associação Cultural do Negro e um dos principais colaboradores de periódicos da imprensa negra.

TRECHO

A descoberta do frio

Ninguém sabia donde viera o frio.

Para uns, ele já se havia instalado, desde muitíssimo tempo, no país e engordara, sem que as autoridades percebessem. Achavam outros que elas não viam razão para deter o frio de que alguns negros se queixavam, vez ou outra, em páginas de jornais ou em depoimentos aos estudiosos que pesquisavam os efeitos do friíssimo bafô.

Morte ou sumiço

Anistia, de Pedro Sússekind, narra a potente história de um desaparecimento na ditadura brasileira

BRUNO NOGUEIRA | UBERABA - MG

A palavra **Anistia**, em sua simplicidade, é título potente para uma obra. Em sete letras se evoca momentos complexos e conturbados da história brasileira. Nelas estão escondidas uma ditadura empresarial-militar e a vergonha não termos punidos os assassinos e torturadores que a perpetraram, e ainda menos os grandes empresários que a financiaram. Entre essas letras se escondem décadas de repressão, censura, violência. É uma palavra densa em conteúdo, mas concisa; polêmica e forte em suas implicações, mas discreta; uma palavra que mostra a necessidade de se adaptar um tema que, por deturpações de nossa memória, conseguiu se tornar polêmico — e ainda assim, a palavra parece tão despreziosa. Todas essas características, que dão sentido e enriquecem um termo tão simples, também estão presentes ao longo da narrativa de Pedro Sússekind.

Desde o primeiro capítulo isso é perceptível. O autor demonstra concisão singular, nos contando muito ao mostrar pouco — talento que, numa história em que ausências e segredos são tão importantes, ganha ainda mais relevo.

Anistia segue a história de Emílio, jovem cujo pai, revoltoso contra a ditadura, desaparecera em 1969. Quando a Lei da Anistia começa a ser discutida e o retorno de muitos exilados e fugitivos ao Brasil se torna possível, a possibilidade de uma sobrevivida de Luís, seu pai, começa a parecer mais verossímil. Com isso, Emílio passa a buscar notícias com outras pessoas que voltavam do exílio após combaterem a ditadura ao lado de seu pai, um professor de literatura especializado em Homero, cujo codinome, entre os outros revoltosos, era *Ulisses*. E assim, repleto de referências à vida na época, à história e à literatura, segue o romance de Sússekind.

Sem hermetismo

Antes de mais nada, alerta: não fique com a impressão de que Sússekind é o tipo de autor que arremessa enciclopédias na direção do leitor. A escrita não é nada hermética, e não acredito que, para acompanhar o enredo e o desenvolvimento do romance, seja necessário conhecimento prévio sobre qualquer tema. Muito pelo

contrário: a abordagem do autor é sub-reptícia. O leitor fica pela história interessante e porque o enredo desperta a sua curiosidade, a tal ponto que quase não percebe que aprendeu alguma coisa — e se descrevo assim o feito, é para deixar claro que o livro, embora traga informações que frequentemente vemos em livros de História, foge por completo do didatismo. O nome das abjetas criaturas envolvidas direta ou indiretamente nas torturas e assassinatos na época é mencionado com a mesma naturalidade com que mencionamos hoje os nossos governantes: enquanto realidade material daquele tempo e influência na sociedade de então.

Anistia não *fala* da ditadura, mas *mostra* pessoas vivendo sob seu jugo ou sendo mortas por ela. Mostra esperança, e a luz embaçada e distante que a Lei da Anistia representou, embora não fuja de descrições fortes da repressão e suas arbitrariedades, assassinatos e tortura. Não vemos uma explicação sobre a História, e sim, uma história vivida naqueles idos — o que me leva a comentar outro aspecto da obra: a caracterização da época.

A maneira como Sússekind coloca seu leitor naquele período histórico se assemelha ao estilo da obra como um todo: discreta, mas eficiente. Objetos e atos relativamente recentes mas em desuso, como orelhões e a busca de jornais em bancas de revista, dividem espaço com câmeras fotográficas antigas e vitrolas rodando o vinil de Miles Davis. Claro, hoje em dia voltam a aparecer versões mais tecnológicas das vitrolas e do vinil, mas o leitor, consciente da data mostrada nos jornais que as personagens leem, consegue partir dessas indicações, dadas com naturalidade, para se colocar no ambiente descrito.

A única coisa sobre a qual a mão de Sússekind às vezes pesa são determinados diálogos — especialmente entre personagens mais jovens, que manjam de muita coisa porreta, putzgrila, e falam desse modo que, independentemente do quão historicamente acurado possa ser, soa artificial. Mas são casos raros, e não duvido que possam ecoar de maneira mais natural para quem chegou a ter familiaridade com esses termos.

Ainda assim, não consigo pensar em outro aspecto do romance que me pareceu artificial. Muito pelo contrário: o enredo flui e suas peças se encaixam de maneira bastante natural. Os personagens são bem-feitos, e as reviravoltas bem plantadas o suficiente para que eu aposte: vão surpreender muitos leitores, embora os mais atentos possam prever certas descobertas. O foco do romance, afinal, não são grandes acontecimentos nacionais ou globais, mas a maneira como uma família foi desmontada e ferida física, mental e socialmente pelas ações de um governo autoritário — e como resta algo de esperança a essa família. **Anistia** é, basicamente, a história de um desaparecimento e de uma desejada volta para casa — mas contada do ponto de vista daqueles que esperam.

Referências

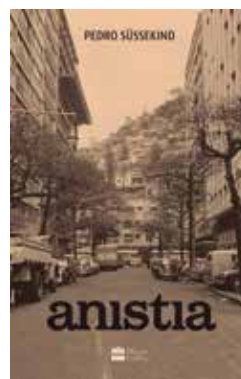
Assim como Luís Riva, pai de Emílio, **Anistia** faz muitas referências à mais clássica história de volta a casa: a **Odisseia**. E, mais uma vez, o faz de maneira sutil. Se você conhece a epopeia de Homero — e dado o público de um jornal literário como o **Rascunho**, não parece tão improvável — certamente vai entender alguns significados e, por que não dizer, encontrar algum prazer em desvendar as inúmeras referências espalhadas de forma orgânica pelo romance. Se algo que eu disse até agora apelou a você, recomendo que salte o parágrafo abaixo e leia. Essas referências estão nas páginas do romance, e prometo que será muito mais satisfatório que ler minha breve descrição, em que enumero poucas delas como exemplo da naturalidade com que Sússekind consegue inseri-las em sua obra.

Rebeca, mãe de Emílio (e, portanto, nossa Penélope), é estilista, e se divide entre o trabalho elaborado com tecido e festas em que dispensa seus pretendentes; Emílio, ao descobrir que seu pai pode estar vivo, sai em viagem e encontra Nestor, que lutou ao lado de seu pai. Nestor o encaminha, junto ao filho, a casa de um outro combatente da ditadura, um homem casado com a mais bela mulher que já viram — mulher que foi salva das mãos dos militares por um estratagema de Luís que faz referência a certo plano muito famoso do Ulisses grego.

Dependendo de sua familiaridade com a **Odisseia**, a descrição acima pode parecer ter muitas ou poucas referências ao poema grego, mas digo com tranquilidade: o livro carrega muitas outras, várias delas bem mais discretas que as que citei e inseridas com um bom gosto cuidadoso na tessitura do romance.

A ditadura

Você não precisa de mim para dizer que a ditadura empresarial-militar que imperou no Brasil entre 1964 e 1985 foi um período de repressão traumático para o país. Um período de censuras,



Anistia

PEDRO SÜSSEKIND
HarperCollins
176 págs.



O autor

PEDRO SÜSSEKIND

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1973. É doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor associado da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde atua na área de Estética e Filosofia da Arte. Além de ter trabalhado em diversas traduções e artigos acadêmicos, já publicou ensaios, romance e livros de contos.

TRUCHO

Anistia

Será que a mãe chegaria a se casar de novo um dia? A pergunta repentina lhe ocorreu acompanhada por uma sensação inquietante. Sem atinar com o motivo, lembrou-se da expressão de espanto no rosto dela quando abriu a porta do ateliê, naquele dia em que foi levar o almoço. Sentiu um pouco de pena dela; não exatamente pena, mas uma espécie de compaixão enternecida, porque podia vagamente imaginar como deveria ser ficar presa ao passado, a uma coisa não resolvida.

perseguições, torturas e assassinatos, em que a desigualdade social cresceu brutalmente. Ou pelo menos, *espero* que você não precise que eu diga isso. É difícil ter certeza numa época em que verdades históricas que imaginávamos incontestáveis são questionadas. Em que radicais da extrema direita e revisionistas tentam resgatar um dos mais sanguinários períodos da história brasileira e ressignificá-lo, justificá-lo, transformá-lo em algo menos que um conjunto de crimes hediondos, praticados por quem deveria defender o país, com apoio de seus maiores empresários.

São as recentes tentativas de negar esses crimes e esse trauma que tornam necessárias obras como a de Pedro Sússekind, obras que resgatam os acontecimentos e não se resumem a relatar a história de nosso país, que permitem que o leitor se identifique com personagens enquanto eles atravessam concretamente um tempo em que os crimes da ditadura eram uma realidade. Essas obras não só reativam nossa memória sobre o período traumático, como também transmitem, na medida do possível, um pouco dessa experiência àqueles que a subestimam ou não conseguem visualizar bem a crueldade exercida no período ditatorial. O nosso desconforto com cenas mais fortes de violência e nosso esforço para evitá-las significa que, mesmo quando nos referimos ao período, evitamos descrever de maneira muito explícita os atos praticados então. Assim, nos voltamos a estatísticas e descrições mais genéricas que inevitavelmente suavizam os acontecimentos, apagando nomes e impedindo que as ações ganhem um contorno bem definido. Isso não é dizer que Sússekind descreve a tortura e as mortes de maneira extremamente gráfica; mas ele descreve o suficiente. Não deixa que a forte realidade desses momentos passe em branco.

Se tenho uma reclamação, é a de que Sússekind, apesar das expectativas que seu título desperta no leitor, discute muito superficialmente a questão da anistia enquanto perdão aos militares que cometeram crimes durante a ditadura. O tema não passa completamente batido, mas quase. E se é verdade que o foco do romance é o perdão daqueles considerados criminosos por se revoltarem contra a ditadura, seu título inevitavelmente nos faz pensar em todos os assassinos e torturadores que, assim como seus financiadores e comandantes, nunca foram punidos por seus crimes. O romance, me parece, poderia ter se aprofundado um pouco mais nesse aspecto do problema — até como forma de tirar proveito da presença dos amigos de Emílio, únicos personagens que, por vezes, parecem um tanto desnecessários ao desenvolvimento da ação. Independentemente disso, recomendo fortemente a leitura de **Anistia** — tanto pela qualidade da escrita, quanto pela importância do tema de que trata. **📖**

alcir pécora

CONVERSA, ESCUTA

UM VIGARISTA CHAMADO JORGE (1)

Jorge Mautner é conhecido sobretudo como músico. Ao menos uma canção dele, *Maracatu atômico*, é muito conhecida, com diversas regravações, como a de Chico Science & Nação Zumbi, que a adaptou maravilhosamente ao baticum fuzzy do manguê beat. Se *Maracatu atômico* não chega a ser one-hit wonder, é certo que fez mais sucesso do que todas as outras músicas que Mautner compôs. Também *O vampiro*, na voz de Caetano Veloso, não na de Mautner, teve boa repercussão pública, a seu tempo. Mautner, porém, compôs inúmeras outras canções ótimas e gravou vários belos álbuns autorais que estão longe de ser apreciados como mereciam. E se a sua atividade como músico é a sua faceta mais conhecida, o que dizer de sua atividade como escritor? Pois a escrita de Mautner coexistiu sempre com a sua música. Criador prolífico, Mautner, ainda muito jovem, já anunciava ter a ambição de escrever um milhão de páginas. E, de fato, tudo na escrita dele tem um curioso acento quantitativo, que permeia o efeito divertido e absurdo — por vezes até absurdamente divertido — que sempre parece haver no que faz.

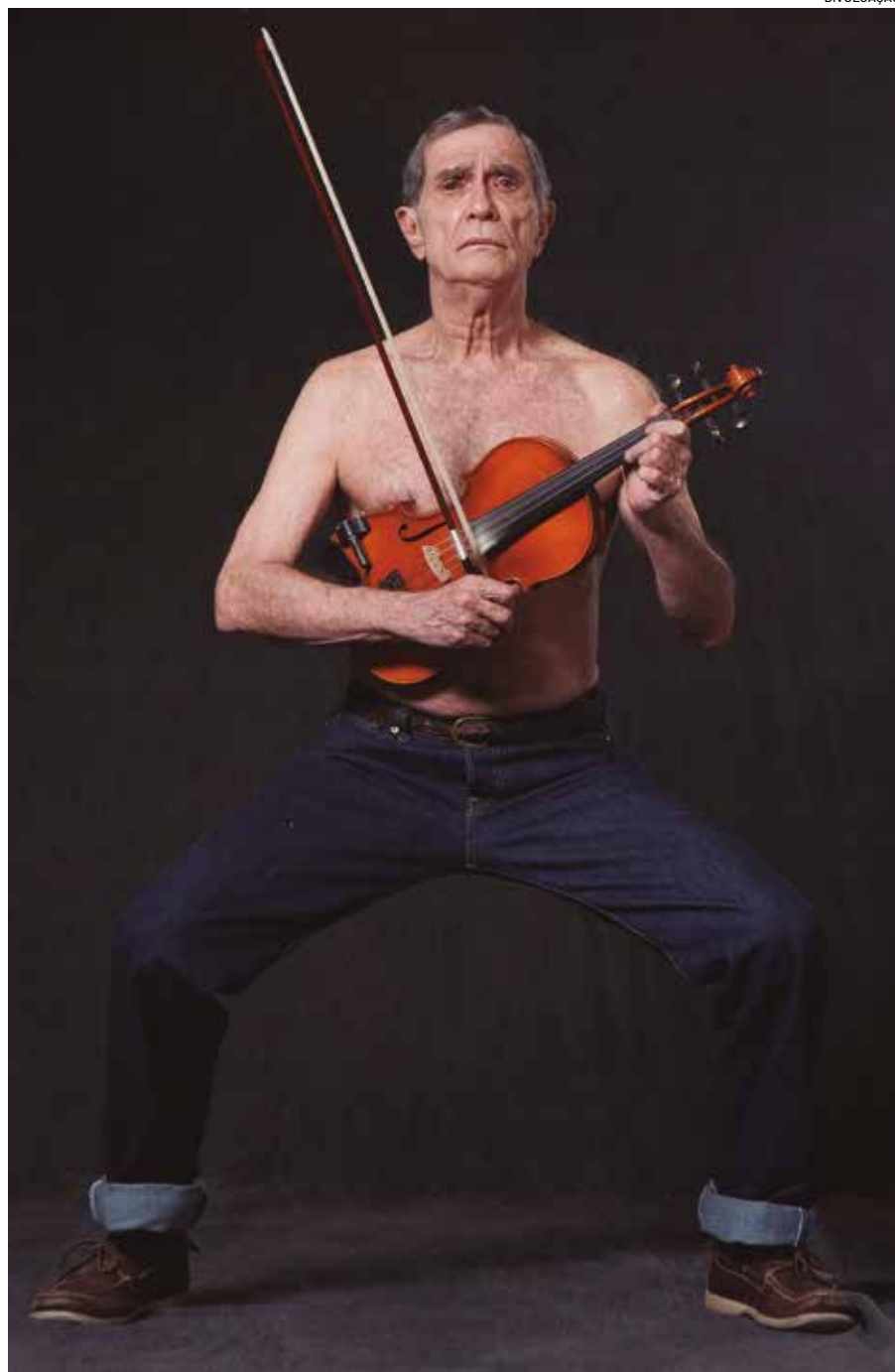
Li quase todos os livros de Mautner porque sempre o achei uma figura algo indecifrável, e gostava de sua música. Li-o, em diversos momentos do humor e da idade, e, de fato, confesso que nunca gostei de nenhum de seus livros. Como escritor, sempre me pareceu quase canhestro. Mas, por outro lado, eis o paradoxo, nunca deixei de gostar de o ler. Mantive a curiosidade pelo que escrevia: havia um lado amalucado em suas histórias e teorias que sempre guardavam alguma graça esquisita, voluntária ou involuntária, nunca consegui realmente saber.

As suas teorias sobre o Brasil, que juntam o inajuntável, como o marxismo e o esoterismo, sob o amálgama batido das mitologias do Brasil mestiço e do país do futuro, me parecem insustentáveis, conceitualmente e historicamente, mas, ainda assim, quando ele as enuncia, têm graça, tanto no sentido de serem engraçadas, como no de comporem uma insensatez, digamos, sistemática. Mautner é realmente muito metódico na sua loucura, o que costuma ser sempre interessante como objeto de estudo. Por isso, creio, nunca consegui deixar a literatura dele de lado, como já fiz tantas vezes, sem remorso, com a de tantos outros autores melhores do que ele.

E cá estou eu de novo a falar de Mautner. Desta vez, para fazer alguns comentários sobre **Vigarista Jorge**, um texto seu publicado em 1965 e escrito ao longo do ano anterior, o fatídico ano de 1964, quando o Brasil teve um pico autoritário que até hoje tem ressonâncias graves, como as que recentemente nos fizeram chafurdar no reino do Bozo. Um dos motivos de eu escolher falar de **Vigarista Jorge** é precisamente este: a sua datação, visto ser uma obra escrita em pleno tumulto do golpe militar. Aliás, imagino que seria um projeto interessante mapear as obras literárias escritas nesse ano em que o país teve subtraída de si a possibilidade de autogoverno. Talvez isso ajudasse a saber ao menos como essa catástrofe histórica e política foi assimilada pela literatura, a qual, por sua vez, como era de esperar, não teve poder algum para contê-la. Nem antes, nem agora. A miséria bolsanarista, no fundo, ainda foi um efeito do golpe militar de 1964, não obstante a entrada relevante de outros fatores na equação do desastre, como o das milícias e o do neopentecostalismo.

Naquele ano de 1964, ainda estávamos aprendendo o que fosse democracia, e, depois dele, a desentendemos de vez. Mesmo quando ela existe, como agora — graças a um personagem único na história do Brasil, e sem substituto à vista, como Lula —, a democracia brasileira parece sempre muito frágil, sofrendo ataques contínuos de agentes e órgãos que supostamente deveriam protegê-la, como justiça, congresso e até imprensa. No fundo — digo isso com muita tristeza —, a maioria do país, como do mundo, se tornou mais defensor do mercado do que de qualquer outra coisa. E, para não sentar no próprio rabo, convém reconhecer que também os professores universitários ganharam um lastimável ar de microempresários. Até alunos de graduação já se pensam como microempreendedores. Eu me tornei professor justamente para não ter de lidar com nada que tivesse a ver com negócio, e agora reencontro o comércio dentro da própria universidade: o *academic business* é uma praga impossível de deter.

Tornando, porém, a **Vigarista Jorge**: na época, a obra foi enquadrada na chamada Lei de Segurança Nacional, e a sua circulação foi proibida. Mautner chegou a ser preso, aparentemente por ter ligações com o Partido Comunista, mas foi solto logo depois. Ele mesmo conta que teve algum tipo de “proteção” no exército; em outra

O músico e escritor Jorge Mautner, autor de *Vigarista Jorge*

ocasião, brincou que, a seu tempo, era considerado comunista e nazista ao mesmo tempo.

Certo mesmo é que há um encanto único em Mautner, que pode ser percebido em muitos lugares. Por exemplo, num documentário recente a que assisti, uma filha dele, em certo momento, lhe pergunta se ele não se dava conta de que não era normal ter um pai que andava pelado em casa e que ia de cueca levar a filha na escola. Ela ainda declara que fez anos de terapia por conta disso, o que não chega a alterar a expressão de Mautner, que diz algo a respeito de estar tudo certo. Está bem claro, portanto, que Mautner não é, nem nunca foi, uma figura convencional. Até admira que tenha conseguido se manter bem e trabalhando regularmente até hoje, usualmente fora do *mainstream* comercial.

Pois bem, vou esboçar aqui uma apresentação de **Vigarista Jorge** adotando talvez o método mais complicado, e talvez mesmo o menos adequado para abordar o livro, qual seja o de puxar os fios de enredo que existem no meio do verdadeiro cipoal de eventos existentes nele. Mas pretendo fazer isso apenas na primeira parte dele, que é mais do que suficiente como amostra do

tipo de narrativa produzida por Mautner. Esse método é complicado, eu disse, porque o enredo do livro está longe de ser claro. Além da novela não ser realista, o seu gênero de fato ainda precisa ser determinado — ou, talvez, seria mais correto falar de gêneros, no plural, pois está evidente que o conjunto admite variações importantes que vão do diário ao epistolário; da autobiografia ao ensaio, e dele ao que atualmente se chamaria de “autoficção”.

Aliás, a primeira observação estrutural a fazer sobre **Vigarista Jorge** é que não se trata de um texto contínuo, mas um composto de sete conjuntos de textos que se alternam em primeira e terceira pessoas, por vezes, dentro do mesmo texto. Em comum, os sete conjuntos contêm um protagonista chamado Jorge, com vários elementos autobiográficos de Mautner. Não sei se isso compõe os primórdios do gênero da autoficção, no Brasil, mas é provável que sim, embora o rótulo se aplique com alguma dificuldade, dada a mistura de gêneros. O primeiro texto dos sete é justamente *Vigarista Jorge*, que dá título ao volume todo. Na próxima coluna, tentarei uma abordagem dele em *close reading*. **1**

DIVULGAÇÃO

rascunho recomenda INFANTOJUVENIL HQ JOVEM

Em seu mais recente livro, o quadrinista André Dahmer toca em um tema central no mundo de hoje: como os algoritmos ditam a vida, o consumo e o prazer do mundo todo. Nas mais de duzentas tiras de **Quadrinhos dos anos 20**, ele retrata a vida consumida por celulares e redes sociais. Trajado com um macacão e capacete laranjas, como aqueles feitos para lidar com materiais tóxicos, o vilão de Dahmer dissemina desinformação, estimula comportamentos extremistas, corrói nossa concentração e incentiva o consumismo — tudo isso com o humor característico do autor. Ancoradas no aqui e agora, as tiras do artista carioca são uma crônica mordaz da realidade, combinadas com altas doses de sarcasmo, acidez e poesia. Dessa maneira, Dahmer provoca reflexão para além da cortina de likes e compartilhamentos que tomou de assalto a nossa época.



Quadrinhos dos anos 20

ANDRÉ DAHMER
Quadrinhos na Cia.
240 págs.

DIVULGAÇÃO



Madeleine, resistente

A ROSA ENGATILHADA
Dominique Bertail, Jean-David Morvan e Madeleine Riffaud
Trad.: Renata Silveira
Nemo
128 págs.

Nascida em 1924, Madeleine Riffaud vivia uma vida feliz ao lado de seu amado avô e de seus pais professores. No entanto, a crueldade da Segunda Guerra Mundial separou essa convivência familiar. Posteriormente, sua batalha contra a tuberculose a confinou em um sanatório. Apesar do ambiente desafiador, esse local inapropriado não foi capaz de deter a determinação da adolescente obstinada, que nutria um projeto ousado, porém essencial: ingressar na Resistência Francesa. Sob o codinome “Rainer”, Madeleine se tornou uma testemunha privilegiada de seu tempo. Além de sua valentia como resistente, ela é reconhecida como uma talentosa poetisa e jornalista. Agora, aos 98 anos de idade, Madeleine compartilha os momentos marcantes de sua vida por meio de uma trilogia apresentada no formato de *graphic novel*. Os detalhes dessa autobiografia são enriquecidos pelo roteiro de Jean-David Morvan e as ilustrações de Dominique Bertail.

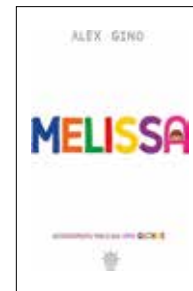


Onde vivem os monstros

MAURICE SENDAK
Trad.: Heloisa Jahn
Companhia das Letrinhas
48 págs.

Quando Max veste sua fantasia de lobo, acaba fazendo tanta bagunça e malcriação que sua mãe o manda dormir sem jantar. Ao entrar no quarto, porém, Max embarca em uma viagem até a ilha onde vivem os monstros. Lá, o menino é nomeado rei e se torna livre para mandar, desmandar e fazer o que bem entender, sem se preocupar com regras impostas por outras pessoas. Mas a alegria do reinado de Max fica estremecida quando o menino sente, do outro lado do mundo, o cheiro de um jantar quentinho... E, assim, ele precisará refletir sobre sua partida (e suas escolhas). Essa é uma obra sobre o conflito entre a liberdade desejada pelas crianças e a autoridade imposta pelos adultos. Ao longo dos anos, **Onde vivem os monstros** se tornou um dos mais aclamados e traduzidos livros ilustrados de todos os tempos. Depois de extrapolar as fronteiras do livro para virar filme, ópera e teatro, agora a obra está de volta ao Brasil em nova edição.

Quando as pessoas olham para Melissa, acham que veem um menino chamado George. Mas ela sabe que não é um menino. Sabe que é uma menina. Melissa acha que vai ter que guardar esse segredo para sempre. Mas então a sua professora anuncia que a turma irá encenar *A teia de Charlotte*. E Melissa quer muito fazer o papel de Charlotte, protagonista da peça. Só que a professora diz que Melissa não pode fazer o teste para a personagem porque... ela é um menino. Com a ajuda de Kelly, sua melhor amiga, Melissa elabora um plano. Não apenas para ela poder ser Charlotte — mas para que todos saibam, de uma vez por todas, quem ela é.



Melissa

ALEX GINO
Trad.: Regiane Winarski
Galera Júnior
142 págs.

Noite de brinquedo apresenta a jornada de Maria, uma menina rainha que cresceu brincando reisado — folgado que é uma mistura de teatro, brincadeira e festejo. Até que um dia, assim como manda a tradição desse brinquedo popular, ela precisa passar a coroa para uma menina mais nova. Não bastasse o desafio de viver esse rito de passagem e crescer, coisas estranhas acontecem no terreiro de Yayá, a avó de Maria, e ela é convocada a atravessar o sertão numa noite escura sem fim.



Noite de brinquedo

ANTONIA MATTOS E
GABRIELA ROMEU
Ilustrações: Luci Sacoleira
Peirópolis
128 págs.

Aos 19 anos, Sofia, uma brasileira que mora com a família em Dublin, se vê às voltas com o desaparecimento dos avós, professores universitários progressistas que somem misteriosamente, sem deixar pistas, durante a pandemia de covid-19. Quando recebe um enigmático bilhete da avó, Sofia, com o apoio da família, decide partir à procura dos dois. Ela então vai refazer as etapas de uma viagem que, ainda adolescente, fez com a avó: Paris, Londres, Edimburgo. Ao longo do percurso, pistas nem sempre muito claras, orientam os passos da garota.



A estranha viagem da garota de cabelo azul

BEL BRUNACCI
Ilustrações: Christiane Costa
Yellowfante
128 págs.

Este é o primeiro livro do cartunista argentino Tute publicado no Brasil. Seus quadrinhos abordam, com muito humor e ironia, o mundo da psicanálise e, por extensão, nossa condição existencial, a complexidade das relações interpessoais e amorosas. Suas belas imagens, que vão do grotesco ao singelo, do sintético ao poético, se combinam num diálogo vivo e surpreendente com o texto, revelando todo um subterrâneo de significados que encantam e divertem.



Tua terapia

TUTE
Trad.: Anna Turriani
Perspectiva
160 págs.

Marina tem um monstro de imaginação. Ele tem comportamentos estranhos, então Marina não sabe muito bem como nomeá-lo. Insegurança, ansiedade, vergonha? Todos são nomes ótimos, e por isso tudo fica tão confuso para ela. Nesta história, as irmãs Bete e Marcia Tiburi propõem uma reflexão sobre como lidar com os sentimentos difíceis que, se encarados com amor, podem ser uma grande fonte de amadurecimento.



Marina e o monstro

BETE TIBURI
Ilustrações: Marcia Tiburi
PequeNós
48 págs.

**luiz antonio de assis brasil**

O CÂNONE NA MOCHILA

A MORTE EM VENEZA

1.

Nada mais contraditório do que juntar a Veneza-clichê com a morte de seus visitantes — essa triste singularidade, entretanto, foi protagonizada por Richard Wagner, que ali faleceu em 1883, de ataque cardíaco. O mesmo aconteceu com o ser ficcional Gustav von Aschenbach, criatura de Thomas Mann, três décadas depois, mas de uma epidemia. Curiosamente, ambos eram alemães e artistas: Wagner, vulcânico músico e poeta; von Aschenbach, escritor, deprimido, esteta, irritado e hipersensível, paranoico.

2.

Em Aschenbach, essa complexa questão essencial é que motiva a novela **A morte em Veneza** — de que já tratei muito de passagem na coluna de junho de 2020 —, a qual é deflagrada por uma situação crítica constituída pelo enamoramento tardio e platônico de Aschenbach [tinha 60 anos] por um adolescente hospedado no mesmo hotel. Veneza, nos verões dos inícios do século 20, atraía a nobreza e os burgueses ricos de toda Europa, que vinham ocupar os hotéis mais luxuosos. Essa Veneza festiva da novela, porém, é assolada por uma epidemia, que, longe de ser uma gripezinha, matava as pessoas, que morriam como moscas entre as ruelas cobertas de esbranquiçadas lagoas de inúteis desinfetantes. A questão era fugir, sair dali o quanto antes, coisa que Aschenbach não faz, deixando-se ficar para a morte certa, num verdadeiro suicídio. E deixa-se ficar por quê? Por um amor impossível. A morte, enfim, realiza o desejo do escritor.

3.

Desde que fiquei consciente que seria escritor, nunca tive problema com *spoilers*. Gosto de começar um livro já sabendo como termina; assim, posso acompanhar, passo a passo, as decisões narrativas e estruturais tomadas pelo ficcionista para chegar àquele final, e assim aprender com quem escreve melhor do que eu [uma legião!]. No caso de **A morte em Veneza**, Thomas Mann, já no título, diz o desfecho. O mesmo acontece em **Morte no Nilo**, mas há uma diferença: trata-se de uma novela policial, e de Agatha Christie, em que a morte acontece no decorrer da narrativa, e o enredo é para descobrir o assassino. Já em **A morte em Veneza**, a morte acontece ao final, e não se trata de descobrir quem matou quem, mas de percorrer as razões internas de quem entregou-se de vontade própria ao desenlace fatal. Ambas as obras exigem participação ativa do leitor; no caso de Agatha Christie, o leitor é puxado especialmente pela lógica; em Thomas Mann, pela sensibilidade. E é considerando a sensibilidade que posso ensaiar algumas notas.



REPRODUÇÃO

Thomas Mann, autor de A morte em Veneza**4.**

Gustav von Aschenbach, personagem, evidencia um conjunto de circunstâncias interiores que, somadas e misturadas em sua atormentada psiquê [“alma”, eu preferiria dizer], é propício a desencadear qualquer catástrofe coletiva, e, inclusivamente, sua desgraça pessoal. Digamos: ele foi para Veneza para morrer, e Thomas Mann dotou-o da sensibilidade necessária para isso. Digamos: onde estiver, Aschenbach leva um universo e suas circunstâncias. Isso já aparece no início, ainda na Alemanha, quando caminha próximo a um cemitério e julga ver um homem que lhe lembrava coisas sinistras; depois, já na gôndola, em Veneza, assusta-se com o aspecto fúnebre das madeiras negras, lustrosas. Mas ele mesmo sabe que sua sensibilidade é incontrolável, e assim divaga após o jantar no hotel:

Cansado, e, contudo, espiritualmente emocionado, distraiu-se, durante a morosa refeição, com coi-

sas abstratas e transcendentais, meditou sobre a misteriosa relação que a legalidade tinha de manter com a individualidade, a fim de nascer a beleza humana; daí chegou aos problemas gerais, e achou, finalmente, que suas descobertas e certas insinuações aparentemente felizes do sonho, as quais, a uma mente sóbria demonstravam ser completamente insípidas e inúteis.

5.

Essa mente nervosa e imaginativa faz com que viva em constante estado de epifania: qualquer objeto, desde os mais corriqueiros até as mais sublimes perspectivas arquitetônicas, faz com que passe por diversos planos de percepção, construindo universos móveis de sensibilidade; isso, no entanto, não o faz feliz, ao contrário: as diferentes estesias que lhe proporcionam a cidade turística deixam-no exausto, não da conhecida síndrome de Stendhal — quem já a experimentou, sabe como é terrível — mas de um possível e ameaçador embotamento.

6.

Tudo se transforma, porém, quando descobre e examina à distância Tadzio, o adolescente, filho de uma refinada família polonesa, e que o conquista pela quase insuperável perfeição de rosto e corpo. Vêm à tona todas as analogias estéticas e mitológicas que habitavam esse homem saturado de cultura e civilização. Ao vê-lo, cede a um pensamento espontâneo, contudo previamente lapidado pelo exercício da análise erudita:

Sobre o colarinho, que, porém, nada tinha de elegante ou combinado com o talhe do terno, repousava a flor da cabeça num encanto incomparável — a cabeça de Eros, com o brilho amarelado do mármore de Paros, com sobrancelhas finas e sérias, têmperas e orelhas cobertas pela entrada retangular dos anéis de cabelo escuro e macio.

7.

[Do ponto de vista da focalização, o autor constrói um prodigioso artifício técnico, que se constitui em contar a história em terceira pessoa, mas com tal adensamento no vórtice psicológico que o leitor se sente perante um texto em primeira pessoa e assim, o pudico Thomas Mann consegue esconder-se, e de maneira brilhante, de uma exposição escandalosa. Mas disso também é feita a literatura, nada mau para os iniciantes meditem.]

8.

Mas voltando a Tadzio: essa admiração intelectual, aos poucos, ganha cobiçada e desejável carnção humana, deixando von Aschenbach siderado, preso de modo obsessivo à figura flexível que se exercita em jogos juvenis com outros hóspedes. É nesse momento em que come um morango comprado a um ambulante: devorava simbolicamente o corpo de Tadzio, e, junto, infestava-se pela cólera hindu, que começava a avançar pela cidade já pútrida pelo verão e pelo siroco que soprava do norte da África. Daí por diante, é a ladeira para o fim, que já sabemos qual é. Depois de murmurar um inaudível “Amo-te” destinado a Tadzio, revelando a si mesmo a natureza de seu excruciante sentimento, entrega-se ao destino, e morre numa rua sombria.

9.

A morte em Veneza, com o artigo definido, nos leva a uma obra única da literatura, plena de sentidos, acessível às pessoas que não se contentam com uma leitura, nem com duas, à busca da sensibilidade que eventualmente anda esquecida num canto qualquer da alma. Se essa novela não for para a mochila, nenhuma deve ir. 📖

**tércia montenegro**

TUDO É NARRATIVA

ESCREVER DORMINDO



Ilustração: Carina S. Santos

Dormir é bom para os chacras e para a glândula pineal. É bom para o corpo horizontalizar-se e despir-se, em contraste com as demandas opostas da vigília. Mas você já pensou que o repouso também contribui — e bastante — para a literatura?

A vida é sonho, dizia Calderón de la Barca; os livros, igualmente. Não se pode criar uma obra artística sem imaginação — e quase sempre ela habita os recônditos da mente, acessados em momentos descontraídos.

Freud, eternamente associado à interpretação dos sonhos, foi cogitado para o Nobel de Literatura, e na mesma linha podemos ler os **Seminários** de Lacan: pelo seu valor poético, além de psicanalítico. A psicanálise sempre se interessou pela literatura, e o principal motivo é que a literatura vem dos sonhos. O seu método de composição em prosa assemelha-se a uma narrativa onírica: com condensação, deslocamento etc.

Lacan comenta, em *Função e campo da fala e da linguagem*, texto publicado nos seus **Escritos**: “Elipse e pleonasma, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, aposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com o que sujeito modula seu discurso onírico”.

Freud mencionara o *Traumarbeit*, o trabalho do sonho. Há uma narrativa em potencial a cada

vez que “desligamos”. Wittgenstein, nos seus **Diários**, concorda:

[...] poder trabalhar assemelha-se em tantos aspectos ao poder adormecer. Se pensarmos na definição freudiana de sono, poderíamos dizer que em ambas as coisas trata-se de um deslocamento massivo do interesse (Em um caso, trata-se de uma mera retirada, em outro de uma retirada e concentração em outro lugar).

Em outra entrada dos **Diários**, ele reitera: “Sob muitos pontos de vista, o sonho & o trabalho intelectual se assemelham. Manifestamente em função de ambos implicarem uma ausência de atenção em relação a certas coisas”. O *flow*, a concentração obsessiva numa atividade específica, é o procedimento comum entre criar e sonhar — além do uso da imaginação.

O sono profundo é um requisito para a saúde, e a ciência inclusive mostra como ele pode proteger até contra o Alzheimer. Eliminando os resíduos criados pelo funcionamento do cérebro em vigília, a proteína beta-amiloide — que se acumula, nos casos da citada doença — não chega a níveis anormais. Esse é um procedimento que ocorre na parte sem sonhos da noite, o “sono de ondas lentas”: algo funcional para o organismo. A parte com sonhos, que envolve o REM, seria então a fase estética do dormir — na medida em que se criam “filmes”, “cenas” ou “histórias” no inconsciente.

Essa percepção do valor artístico dos sonhos, naturalmente, não é nova. O automatismo psíquico do Surrealismo, lá pelo início do século 20, reforçou a ideia

de que o inconsciente é muito mais ficcional que o consciente. Toda poética do devaneio se baseia neste princípio, aliás, e há inúmeros artistas (não só das palavras) que desenvolvem técnicas de sonambulismo, meditação transcendental ou estratégias para alcançar sonhos lúcidos, tendo em vista o aperfeiçoamento de sua criatividade. Existem estudos sobre a qualidade particularmente exótica de ideias hipnopômicas — aquelas relativas ao período entre vigília e sono. O grande problema, neste caso, é manejar a transição, agarrar o tema antes que se ele perca nas brumas do sono efetivo — e sem deixar que ele se racionalize, torne-se censurado e conformado às expectativas óbvias de um assunto que se molda numa fórmula.

Voltando à psicanálise, Lacan recorda, nos seus **Escritos**:

[...] continuam raras, senão pobres, as pesquisas sobre o espaço e o tempo no sonho, sobre seu estofamento sensorial, sonho em cores ou atonal — e o odorífero, o saboroso e a pitada tátil porventura entram nele, se o vertiginoso, o túrgido e o pesado ali estão?

A sinestesia também é um território rico (e pouco considerado) nas histórias sonhadas. E Karen Blixen, na **Fazenda africana**, lembra maravilhosamente como dormir pode ser — além de um trabalho artístico e uma necessidade orgânica — um verdadeiro entretenimento, uma viagem:

O prazer do verdadeiro sonhador não está na substância do sonho, mas no fato de que tais coisas acontecem sem a menor interferên-

cia da sua parte, e completamente fora de seu controle. Grandes paisagens criam-se por si mesmas, imensas e esplêndidas vistas, cores ricas e sutis, estradas, casas, que ele nunca viu ou ouviu falar. Estranhos surgem e são amigos ou inimigos, embora a pessoa que sonha nunca lhes tenha feito nada. Ideias de fugas e perseguições são recorrentes nos sonhos e igualmente arrebatadoras. Comentários excelentes e espirituosos são feitos por todos. É bem verdade que, se lembrados durante o dia, eles desbotam e perdem o sentido, pois pertencem a um plano diverso, mas assim que o sonhador se deita à noite, a corrente é de novo ligada e ele se lembra de como eram excelentes. A todo momento, o sentimento de uma imensa liberdade o circunda e o trespassa como o ar e a luz, uma beatitude sobrenatural. Ele é um privilegiado, aquele que nada tem a fazer, mas para cujo enriquecimento e prazer todas as coisas são reunidas; os reis de Târsis virão lhe trazer presentes. Ele participa de uma grande batalha ou de um baile, e admira-se de, em meio a esses acontecimentos, desfrutar do enorme privilégio de continuar deitado.

Parece não haver desvantagens em dormir (embora algumas vítimas do capitalismo considerem o ato um desperdício). Por experiência própria, eu me tornei uma defensora das longas noites de repouso, e hoje considero a falta de criatividade como sendo essencialmente um problema de insônia. Em última instância, bastaria ao sonhador aguçar o senso de observação — e, sobretudo, a memória — para constatar com que eficiência se pode escrever dormindo. **U**

Uma careta viril, engraçada e maliciosa

Com o esmero de uma escuta clandestina, Sigrid Nunez registra a intimidade de **Susan Sontag**

MARIANA IANELLI | SÃO PAULO - SP

O reduto das intimidades processadas em literatura anda bem iluminado nas vitrines das livrarias. Na seara do relato pessoal, **Sempre Susan: um olhar sobre Susan Sontag** traz as lembranças que a autora Sigrid Nunez guarda do seu período de convívio com a escritora Susan Sontag. Mesmo o relato sendo breve e ligeira a leitura, não é sem desconforto que fechamos essas páginas.

Sigrid era uma jovem de 25 anos, com mestrado recém-concluído, quando aceitou o “bico” de trabalhar para Susan Sontag, então recém-saída de uma mastectomia, ajudando-a a liquidar a correspondência acumulada. Sigrid “datilografava e morava por perto”, por isso a haviam indicado a Susan. O que se desdobra entre quatro paredes, a partir dessa relação, primeiramente entre uma escritora e sua assistente, durante não mais que três ou quatro encontros, depois, entre Susan e a namorada de seu filho (Sigrid começaria a namorar David e a morar na casa de Susan), é registrado nessas breves memórias com o esmero de uma escuta clandestina.

Conversas telefônicas (literalmente), meandros psíquicos de relações familiares e amorosas, espontaneidades de ocasião, engraçadas ou virulentas (ou uma mistura de ambas), tudo o que foi captado pela observação aguçada da autora, enquanto ela frequentou a casa de Susan, vai temperando a dedo esse caldo de lembranças, que tem início na primavera noaiorquina de 1976, no número 340 da Riverside Drive. Era a época da primeira luta de Susan contra o câncer, doença que passaria a ocupá-la como motivo de estudo e escrita, época em que, nas palavras de Sigrid, “em parte graças a seus ensaios altamente conceituados e populares sobre fotografia e em parte por causa de sua franqueza sobre ter câncer, Susan surfava em uma segunda onda de celebridade”. Também época de presenças importantes em sua vida cotidiana, como a do poeta russo Joseph Brodsky, que viria a namorar Susan à mesma altura em que Sigrid começava a namorar David.

A menção de Sigrid a esses namoros paralelos é emblemática de um espelhamento praticado em seu livro também sob a forma de uma interlocução literária. Mas não custa o mínimo pudor de observar que a relação entre Sigrid e Susan não se configurava numa relação entre colegas. Pode provocar uma impressão de coleguismo, por exemplo, quando a autora se lembra de estar com Susan na St. Mark's Place e ela apontar para “duas mulheres com aparência excêntrica, uma de meia-idade, a outra idosa, ambas vestidas como ciganas”, dizendo em tom de brincadeira: “Nós duas daqui a trinta anos”. Ou o fato de Sigrid dispor de um quarto a mais no apartamento de Susan para seu próprio escritório, ou de ser confundida com a escritora, certa feita, numa festa em Nova Orleans, por um homem embriagado.

Íntimo inevitável

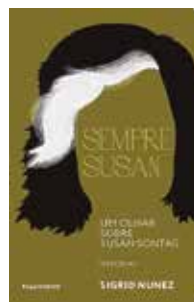
Essa era uma relação confusa por natureza e circunstância, que transitava entre o íntimo inevitável da vida de Susan Sontag em sua casa e seus círculos de amigos, e leituras, reflexões, conversas que nutriam e atiçavam uma escritora principiante, por um momento ali, parte e testemunha do dia a dia no apartamento da Riverside Drive, parte e testemunha de uma vívida circulação de ideias e pessoas, rápidas refeições desleixadas, chistes e críticas misturados, recorrentes jogos psicológicos. Havia sim pequenas mágoas e pequenas desforras na dinâmica desses jogos, e isso nós acompanhamos de perto nas ambivalências do relato de Sigrid, que não se furta a revelar, por exemplo, o deboche que Susan lhe fez, um dia, na frente de várias pessoas, dizendo: “Todo mundo publica suas porcarias. Por que você não publica as suas também?”.

Há outros episódios, digamos, carinhosamente humilhantes sob o alvo da zombaria de Susan, como quando a própria compara a jovem que ela foi com Sigrid, e, na sequência, na presença da ex-companheira Maria Irene Fornés, incita: “Diga a Sigrid

como eu era quando você me conheceu”, ao que Fornés responde, detonando o riso em Susan: “Ela era uma idiota”. Ou ainda o título atribuído a Sigrid dentro do trio formado juntamente com David: “o duque, a duquesa e a patinha de Riverside Drive”. Podemos estender o gosto desse humor amargo e acrescentar que, para “uma aspirante a escritora”, essas doses de provocação de sua “mentora” não seriam em vão: se não lhe serviram para matar a vocação, a puseram à prova e agora se dispõem ao uso, por armas também verbais.

Dentro do jogo que ambas parecem jogar, Susan Sontag teria se sentido “vingada” quando Sigrid não se deu bem num retiro de escritores. E “magoada” por Sigrid não acatar suas sugestões sobre um dos seus rascunhos, a ponto de ignorar todos os seus textos dali para frente. O contra-ataque vem com teor crítico-literário: embora considere Susan de fato sua mentora, Sigrid “não confiava” no que ela tinha a dizer sobre escrita, por não gostar de sua ficção nem de seu estilo, considerava-a insegura por se preocupar com cada vírgula e depender de um leitor por perto durante o processo de escrita. Além disso, a “patinha de Riverside Drive” também se divertia com David cunhando um título para Susan: “nossa *enfant terrible*” — a que tinha alma de eterna estudante, a que buscava aprovação e “não suportava ficar sozinha”, a que se levava demasiado a sério, nada maternal, irritável, elitista, tão suscetível à beleza que “se a pessoa fosse linda, não precisava ser nem um pouco inteligente”, a de inimigos entre os próprios amigos, descontente por não ter sido mais artista do que crítica, famosa por seus ensaios, mas frustrantemente pouco reputada por seus romances e contos.

Assim a autora vai compondo seu retrato particular de Susan Sontag, essa “sempre Susan” por David jamais tê-la chamado de mãe, essa “sempre Susan” como possível expressão de afeto, porém igualmente guardando aí o sentido irônico



Sempre Susan: um olhar sobre Susan Sontag

SIGRID NUNEZ

Trad.: Carla Fortin

Instante

128 págs.



A AUTORA

SIGRID NUNEZ

Nasceu em Nova York, em 1951. Graduada em 1972, obteve mestrado na Universidade Columbia em 1975. Estreou no romance em 1995 com *A feather on the breath of God* e, desde então, segue publicando outros livros de ficção, como o romance *The last of her kind*, em 2006, e *Salvation city*, de 2010. Recebeu diversos prêmios literários, entre os quais o Berlin Prize, bolsa de estudos concedida pela *American Academy* em Berlim, em 2005. No Brasil, além de **Sempre Susan**, foram publicados pela Instante: **O amigo** (2019) e **O que você está enfrentando** (2021).

TRECHO

Sempre Susan

É claro que ser inteligente, talentosa e muito bem-sucedida não necessariamente torna uma pessoa segura. Por acaso, eu a vi logo depois que terminou de escrever aquele que é provavelmente seu conto mais admirado, “Assim vivemos agora”.

“Eu o escrevi muito rápido”, ela disse, “e pela primeira vez soube na hora que era bom. Porque normalmente, você sabe, meu primeiro sentimento sobre tudo o que escrevo é que é uma merda”.

de um “divaísmo”. A autora joga com essas ambiguidades o tempo todo, se comenta eventualmente sobre o “privilégio enorme” de ter podido ouvir Susan e Joseph Brodsky conversando, logo em seguida lança seu juízo sobre eles e cuida de temperar seu relato com aspas de piadas inapropriadas e outras grosserias que ouviu. Sobre as grosserias de Susan com estranhos, Sigrid arre-mata com esta:

Eu pensava que um homem que se comportasse como ela provavelmente teria aprendido muito tempo antes, pelas mãos de outro homem, uma ou duas coisas sobre respeito.

Anedota

Toda essa costura de lembranças envolvendo nomes conhecidos do meio literário (como desforra incidental, Sigrid se dá conta, enquanto escreve, mais de trinta anos depois, de que “estão todos mortos”), toda essa trama de aspas, fora do âmbito das entrevistas, essa trama de entranhas, de falas captadas na intimidade ou ditos inéditos, sabemos que atende sempre muito bem ao gosto popular pela anedota. Sigrid ela mesma, antes de conhecer Susan Sontag, ouvia rumores sobre o que se passava na cobertura da Riverside Drive, e depois de morar lá se viu cercada de curiosos por fofocas e informações de bastidor.

Descortinar a privacidade de alguém que consideramos nosso mentor, mesmo dosando decepção e apreço, há de colaborar em suprimir distâncias, redimensionar grandezas, além de facilitar alguns espelhamentos muito humanos. Essa impressão de proximidade também atende bem a possíveis novas gerações de escritores autoconfiantes. De qualquer modo, seja qual for sua razão de ser, **Sempre Susan** dá à autora a credencial de ter feito parte de um período da vida de Susan Sontag, e talvez seja essa, também para alguns jovens leitores, a porta de acesso a outros livros seus (lançados no Brasil também pela Instante).

Nos diários de Susan Sontag, há uma curiosa menção a Sigrid, entre novembro e dezembro de 1976: “‘Isto não é um tema: uma sensibilidade delicada em confronto com o mundo viscoso, sem coração, frustrante. Vá arranjar um conflito para você.’ (eu para Sigrid)”. Encontramos, ainda, nos diários, a mesma “piada casual” de Joseph Brodsky que aparece nas páginas de **Sempre Susan**: “se você quer ser citado, não cite”. Também nas anotações de 1976, Susan registra uma definição para a escrita: “Escrever é fazer uma careta — viril, engraçada, astuta. Não desdenhosa. Maliciosa”. Pensando em **Sempre Susan** e na influência da escritora sobre o modo de pensar e escrever de Sigrid, essa é uma visão afinal bastante oportuna. Uma careta viril, engraçada, astuta. Sim: maliciosa. **👁**

UM GRANDE CLÁSSICO
DO SÉCULO 20



GRANDIE GATSBY

DE F. SCOTT FITZGERALD

BAIXAR EBOOK
GRÁTIS



gazedopovo.com.br/ograndegatsby

PROMOÇÃO GRATUITA DA GAZETA DO POVO

GAZETA DO POVO

Arqueologia de si mesmo

O francês **Édouard Louis** (re)constrói a história da sua família, marcada pela violência e pela ausência de afeto

JONATAN SILVA | CURITIBA - PR

*And when you want to live
How do you start?
Where do you go?
Who do you need to know?*
Morrissey

// **T**alento é sorte”, escreve Woody Allen em *Manhattan*, um de seus melhores e mais importantes filmes. “O que importa mesmo é coragem.” Em seus dois livros mais recentes, o francês Édouard Louis confirma que tem ambas as características. **Quem matou meu pai** — uma afirmação — e **Lutas e metamorfoses de uma mulher** continuam o projeto que Louis começou com **O fim de Eddy** e **História da violência**: transforma a sua própria vida em matéria-prima para o fazer literário, algo que o faz pertencer à linhagem de Annie Ernaux, por exemplo.

Toda a literatura de Édouard Louis é a arqueologia de si mesmo: uma busca centrífuga de entendimento de mundo. Tanto assim que em **O fim de Eddy**, narra a dissolução de sua própria identidade, a transformação de Eddy Bellegueule — o sobrenome em uma tradução literal significa rosto bonito — para Édouard Louis. Abandonar seu nome de batismo é a primeira de muitas rupturas que irá tensionar. Depois, **História da violência** é um mergulho sombrio e lírico em uma experiência-limite: o estupro e a tentativa de assassinato de que foi vítima na véspera do Natal de 2012.

Louis é jovem, nasceu em 1992, mas parece ter se jogado no mundo de uma maneira única, e não como mero espectador, mas como alguém capaz de ler e interpretar a realidade singularmente. A sua literatura reflete a necessidade de observar tudo ao seu redor e devolver um olhar a partir do *self*. Seguindo os passos do cineasta Jean-Luc Godard, a literatura de Édouard Louis que não aceita meios termos, que não se contenta com o que já está posto, ao contrário, precisa promover o desconforto, o incômodo e a interrupção do fluxo comum das coisas.

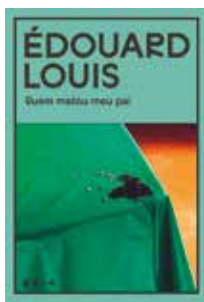
Por isso, quando escreveu **Quem matou meu pai** não permitiu que essa fosse uma pergunta, pois a resposta já está ali, dada,

porém, escondida. Partindo da complexa relação com um pai abusivo, ausente e homofóbico, o livro tenta reconstruir a dissensão do elo familiar. O homem que outrora era alegre e gostava de receber os amigos e dançar havia se transformado em um sujeito amargurado e violento, que reprimia a sua emoção e os seus sentimentos, assim como o de toda a família. Ao narrar a brutalidade dessa relação, Louis humaniza alguém que, por anos a fio, vivia sob uma forma monstruosa da existência.

E ao mesmo tempo em que nomeia cada uma das violências e humilhações que sofreu desse pai, o autor o perdoa e o revela em uma névoa de fragilidades sociais acachapantes — o que alivia a gravidade de todos os traumas que produziu na família, mas traça um itinerário, por exemplo, do olhar conversador de um homem massacrado pelo governo. A gota d'água é um acidente de trabalho que destrói de vez o seu corpo e a sua saúde. Nesse ponto, o pai está cada vez mais envolvido com a bebida e com a impossibilidade de ser e estar no mundo. Enquanto definha, leva tudo à sua volta consigo e faz da decadência uma narrativa particular, íntima, como se fosse parte intrínseca de estar vivo ou, ao menos, existindo.

Louis, desde criança, sentia o peso dessa relação: fosse num “show de mentira” durante um jantar para amigos, em que o menino cantou *Barbie girl*, deixando o pai constrangido, fosse na languidez com que voltava para casa da escola. O medo e a vergonha são o legado dos Bellegueule e, quem sabe, isso não explica o porquê da troca de nomes.

No dia do show de mentira, fui atrás de você lá fora, você fumava compulsivamente, estava sozinho, de camiseta, fazia frio, a rua estava deserta e a ausência de barulhos era quase infinita, eu sentia o silêncio entrando pela boca e pelos ouvidos. Você olhava para o chão. Eu dizia: Desculpa, papai. Você me abraçou e disse, Não foi nada, não foi nada. Não se preocupe, não foi nada.



Quem matou meu pai

ÉDOUARD LOUIS
Trad.: Marília Scalzo
Todavia
72 págs.



Lutas e metamorfoses de uma mulher

ÉDOUARD LOUIS
Trad.: Marília Scalzo
Todavia
112 págs.



O AUTOR

ÉDOUARD LOUIS

Nasceu em Hallencourt (França), em 1992. É conhecido por seu impactante trabalho literário que aborda questões sociais, identidade e classe. Seu primeiro romance, *O fim de Eddy* (2014), oferece uma visão penetrante de sua experiência crescente em uma família operária no norte da França, explorando temas como homofobia e pobreza. Seu trabalho é elogiado pela crítica por sua honestidade e impacto emocional.

TRECHO

Quem matou meu pai

Numa noite em que fiquei sozinho porque vocês foram comer na casa de uns amigos e eu não quis ir junto — lembro do fogão a lenha que espalhava por toda casa seu cheiro de cinzas e sua luz suavemente alaranjada —, encontrei, em um velho álbum de família roído pelas traças e pela umidade, fotos em que você aparecia fantasiado de mulher, de baliza.

O ressentimento e a culpa, de ambos os lados, também povoam os espaços que separam pai e filho. E tudo isso está na construção da narrativa, uma carta kafiiana dirigida ao pai. Diferentemente do tcheco, Édouard Louis não sentia apenas medo, mas compaixão, tentando entender o que estava por trás de toda aquela agitação negativa. A narração é povoada de datas ou marcações temporais que situam o leitor no tempo e no espaço, que ajudam a conceber também um senso rítmico.

Círculo de imperfeições

Dentro de casa, Louis tinha uma amostra do que vivia na escola: a violência e o bullying desperdatos pela sua homossexualidade, a intriga diante do que é desconhecido. A família, que morava em uma cidade pequena, vivia sob a égide dos costumes do pensamento raso e da negação de tudo o que não é perfeito dentro daquele pequeno círculo de imperfeições. Esse era o *modus operandi* da região, como se fosse imprescindível estar em um mundo sem mudança, sem qualquer alteração, sem coisa alguma que pudesse trazer o mínimo sinal de perigo. O resultado de toda essa equação de traumas é a solidão, que Louis sofria todos os dias.

Quem matou meu pai é uma obra assombrosa, triste e comovente, porém, consegue estabelecer um pensamento sólido acerca da maneira como as crianças veem o mundo. Escutando o podcast *Projeto humanos: O caso Leandro Bossi*, que tenta desvendar o assassinato de uma criança em Guaratuba (litoral do Paraná), cujo corpo foi encontrado não muito longe de onde acharam o cadáver de Evandro Ramos Caetano, é impossível não pensar que Louis também poderia ter sido vítima de algo parecido.

Claro, uma coisa não tem, necessariamente, a ver com a outra, entretanto, o silêncio das crianças parece revelar o que a sociedade pós-moderna e líquida guarda de pior. E essa é a sensação amarga da literatura de Édouard Louis, de que sempre existe uma selvageria escamoteada sob o verniz das convenções e da hipocrisia e que, de um jeito ou de outro, leva tudo para o buraco.

Arquitetura da simplicidade

Se **Quem matou meu pai** é uma tentativa de retomar uma relação rompida, **Lutas e metamorfoses de uma mulher** é uma carta à mãe, também visceral e ainda mais emotiva, pois, assim como Louis, ela também foi uma das vítimas de um homem que marginalizou a si mesmo. E é engraçado como o escritor vai revelando os fatos mais íntimos com uma naturalidade intensa, ainda que o leitor perceba que, em realidade, está testemunhando a abertura de uma caixa de Pandora.

Mais uma vez, Louis está em uma caça arqueológica, revirando o passado para tentar dar conta do presente. “Tudo come-

çou com uma foto”, escreve logo na primeira linha. Ora, esse é o método que Ernaux também se vale. Em **A outra filha**, a autora — vencedora do Nobel de Literatura em 2022 — usa uma fotografia como estopim para investigar o passado da irmã, que morreu anos antes que ela nascesse. Ernaux e Louis são arquitetos da simplicidade, parte de questões cotidianas para chegar a profundidades abissais.

Os dois fazem dos seus livros cartas e testemunhos, uma ação deliberada de dar voz a um mundo de excluídos. Tanto um quanto outro também se distancia do melodrama fácil, da banalidade do sofrimento e da baixaza das intrigas familiares. Louis, quando escreve sobre a mãe, fala sobre uma mulher soberana que, a despeito de todas as cicatrizes — muitas delas do primeiro casamento, antes de se encontrar com Bellegueule — sonha em voltar a viver.

Lutas e metamorfoses de uma mulher vai explorar os aspectos sinuosos de uma família em degradação e, simultaneamente, a inocência de um menino em formação. Dessa junção, o leitor se depara com cenas que entrelaçam o cômico e o melancólico, algo que Elena Ferrante havia também encenado em **Um amor incômodo**, sobretudo quando a filha se sente excitada durante o velório da mãe.

Louis, porém, consegue dar vida a uma cena, esta real, tão dilacerante quanto a de Ferrante:

Um dia eu falei, diante de toda a família reunida, que adoraria que srta. Berthe, professora de história da escola, fosse minha mãe. Eu devia ter onze anos. Meu irmão mais velho, que estava comendo ao meu lado, se assustou: Não se deve dizer essas coisas, é errado!

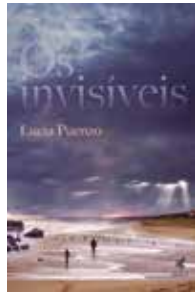
Antes dessa cena não fazia ideia de que era errado querer outra mãe.

Como se vê, Édouard Louis tenta encontrar os limites da ética familiar, da necessidade de colocar os papéis sobre a mesa e, cada um a seu modo, interpretá-los. Em alguma medida, tanto **Quem matou meu pai** quanto **Lutas e metamorfoses de uma mulher** são a síntese dos encontros e desencontros da vida real, do colapso equivocado dos ideais e da sensação torpe a respeito do que é a vida nas cidades. No caso da família do autor, a libertação só acontece quando a mãe joga todas as roupas do pai porta afora e não o deixa entrar novamente. O pai, entendendo o que está acontecendo, não insiste, a mãe, lutando contra si mesma, vai em frente e, mais tarde, encontra outro homem e se muda para Paris.

É engraçado porque, apesar de ter vivido sempre na mesma região, somente quando passa a habitar a capital é que deixa de se sentir uma estrangeira. E é a primeira vez em que se sente realmente quem é. **📖**

rascunho recomenda INTERNACIONAL

Em seu novo romance, Lucía Puenzo aborda o tema da infância roubada a partir da perspectiva de dois adolescentes e um menino de seis anos que, vivendo nas ruas de Buenos Aires, são recrutados por indicação de um ex-policia que se tornou segurança privado, para realizar uma série de delitos em residências de luxo na capital argentina e em Punta del Este, no Uruguai. Corrupção, desamparo, violência e desigualdade social são temas centrais da obra, que também destaca a inocência da infância. Aos 46 anos, Puenzo é um nome em evidência na Argentina e transita com igual desenvoltura entre a literatura e o cinema. Em 2010, teve um conto seu selecionado para a primeira edição de **Os melhores jovens escritores em língua espanhola**, da revista literária inglesa *Granta*. Um de seus romances mais conhecidos, **O médico alemão**, foi adaptado ao cinema, e a autora também ficou à frente do roteiro e da direção do longa, que arrematou 11 prêmios cinematográficos em festivais ao redor do mundo.



Os invisíveis

LUCÍA PUENZO
Trad.: João Ricardo Milliet
Gryphus
160 págs.



DIVULGAÇÃO



Margens e travessias

BOAVENTURA CARDOSO
Kapulana
448 págs.

Boaventura Cardoso é um dos mais importantes escritores da literatura angolana. E no romance **Margens e travessias**, o protagonista é justamente o povo de Angola. O escritor, de forma ficcional, conta a história da formação de seu país. Para isso, serve-se das lembranças de Kitekulu, um soba (chefe tradicional), e Manimaza, filho das águas. Suas conversas acontecem enquanto percorrem os rios de Angola e suas aldeias ribeirinhas, de forma que os fatos e mitos do país, desde os tempos pré-coloniais até o período pós-independência, chegam ao leitor pelas vozes das personagens do romance. Histórias contadas pelas personagens, troca de mensagens e cartas entre o soba, chefe de uma Zona de Acção, e o Comissário Distrital, relatos de uma mãe à espera de seu filho, e as lembranças e conversas entre Kitekulu e Manimaza formam o panorama da história de Angola. Os rios e suas margens não são meros acidentes geográficos. São fios condutores das vivências e narrativas das personagens. A dinâmica da narrativa acontece conforme os rios se formam e são percorridos pelas personagens.



A menina que não fui

HAN RYNER
Trad.: Régis Mikail Ercolano
256 págs.

A menina que não fui, de Han Ryner, é um romance precursor da literatura LGBTI+, até então inédito em língua portuguesa. Por meio de cartas, diários e confissões, Taulane narra em primeira pessoa os diversos impasses que enfrentou em sua vida, não apenas devido a seus desejos, mas também à sua própria identidade. Homossexual e órfão, ele é atormentado desde a infância por sua atração pelo sexo masculino e por um possível desconforto em seu gênero. Nas primeiras páginas, o leitor se depara com uma pessoa que decide contar por escrito seus conflitos internos numa sociedade ainda hipócrita, que hesitava entre religião e laicidade, e que via na homossexualidade uma patologia. François é apelidado de “mulherzinha” e de “rainha François” pelos colegas que por ele sentiam tanto desprezo quanto atração. A edição também traz uma série de aparatos críticos, como o caderno de imagens coloridas, e textos de apoio para a leitura como o prefácio de João Silvério Trevisan, *O menino que era rainha*, além do posfácio escrito pelo pesquisador e tradutor do livro, Régis Mikail.

A escritora Toni Morrison foi quem descobriu Gayl Jones e editou seu primeiro romance, **Corregidora**, publicado em 1975. **Apanhadora de pássaros** é um livro sobre a ambivalente amizade entre duas mulheres negras. Nele, Jones tece reflexões sobre criatividade feminina, papéis de gênero e as vicissitudes da natureza humana. Ambientada sobretudo em Ibiza, com passagens que têm como cenário os Estados Unidos, o Brasil e Madagascar, a história é narrada por Amanda Wordlaw, escritora que acompanha o casal Catherine e Ernest Shuger em suas andanças pelo mundo.



Apanhadora de pássaros

GAYL JONES
Trad.: Nina Rizzi
Instante
224 págs.

Colson Whitehead é um fenômeno literário nos Estados Unidos. Por duas vezes o autor venceu o Pulitzer, mais prestigioso prêmio literário do país. Em **Setor Um**, os EUA passam por uma “praga” e zumbis povoam as ruas. As forças armadas estão encarregadas de retomar a parte sul da ilha de Manhattan, área conhecida como Setor Um. E Mark Spitz é membro de uma das unidades de varredores responsáveis por se livrar dos últimos zumbis que ainda habitam as ruas desertas dessa Nova York distópica. No entanto, os resquícios de vidas passadas que encontra pelo caminho o levarão a questionar as próprias ações.



Setor Um

COLSON WHITEHEAD
Trad.: Érico Assis
HarperCollins
334 págs.

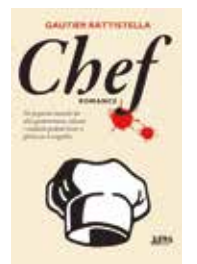
Quando Hisham Matar, escritor estadunidense de origem libanesa, era um estudante universitário de 19 anos na Inglaterra, seu pai desapareceu em circunstâncias misteriosas. Hisham nunca mais o veria, mas não perdeu a esperança de que o pai ainda estivesse vivo. Vinte e dois anos depois, ele voltou para sua Líbia natal em busca da verdade por trás desse desaparecimento. **O retorno** fala sobre o que o autor encontrou lá. Chamada de “memória eloquente”, a obra foi bastante aclamada pela imprensa mundial e venceu o prêmio Pulitzer.



O retorno

HISHAM MATAR
Trad.: Odorico Leal Âyiné
272 págs.

Paul Renoir é reverenciado por celebridades e, no início deste romance, é eleito o melhor chef do mundo por seus pares — a consagração definitiva. Alguém poderia querer mais? Contudo, o mundo da alta gastronomia não é o que parece, e a busca pela excelência absoluta e pela perfeição está destinada ao fracasso... Gautier Battistella, jornalista, romancista e crítico gastronômico francês, narra o cotidiano e o fim trágico de um grande chef, e esboça um painel da gastronomia francesa ao longo de quase 60 anos.



Chef

GAUTIER BATTISTELLA
Trad.: Julia da Rosa Simões
L&PM
264 págs.

Neste romance autoficcional, o leitor acompanha uma jovem que encontra na prostituição uma fonte de prazer e de poder. Intrigada com as mulheres que têm como profissão a comercialização do próprio corpo, e tendo a intenção de escrever um romance, a escritora e estudante parisiense Emma Becker se mudou, aos 25 anos, para Berlim, onde a prostituição é legalizada. Sob o nome de Justine, personagem de Marquês de Sade, começou a trabalhar na Maison, um bordel que dava especial liberdade às suas funcionárias. Nos dois anos em que trabalhou como prostituta, Emma conviveu com mulheres que eram mães, estudantes e até esposas que escondiam dos maridos sua ocupação.



La Maison - minha história na prostituição

EMMA BECKER
Trad.: Alessandra Bonruquer
Record
192 págs.

PARTO

LUIZA FARIELLO

Ilustração: **Mello**

— Pra que serve isso aí?

Lenice suspirou fundo como quem se prepara para uma longa explicação. A menina mantinha os braços cruzados desde que entrara em casa.

— É uma vitrola, antigamente era assim que ouvíamos música. A gente coloca os discos para tocar, o som sai por aqui ó — as mãos um pouco trêmulas apontaram a caixa de som.

— Mas por que você ainda tem isso?

Lenice balbuciou algo como “eu gosto, eu escuto sempre”, mas Raquel já tinha virado as costas e perambulava pela sala. Sentou-se no sofá, pisando com o tênis no estofado azul-turquesa. Lenice fixou o olhar nos pés da garota.

— Você quer ver meus discos?

Raquel bufou, levantou-se com a rapidez que só aos doze é possível e colocou-se ao lado dela. Por um instante os cotovelos das duas chegaram a se tocar; Raquel se afastou um pouco dando um passinho em diagonal para trás. Lenice abriu uma grande gaveta em que os discos estavam organizados verticalmente por ordem alfabética; um ou outro fazia com que ela se detivesse — “há quanto tempo eu não escuto esse...”, “esse daqui é especial, veja!”. A menina espiava as capas, em seguida buscava qualquer coisa no céu lá fora, ainda não havia explorado a varanda.



MEIIO.

— Essa capa aí é legal, a loira com asa de anjo e esses cabeludos. Parece um grafite que eu vi no muro.

Lenice retirou o disco com cuidado e a menina agarrou-o, lendo com dificuldade: “Mu-tan-tes”. Depois ergueu as sobrancelhas e encarou Lenice; em vez de oferecer alguma explicação, ela retirou o vinil e colocou para rodar no aparelho. A menina seguiu com o olhar as mãos da mulher apertando e girando botões:

— Você é muito branquela.

“Dizem que sou louco por pensar assim/ Se sou muito louco por eu ser feliz...”

Lenice aumentou um pouco o volume. Com uma careta que entortou o rosto, Raquel foi ao mesmo botão e girou até o final:

— Música só é boa muito alta!

Lenice tapou discretamente os ouvidos, aos poucos foi retirando os dedos; aguentou até o final, cantou — “eu sou feliz...” —, levantou a agulha e sorriu.

— No abrigo você podia ouvir música nessa altura?

— Não, no abrigo não deixavam nada. Mas onde eu morava antes, cada um ouvia o que queria ao mesmo tempo e bem alto.

— E não dava briga? — Lenice perguntou já rumo à cozinha.

— Dava, sim. Facão, garrafada, tiro até. Muito mais legal do que aqui.

A menina estalou os dedos, sentou desta vez no chão, próxima ao corredor e disparou:

— E se eu colocar fogo na casa?

Lenice quebrou no meio do sorriso, encarou-a:

— Seria uma pena porque nós duas ficaríamos sem ter onde morar.

A menina abaixou a cabeça entre as pernas. Lenice deu um passo meio dançante e abriu a geladeira, apanhou o filé mignon para fritar — queria fazer um belo bife à parmegiana com batata. Pela manhã, foi questionada pelo açougueiro do supermercado por causa da quantidade pedida em dobro: “Dessa vez vai receber alguém?”. A resposta entalada dava-lhe um gosto amargo na boca. Há anos comprava o mesmo tanto de carne, no mesmo lugar, toda segunda-feira, para passar a semana. Cortou com precisão o bife, a faca afiadíssima — “na certa ele deve ter pensado que eu arrumei um namorado no Tinder. E falado: aquela baleia achou alguém!”.

— Tem algum lugar aqui para eu ficar sozinha?

Raquel não esperou pela resposta e seguiu pelo corredor, até encontrar a porta com o enfeite pendurado — dois passarinhos angelicais sustentavam pelo bico o seu nome bordado, adorno típico de porta de maternidade.

Lenice fez o jantar em silêncio. Depois chamou a menina, e nada. Comeu só. Caminhou até a porta do quarto, fechada. Colocou a mão na maçaneta, retirou antes da ação. Bateu. Nem sinal. Estaria dormindo? Pensou em ligar para Mariana, a amiga cuja filha mais velha tinha a idade de Raquel. Apanhou o celular e tornou a deixá-lo na mesa — isso seria já de saída colocar-se em posição inferior, ou ainda supor que uma pessoa sabe sempre com os filhos biológicos, o que, como qualquer um sabe, é mentira.

— Eu só quero avisar que o jantar está pronto — Lenice coloca as mãos na porta, afagando a madeira. E insiste:

— Se você quiser, é só esquentar um pouco no micro, eu te ajudo.

Por fim a menina abre. Parece que diminuiu de tamanho, está tão criança agora! O cabelo preso, uma mecha caindo em caracol de cada lado.

— Depois eu como. Ainda não estou com fome, mãe.

Paralisada, Lenice não sabe o que fazer com aquela palavra. Quer vesti-la feito uma roupa, mas tem medo de o tecido rasgar, não servir em seu corpo imenso. Quer engoli-la, mas dessa forma a palavra perderia sua natureza, dobraria em outra, se emendaria em frases. Então escolhe isto: nada. Fica apenas admirando as três letras boiando no ar, subindo pelas paredes da casa, agora delas. ❶



LUIZA FARIELLO

É autora do livro de contos **Essa palavra eu não falo** (Patuá), semifinalista do Prêmio Oceanos e finalista do Prêmio Candango de Literatura. É professora de língua portuguesa da rede pública do Distrito Federal. O conto *Parto* integra seu novo livro, ainda sem data prevista de publicação.

O POUSSO DOS VAGA-LUMES

PABLO GONÇALO

Ilustração: **Marcelo Frazão**

O carro é um Santana 87, verde fosco, meio rebaixado. Balança horrores na estrada de terra. Chacoalhamos no mesmo ritmo do terço, pendurado no retrovisor. Digo em voz alta: “Adedooo-nha!”. Sozinha, estendo a mão esquerda junto com três dedos da direita. Conto até a letra H, que é péssima. Ninguém anima. Fico olhando pro adesivo de Nossa Senhora da Aparecida, colado no vidro da frente.

O meu tio Jorge comprou o Santana faz pouco tempo. Ainda tem um cheiro de novo, misturado com o fedor do cinzeiro, cheio de bitucas. Não é o meu tio que dirige; é o Kleber, nosso adulto preferido. Forte e magro, suas veias saltam do braço. Ele tem o cabelo reto, a orelha ralada pelo tatame dos treinos de jiu-jítsu. Kleber gosta de contrair o braço, faz um muque e fica mostrando a tatuagem com o símbolo do Yin e Yang, que cresce e diminui, quando brincamos de guerra de travesseiros, montinhos de corpos e empurra-empurra na varanda da chácara.

Somos cinco piás espremidos no banco de trás. Meus primos formam um trio. A Mayra é a filha do meio do tio Jorge. Tem os olhos verdes como os da mãe, a Jamila, ex do meu tio. Ela esfrega suas coxas suadas nas minhas. Eu sou a mais velha e o Lúcio Flávio é o primeiro do lado do meu tio. Ele anda coçando o buço, que começou a aparecer. Está cada dia mais calado e tem me olhado fundo, de um jeito misterioso.

Moreninha, a Mayra fala numa voz fina, que irrita. No canto dela, estão os dois caçulas, o Dinaldo e o Beto, meu irmão, sempre sem camisa e com a aba do boné virada pra trás. Faz questão de tentar ser descolado. Eles nos chutam o tempo todo, pedindo espaço, deitando sobre nossas pernas e ombros. Vão amassando e se enganchando nos meus cabelos e acabam me machucando.

— Quero todo mundo quieto. Agora! Parem com essa arruaça!

Tio Jorge dá uns gritos que gelam a espinha. É pros filhos dele, mas parece pra gente também. O carro salta sobre os buracos, os mata-burros, as costelas de vacas. Pra zoar, Kleber lembra o “Om”, o “Aum”, um mantra de yoga que ensina pra quietar a gente, antes de dormir. Na estrada, começamos a fazer o aaaaauuumm, aaaaauuumm, mas vem um buraco e altera a frequência do coro: AUUUUUUM, AAAAAAUM, AUMMMMMM. Entrando na brincadeira, meu tio põe um “Z” no mantra. Vira ZZZUUUMMM. No universo paralelo do banco de trás, gargalhamos.

Meu tio Jorge é pançudo. Tem fama de assar a melhor leitoa daquelas roças. Ele costuma roncar alto enquanto vemos TV com o Kleber. O carro finalmente alcança o asfalto. Vem um alívio, e um silêncio. Eu não fazia a mínima ideia aonde íamos. Nem imaginava por que meu tio não deixou a gente na chácara. Talvez tenha sido por conta de uma briga dele com a minha mãe.

Todos chamam o Beto de Betinho. Acho fofo: esses diminutivos que deixam o apelido mais longo. Betinho é guloso. Distante dos adultos, ele

abre um pote de sorvete de baunilha. Devora tudo que tem dentro, trancado no quarto do meu tio. Fica com a cara amarela e as bochechas grudentas. Betinho nem divide o pote com ninguém. Depois aparece com uma caganeira dos infernos. É aí que minha mãe entra em cena e briga com meu tio, no meio da sala da chácara.

— Puta que pariu, como é que você deixa as crianças largadas assim?

A fúria da minha mãe é famosa, sempre comentada à boca miúda da família.

— Se liga, Rê! Não vou deixar de ir pras minhas festas pra você ficar batendo perna por aí — provoca meu tio.

“Bater perna.” Minha mãe bufava quando ouvia isso. Mal chegava em Goiânia e já deixava eu e o Betinho com os tios ou os avós. Aí diziam: “Lá vai a Rê bater perna”. Ela seguia para encontrar as amigas do colegial. Ia jogar conversa fora, saber das fofocas. Fumava como uma chaminé e comia um churrasquinho de gato pelos lados da rua doze, no centro.

A gente ficava lá na chácara do tio Jorge, esperando minha mãe voltar. Às vezes ela demorava uns três dias. Ninguém insistia pra gente dormir. Íamos até o último programa de televisão, quando os canais se desmanchavam num chiado sem sinal. Os pontinhos pretos e brancos, serelepes, na tela.

No jardim, os primos inventavam de caçar vaga-lumes. Pegávamos uma das caixas de fósforos do fogão. Esvaziávamos. Ao nos distanciarmos da casa, o céu preenchia tudo. Eram tantos pontinhos brancos que o escuro sumia. No meio dos sons de grilos, sapos, pios de corujas: a mata existia. Era quando a luz vinda do bucho dos vaga-lumes começava a aparecer. A regra dos madrugadores era conhecida. Bastava pegar três vaga-lumes e enfiá-los numa caixa de fósforo.

Quem vencia, escolhia um prêmio, ou uma prenda. Um beijo de língua, abaixar a cueca, como eu, uma vez, pedi ao Lúcio Flávio. A gente fugia pro banheiro de tijolinhos marrons, que era escondido e raramente um adulto passava por lá. Todos os primos se amontoavam pra escapular do

frio da piscina. Acontecia de os rapazes ficarem de pinto duro. Davam pra ver a cabeça do pinto de um deles, vermelhinha, como carne viva, pedindo espaço para pular para fora daquela pele fina.

Naquele dia, meu tio Jorge não vacila, e parece considerar as queixas da minha mãe: não queria deixar o Betinho só na chácara. Ele pega toda a gurizada e mete no Santana novo, que já vivia sujo de terra e lama. Tio Jorge — meio veio outra lembrança — era conhecido pelo apelido de Conde. Zombavam dizendo que ele nasceu com alma de rico e bolso de pobre. Um aristocrata fora de época que só comprava perfumes importados, da Saint Laurent. Diziam que meu tio tinha três cartões de crédito. Quando um estourava, começava a usar o outro. Fazia malabares com os limites dos bancos. Pagava as dívidas pegando causa de alguma multinacional, prima ou irmã da Monsanto. Aí torrava tudo de novo.

Meu tio é falador, mas dessa vez está mais quieto, e, do banco dos passageiros, nos observa um pouco. Kleber deixa o carro urrando nas marchas, indo ao máximo que o motor permite. Vibramos quando ele alcança os 120 quilômetros por hora. Kleber vira um herói, uma espécie de Ayrton Senna. Na BR, pela janela, vejo o gado nelore, branco, marcado, pastando atrás das cercas tortas. Faz um sol de rachar.

— Acho que é por ali — diz meu tio. — Pode virar à esquerda que eu vou dar um sinal pro menino.

O Santana passa por um cruzamento. Casas caídas, mostrando o reboco. Pipas voando no céu. Pessoas desconfiadas, olhan-

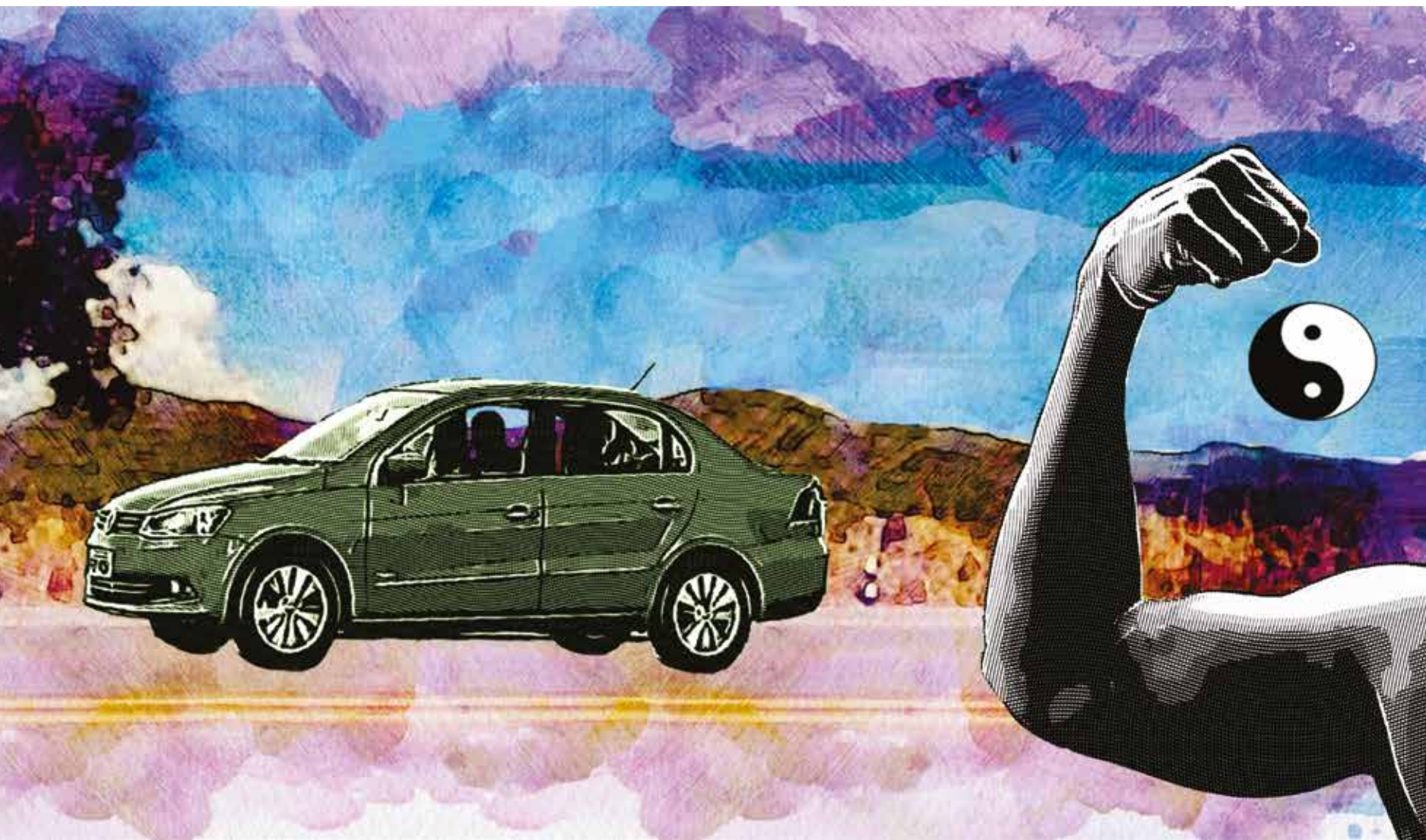
do o carro. Kleber tira o pé do acelerador. Deixa no ponto morto. Passa devagar por um quebra-molas. Conduz o carro ao lado de um montinho de terra, com um mato alto. Ele para e espera. Há um código. Eu sei que há. Eu sinto. Esse código me atrai; eu quero prestar atenção nele. Betinho e Dinaldo dormem, abraçados e desmilinguidos. Continuariam na mesma posição até se chovesse granizo. Não faço a mínima ideia do que Kleber e meu tio vieram catar nesse diacho de fim de mundo.

Digo diacho porque gosto. Vi alguma atriz da novela das oito dizer “diacho”. Uma parente da Tieta. Peguei gosto de dizer diacho mesmo que não pronuncie diacho direito. Forço o sotaque. Diacho lembra um diabo cheio de achismos. Mas é uma palavra curta. Alguém lá junta diabo com acho? Junta não. Penso e não digo. Então, penso calada. Logo, digo diacho. E penso diacho quando vejo meu tio abrindo a porta. Alguém vem lá no fundo. Parece que há um encontro marcado.

Tem sim. Um menino, acho que da minha idade. Ele olha para os dois lados. Sai da casa de reboco. No carro, agora somos eu, o Lúcio Flávio e a Mayra que espreitamos a cena. Sinto um calafrio. Parece que Mayra tem medo.

Meu tio Jorge tira a carteira. Ele dá um amontoado de notas de cem cruzeiros pro menino. Tenho certeza que eram daquelas verdes. Meu tio pega um pacote. Volta. Chama o Kleber, que sai do carro. Os dois mexem naquilo que meu tio veio comprar ali. Eles estão eufóricos, como ficamos nos dias de desembulhar os presentes de natal. O ânimo logo vira afobação. Eles entram no carro. Meu tio vas-





culha o porta-luvas. Kleber abre o porta-malas. Remexe.

— Tem nada liso aí por perto?

— Calma, Klebinho, não dá pra ser agora. As crianças estão vendo.

A frase me atinge. Meu tio vai fazer algo que a gente não pode ver. Se a gente dormisse, como o Betinho e o Dinaldo, talvez a gente se safasse. A Mayra já está de olhos fechados. O Lúcio Flávio também. Não dava para saber direito quem fechava os olhos por sono mesmo, ou quem fingia que dormia. Nessas horas, fingir é bom. O Lúcio encosta a sua cabeça no meu ombro. Gosto disso. Recosto nele. Escolho fechar os olhos.

Mas pisco, disfarçando. Sei que o Kleber está puxando o retrovisor do carro. Ele tem força para arrancar aquilo de uma vez, mas acho que não queria fazer muito barulho para não assustar as crianças que dormiam, nem a gente, que fingia dormir. O braço de Kleber se contrai. A tatuagem cresce. Pá. Pá. Pá. Paaaaa. PRUM, o espelho do carro é arrancado.

Baita estrondo do cão. O Santana sacode como num empurra-empurra. Eu e o Lúcio tentamos não dar bandeira. Abro só um dos olhos e vejo o Kleber saindo com o retrovisor todo na mão. Depois, ele e meu tio vão para um canto, perto do carro. Despejam uma poeirinha branca no vidro do espelho. Parece açúcar, ou algum tempero, mas acho que não é algo de comer. Eles enrolam uma das notas verdes, que ficam finas, tipo um canudinho. Eles não põem as notas na boca. Kleber enfia a nota com a forma de canudinho dentro do nariz dele. Eca! Dá nojo.

Tenho medo do que vou ver. Fecho os olhos novamente.

Com o que escuto, brotam cenas. Eles fungam. Muito. Estão ofegantes. “Nó”, diz o Kleber. “Parada forte!”, é a voz do meu tio. Acho que se abraçaram. Deram tapas estranhos. Dá para ouvir um som de couro sendo batido. Talvez da jaqueta preta que meu tio gosta de vestir nos fins de semana. Eles voltam pro carro. Estão falantes e risonhos. Kleber dá partida no Santana. Meu tio liga o som. Bota uma fita k7.

— Acorda molecada!!!

Kleber grita enquanto dá a ré. Sai cantando pneus e cata uma guia, na calçada. Todos despertam. Os que dormiam — e os que fingiam. *Pega rapaz, meu cabelo à la garçonne* é a música que toca.

A gente se anima. Ri. O Santana já está na estrada. Atinge 120 quilômetros por hora. Meu tio pega o maço de Carlton. Tira um cigarro. Acende. Fuma. Betinho levanta o pescoço. Procura algo no carro. Pela janela, uma brisa espalha o cheiro da nicotina. Vem a sensação de estarmos num filme.

— Tio, cadê o retrovisor?

É Betinho. Sempre inconveniente.

— Quebrou! Agora vocês são nossos retrovisores.

De frente, de trás, eu te amo cada vez mais, mais, mais. A música continua a tocar, enquanto Kleber passa a quinta. Ele ultrapassa um caminhão cegonha, carregando uma dúzia de carros zero.

— Olhem pra trás! Avisem quando avistarem um carro mais rápido que o Santaninha.

Os cinco piás se viram. Uma brincadeira nova: espiar carros na BR. É meio entediante, mas tá valendo. Lúcio se aproxima. Sinto o peso do seu corpo balançando contra o meu. Também

quero saber o que Kleber e meu tio estão fazendo. Viro um pouco o pescoço. Vejo meu tio acariciando a mão de Kleber, no topo da marcha. Fico assustada. Volto para reparar se tinha algum caminhão, ou outro carro ligeiro. Entramos na estrada de terra.

— É hora do OM, meninada!

— A A U U M M M !
A A U U M M M !
ZZZZUUUMMM!

Somos um coro de abelhas. O balançar do carro faz com que o corpo de Lúcio pese mais sobre o meu. Estamos quase encaixados. Eu acho esquisito. Fico quieta, sacando até onde aquilo poderia ir. Sinto algo diferente atrás das minhas coxas. Deve ser uma parte dele, que mexe um pouco, nos pequenos pulos do Santana. Meu coração fica acelerado, junto a um calor que se espalha, uma febre, da barriga à boca. De olhos fechados, quero o voo dos vaga-lumes. Quando o AAUUMM acaba, eu guardo o instante. Preciso descer do carro e abrir a porteira.

No ano seguinte, minha mãe vem me dar uma notícia. Meu tio Jorge anda magro, e vive internado. Então não vai rolar a libertinagem das férias por lá. O problema desse vírus, ela emenda, é que com ele não se morre nem se mata de verdade, nem de uma vez só. É tudo aos tiquinhos. O bicho é tihoso, uma porta de entrada pra um monte de infecções perigosas. Tio Jorge e Kleber tinham a mesma doença, ouvi minha mãe dizendo pra irmã deles, no telefone, jurando que tava falando escondida. Ninguém sabe quem pegou de quem. Uma parada nova, desconhecida, que tem dado um auê no mundo todo. Preo-

cupada, minha mãe se agiliza e consegue um tratamento de ponta pro meu tio, que embarca pra Paris. Ele vai tomar um coquetel com remédios experimentais.

Kleber morre poucos dias depois do meu tio voltar da Europa. Na mala, o tio Jorge traz um autorama pros nossos primos. Lúcio, Dinaldo e Mayra ficam exibidos com o brinquedo raro, vindo de longe. Meu tio arruma o velório, na casa dos pais do Kleber, perto do estádio do Vila Nova de Goiás. Ele escolhe as coroas de flores mais vistosas e contrata um violinista da orquestra da cidade para tocar algo não “fúnebre”. Encomenda os famosos salgadinhos da Vó Benta. Serve café pra Jamilya, sua ex, e os amigos dele e do Kleber, que frequentavam as festinhas da chácara. Estavam todos só pele e osso, entrando e saindo de hospital. Meu tio perfumou os três filhos, e chegou a alugar sapatos para irem bem arrumados.

Meu tio abraça a Arlete, mãe do Kleber. Num misto de culpa, alívio e desespero, ele quer esconder seu rosto naqueles ombros. Arlete é uma dona de casa, que mal cabia naqueles vestidos largos e estampados, conhecida pelos doces de abóbora na Feira da Lua, aos domingos. Chora num lenço quadriculado. Do lado dela, o seu João, o pai do Kleber, um motorista da caminhonete do gás. Estava arrasado, como ninguém nunca viu antes.

Aos soluços, minha mãe fala que tem dó do meu tio. Ele não merece aquele sofrimento. Em cima do caixão, na parte que tinha um castiçal de prata, meu tio pendurou uma foto do Kleber perto de uma girafa, quando visitaram o zoológico de Buenos Aires. Des-

de menininho, diz Arlete, ele era louco por girafas. É meu primeiro velório e estranho as pessoas dando “os pêsames” para o parentes. Minha mãe ri com os olhos úmidos porque me vesti toda de preto — os sapatos, a pulseira, os brincos, e até a tiara —, doída pra imitar as cenas de enterro que assistia nas novelas. Faltaram os óculos escuros.

Só tenho uma curiosidade. Quero saber como está a tatuagem de Yin e Yang. De rabo de olho: o Kleber veste uma camisa branca, de manga curta, com um jeans que ele realmente gostava de usar. O braço fino, rente aos ossos. Toco no corpo, que está frio. Afasto um pouco o braço direito e vejo: a tatuagem está murcha, meio apagada, e os pontos pretos e brancos encolheram. Nunca soube onde foi parar o muque dele. 📍



PABLO GONÇALO

Nasceu em Goiânia (GO), cresceu e vive em Brasília (DF). É professor de Audiovisual da Universidade de Brasília (UnB). Autor dos livros **O cinema como refúgio da escrita: roteiros e paisagens em Peter Handke e Wim Wenders** (2016) e **Hollywood de papel: roteiros não filmados de Ben Hecht, Billy Wilder e Wim Wenders** (2022).



BÁRBARA

JEOVÁ SANTANA

Ilustração: **Bruno Schier**

A Rinaldo de Fernandes

Quer saber? Sim, é muito ódio. Mas não tenho dúvida que há também uma arretada dosagem de inveja. Do nada, uma pessoa que fez parte de uma quadra significativa de nossa juventude, que dividiu algumas séries na mesma escola, promover uma revolução que contraria a moral, os bons costumes, os valores da família. Puta que pariu! Rolou um afastamento total. Do grupo mais próximo sou o único que ainda lhe estende algum cumprimento formal, distante e frio. Não foram poucas as vezes que parei em frente a sua casa, uma vontade enorme de entrar para bater um papo, mas me limito a contemplar o seu jardimzinho sempre bem cuidado, cheio de flores com nomes engraçados, tipo madressilva, miosótis e maria-sem-vergonha.

Quando começaram os grupos de *whatsapp* instalou-se o inferno. A maledicência passou a correr solta. O caso mais grave foi a denúncia de sedução de menores. Rolou batida policial e o diabo. Naquela tarde, mães furibundas arrastaram filhas ainda carregadas de maquiagem e pedaços de figurinos. Só se salvou porque as raparigas em flor des-

fizeram os equívocos, disseram às autoridades constituídas que se tratava de um ensaio para a formação de um grupo de teatro amador.

Nutro, confesso, uma admiração silenciosa por seu destemor, inteligência e sensibilidade. De outra feita, todos tiveram que engolir sua performance num programa de entrevistas na TV. O que deveria servir de orgulho para a comunidade, diante do seu conhecimento sobre a arte em geral e a literatura em particular, só fez crescer a maré dos ressentimentos. Mas nunca baixou a cabeça. Anda com o nariz para cima, na linha do não devo nada a ninguém, metam-se com suas vidas, vão para a casa do caralho!

Faz tempo que passou a frequentar os perigos da noite. Para tirar godô, sai de casa no próprio carro. Uber somente em último caso. Não tem medo de comprar cigarros nos bares mais frequentados. Nem aí para os tantos olhos a destilarem desprezo, de cima abaixo, sobre a indumentária de godês, babados e trancelins. O que me deixa de queixo caído é a habilidade de andar sobre os saltos-plataforma, ora pretos, ora vermelhos, com uma leveza que parece fazer parte, desde sempre,

de sua natureza. Mas a gente sabe que não é bem assim. Está na memória de todos a força dos punhos no instante em que é necessário não levar desaforo para casa.

Há de se pensar em meditação ao se aproveitar o dia da procissão da padroeira. A chance de não haver testemunha na rua sempre tranquila, com umas três casas do tempo antigo, que parecem saídas dos desenhos coloridos das crianças. Nesses tempos de bagulho louco, infelizmente a religião não é barragem de contenção. Portanto, não seria surpresa se alguns dos agressores, antes das atrocidades prometidas, segurarem o andor ou baterem no peito na hora dos cânticos, com os olhos contritos voltados para o alto. Na hora da brabeza, pulam num pé só, ficam pinotando feito bode.

Fiquei sabendo que a ordem é lhe dar um susto, queimar livros e vestidos, arrancar cartazes, rasgar álbuns, despedaçar o altazinho onde São Jorge e Iemanjá convivem numa boa. Além de tudo, ainda faz macumba! teria gritado um deles, policial aposentado, reaçã e cheio das fobias, no meio da bebedeira em que acertaram o Dia D no boteco do Frei. Quanta barbaridade! Há até um

tio meu envolvido na mutreta. Chegou ao despalante de montar campana para saber dos horários. Fala em beber sangue. Fica possesso quando alguém lhe sopra o tal do nome artístico. Só vai no cipó caboclo! E tome murro na mesa que faz garrafas e copos improvisarem um balé desastrado. Difícil prever o desfecho. Pode faltar um cabelinho de sapo para trucidar e jogar no lixão. Multidão sem peia é porco selvagem cutucado no cu.

Preciso fazer alguma coisa sobretudo porque o olhar penoso não desapareceu com a dureza dos anos. Faz-me lembrar o da menina que minha mãe criou no dia em que lhe ergui a mão. Não, você não! Congelei. De lá para cá, não aturo nem o de bichos como cães e gatos de rua, quanto o mais de alguém que tem tope para enfrentar as barbeiragens desse mundo. Não tenho como peitar sozinho essa horda de loucos espremida na nau dos insensatos. Sei que minha mãe, pelo amor que tem ao irmão, será capaz de ter um troço, ficar morre não morre se souber que fui eu quem o denunciou. Foda-se! Dizem que a poesia não serve para porra nenhuma, mas pulsa em mim o último verso de Pessoa em “Nevoeiro”. 🗣️



JEOVÁ SANTANA

Nasceu em Maruim (SE), em 1961. É professor titular da Universidade Estadual de Alagoas. Publicou **Dentro da casca** (1993), **A ossatura** (2002), **Inventário de ranhuras** (2006), **Poemas passageiros** (2011), **Solo de rangidos** (2016), **Estilhaços** (2021) e **Rasuras do imaginário** (2023), entre outros.

 **dublinense**

2024



O VÍCIO DOS LIVROS,
LANÇAMENTO DO
PORTUGUÊS AFONSO CRUZ,
AUTOR DE VAMOS
COMPRAR UM POETA



**TRILOGIA DOS
GÊMEOS, CLASSICO
CONTEMPORÂNEO
E OBRA-PRIMA DA
HUNGARA ÁGOTA
KRISTÓF**



BOULDER,
DA CATALÃ EVA BALTASAR,
ROMANCE FINALISTA DO
INTERNATIONAL BOOKER
PRIZE E UM DOS LIVROS
MAIS ACLAMADOS
DE 2023



A HISTÓRIA DE ROMA,
DA PORTUGUESA
IDANA BÉRTHOLD,
ROMANCE FINALISTA
DO PRÊMIO OCEANOS
2023



**O AGUARDADO
LIVRO DE MEMÓRIAS**
DA ESCRITORA NIGERIANA
BUCHI EMECHETA, AUTORA
DE AS ALEGRIAS DA
MATERNIDADE

FIQUE DE **OLHO NA GENTE**

Em 2024, a Dublinense completa 15 anos em alto estilo, com uma intensa seleção de lançamentos de grandes obras da literatura contemporânea. Siga nossas redes sociais, acompanhe os eventos e fique por dentro do que promete ser um dos anos mais incríveis da editora. Acredite, o que você vê aqui é só um gostinho das novidades que vêm por aí.

WALLACE STEVENS

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

In the Carolinas

The lilacs wither in the Carolinas.
Already the butterflies flutter above the cabins.
Already the new-born children interpret love
In the voices of mothers.

Timeless mother,
How is it that your aspic nipples
For once vent honey?

*The pin-tree sweetens my body.
The white iris beautifies me.*

Nas Carolinas

Lilases murcham nas Carolinas.
Borboletas já batem asas sobre os chalés.
Crianças recém-nascidas já interpretam o amor
Nas vozes das suas mães.

Mãe atemporal,
Como é que seus mamilos de alfazema
Desta vez suspiram mel?

*Os pinheirais fazem doce o meu corpo.
As brancas íris me fazem belo.*

Idiom of the hero

I hear two workers say, "This chaos
Will soon be ended".

This chaos will not be ended,
The red and the blue house blended,

Not ended, never and never ended,
The weak man mended,

The man that is poor at night
Attended

Like the man that is rich and right.
The great men will not be blended...

I am the poorest of all.
I know that I cannot be mended,

Out of the clouds, pomp in the air,
By which at least I am befriended.

O idioma do herói

Ouço dois trabalhadores dizendo, "Esse caos
Vai logo estar encerrado".

Esse caos não será encerrado,
A casa vermelha e a azul, misturadas,

Não encerradas, nunca nunca encerradas,
O homem fraco reparado,

O homem pobre à noite
Amparado

Como o homem que é rico e correto.
Os grandes homens não serão misturados...

Sou o mais pobre de todos.
Sei que não posso ser reparado,

Saindo das nuvens, esplendor no ar,
Pelo que sou pelo menos bem relacionado.

A child asleep in its own life

Among the old men that you know,
There is one, unnamed, that broods
On all the rest, in heavy thought.

They are nothing, except in the universe
Of that single mind. He regards them
Outwardly and knows them inwardly,

The sole emperor of what they are,
Distant, yet close enough to wake
The chords above your bed to-night.

Uma criança dorme em sua própria vida

Entre os velhos que você conhece,
Há um, sem nome, que se aninha
Sobre todos os outros, em pensamentos profundos.

Eles nada são, exceto no universo
Daquela mente única. Ele os considera
Por fora e os conhece por dentro,

O único imperador do que eles são,
Distante, mas perto o suficiente para despertar
Os acordes sobre a sua cama esta noite.

The river of rivers in Connecticut

There is a great river this side of Stygia,
Before one comes to the first black cataracts
And trees that lack the intelligence of trees.

In that river, far this side of Stygia,
The mere flowing of the water is a gayety,
Flashing and flashing in the sun. On its banks,

No shadow walks. The river is fateful,
Like the last one. But there is no ferryman.
He could not bend against its propelling force.

It is not to be seen beneath the appearances
That tell of it. The steeple at Farmington
Stands glistening and Haddam shines and sways.

It is the third commonness with light and air,
A curriculum, a vigor, a local abstraction...
Call it, once more, a river, an unnamed flowing,

Space-filled, reflecting the seasons, the folk-lore
Of each of the senses; call it, again and again,
The river that flows nowhere, like a sea.

O rio dos rios em Connecticut

Existe um grande rio do lado de cá de Estige,
Antes que se chegue às primeiras cataratas negras
E às árvores que não têm a inteligência das árvores.

Naquele rio, bem deste lado de Estige,
O mero fluir da água é uma alegria,
Reluzindo e reluzindo ao sol. Em suas margens,

Nenhuma sombra caminha. O rio é fatídico,
Como se fosse o último. Mas não há balseiro.
Ele não se curvaria à sua força propulsora.

Não é para que seja visto sob as aparências
Que falam disso. O campanário em Farmington
Fica reluzindo, e Haddam brilha e chacoalha.

A terceira trivialidade com ar e luz,
Um currículo, uma força, uma abstração local...
Chame-o, mais uma vez, de rio, um fluxo sem nome,

Repleto de espaço, refletindo as estações, o folclore
De casa um dos sentidos; chame-o, de novo e de novo,
O rio que corre para lugar algum, como um mar.

The poem that took the place of a mountain

There it was, word for word,
The poem that took the place of a mountain.

He breathed its oxygen,
Even when the book lay turned in the dust of his table.

It reminded him how he had needed
A place to go to in his own direction,

How he had recomposed the pines,
Shifted the rocks and picked his way among clouds,

For the outlook that would be right,
Where he would be complete in an unexplained completion:

The exact rock that would be right,
Would discover, at last, the view toward which they had edged,

Where he could lie and, gazing down at the sea,
Recognize his unique and solitary home.

O poema que ficou no lugar da montanha

E assim foi, palavra por palavra,
O poema que ficou no lugar da montanha.

Respirou o oxigênio dela,
Mesmo quando o livro ficou aberto sobre a poeira da mesa.

Aquilo o lembrou do quanto ele precisava
De um lugar para onde ir, por conta própria,

De como ele rearranjou os pinheiros,
Moveu as pedras e abriu caminho entre as nuvens,

Para a perspectiva que seria a correta,
Onde ele se tornaria pleno de um jeito inexplicado:

A exata pedra que seria a correta,
Descobriria, por fim, a vista em direção à qual eles se foram,

Onde ele poderia descansar e, contemplando, lá embaixo, o mar,
Reconhecer seu exclusivo e solitário lar.

**WALLACE STEVENS**

Nasceu em Reading, Pensilvânia (EUA), em 1879. Foi um dos principais poetas norte-americanos do século 20. Esteticamente identificado com o modernismo, Stevens era, na realidade, um artista independente, vivendo longe de panelinhas e rodas literárias. Ainda assim, era admirado, influente e ganhou prêmios importantes, como o Pulitzer, o Bollingen e o National Book Award. Estudou em Harvard e na New York Law School. Morreu em 1955.

An old man asleep

The two worlds are asleep, are sleeping, now.
A dumb sense possesses them in a kind of solemnity.

The self and the earth—your thoughts, your feelings,
Your beliefs and disbeliefs, your whole peculiar plot;

The redness of your reddish chestnuts trees,
The river motion, the drowsy motion of the river R.

Um velho dormindo

Os dois mundos dormem, estão dormindo, agora.
Um sentido estúpido os possui com alguma solenidade.

O eu e a terra – seus pensamentos, suas sensações,
Suas crenças e descrenças, sua trama totalmente particular;

A vermelhidão de suas avermelhadas castanheiras,
O movimento do rio, o sonolento movimento do rio R. 🇺🇸



ozias filho

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO



MARIA QUINTANS



 [Veja mais em rascunho.com.br](http://rascunho.com.br)

MARIA QUINTANS

Poeta, dramaturga, faz parte da criação da revista *Inútil*, da qual foi diretora editorial. Teve várias editoras. Tem publicados os livros de poesia **Apoplexia da ideia**; **Chama-me Constança**; **O silêncio**; **A pata da cabra**; **Décimo terceiro andamento** & **Chama-me Constança**; **Se me empurrares eu vou**; **La poesia es una mujer dispierta** (editado na Colômbia). Inicia-se na escrita de dramaturgia em 2015, com o monólogo *Décimo terceiro andamento*. Continua este percurso com a peça *Este não sou eu*, *A síndrome da culpa*, *OCO*, *Os demônios não gostam de ar fresco*, esta sobre o universo de Ingmar Bergman. Tem poemas incluídos em várias antologias e revistas portuguesas, brasileiras e espanholas.



**rogério pereira**

SUJEITO OCULTO

NA PANÇA DA SUCURI

Ilustração: **Carolina Vigna**

No ônibus, cada um é infeliz à sua maneira. Nunca encontrei leitores de Tolstói a bordo.

A paisagem tampouco são as estepes russas de Tchekhov. Apenas carregamos no lombo uma tristeza cansada, espécie de desânimo entranhado nas vísceras, uma indolência severina de tanto sacolejar os corpos nos arroubos desta besta enfurecida: o ônibus. Personagens de uma ópera-bufa-operária, agarramo-nos ao aço sórdido para, em pé, tentar equilibrar uma silhueta em franco desalinho. Lá fora, os bonecos de posto tripudiam sobre nossa infâmia. Os felizardos — e nem por isso felizes —, cujos corpos desmazelados encontram um banco disponível, dormitam muitas vezes ou são conduzidos pelo barqueiro pelos rios de Hades nas telas brilhantes dos celulares. O importante é esquecer que somos todos prisioneiros de uma tristeza coletiva.

Depois de muitos anos — mais de duas décadas —, voltei a encarar as aventuras do transporte coletivo. Já não sou aquele adolescente de cabelos compridos e leituras excitantes em situações extremas de equilíbrio. Nem as mais indecentes curvas eram capazes de deslocar meus olhos das páginas do livro para a paisagem de uma cidade que crescia com fúria e desordem, apesar da propaganda oficial tentar nos convencer do contrário. Como é fácil criar uma ilha da fantasia numa terra de cegos. Agora, sou um homem rumo ao fim da vida, esta fase em que já se viveu mais do que se viverá, quando o tempo ganha outra dimensão e os segundos são ouro de tolo escorregadio pelos dias contados na ilusão da eternidade. O corpo continua magro, os cabelos encurtaram e ganham a brancura célere de uma velhice que se avizinha, a miopia intensificou-se. O daltonismo segue causando embaraços cromáticos. As dores no corpo surgem numa rotina burlesca. Ler em pé no ônibus tornou-se um desafio, quase uma batalha perdida. Alegro-me quando um banco vazio reluz na pança inchada da sucuri que nos carrega rumo à capital. O trajeto é de vinte e cinco quilômetros, numa paisagem monótona feita no interlúdio entre o campo e a cidade.

Somos uma selva de estranhos irmanados pela vontade de chegar logo. Cada um com a sua pressa, seu cansaço, suas tristezas, suas histórias. No divertido zoológico humano, há um pouco de tudo: do estudante de cabelo alaranjado à velhinha de bengala. Mas a maioria é de operários e comerciários que saem da pequena cidade rumo ao trabalho na ca-

pital. Em geral, há pouco espaço, mas nossa fauna é desavergonhada. Quando o corpo sucumbe ao cansaço, o chão do ônibus transforma-se em refúgio à penúria. Eu, talvez por certo recato pequeno-burguês, mantenho-me hirto sobre as pernas, mas com o olhar esticado aos esparramados. Eles me comovem. Apesar da melancolia das viagens e de seus viajantes, em geral, divirto-me com certa pilhéria que escorre entre nós. Rimos de nós mesmos, da nossa situação precária, talvez da nossa teimosa resistência diante de um mundo hostil.

Aquelas duas mulheres estão sempre no ônibus. Nossos horários coincidem com alguma frequência. Inclusive um leve meneio de cabeça já se transforma em estranha saudação. Elas inundam a boca de palavrões, são umas pervertidas: filho da puta, desgraçado, merda, bosta, caralho e puta que pariu, para enumerar os mais populares. Às vezes, um diabo escapa entre gargalhadas. As mulheres disfarçam a tristeza com ofensas desferidas para todos os lados. Ninguém escapa da sanha escatológica. O rosário de uma oração devassa alegre o vazio do fim de tarde. Na conversa, insultavam os (ex)maridos (aqueles merdas); os políticos (aqueles filhos da puta); o calor (esta bosta insuportável); o prefeito (aquele imbecil). E riam sem qualquer vergonha do vocabulário arquitetado em gôlfadas pândegas. São duas personagens nesta plêiade maltrapilha.

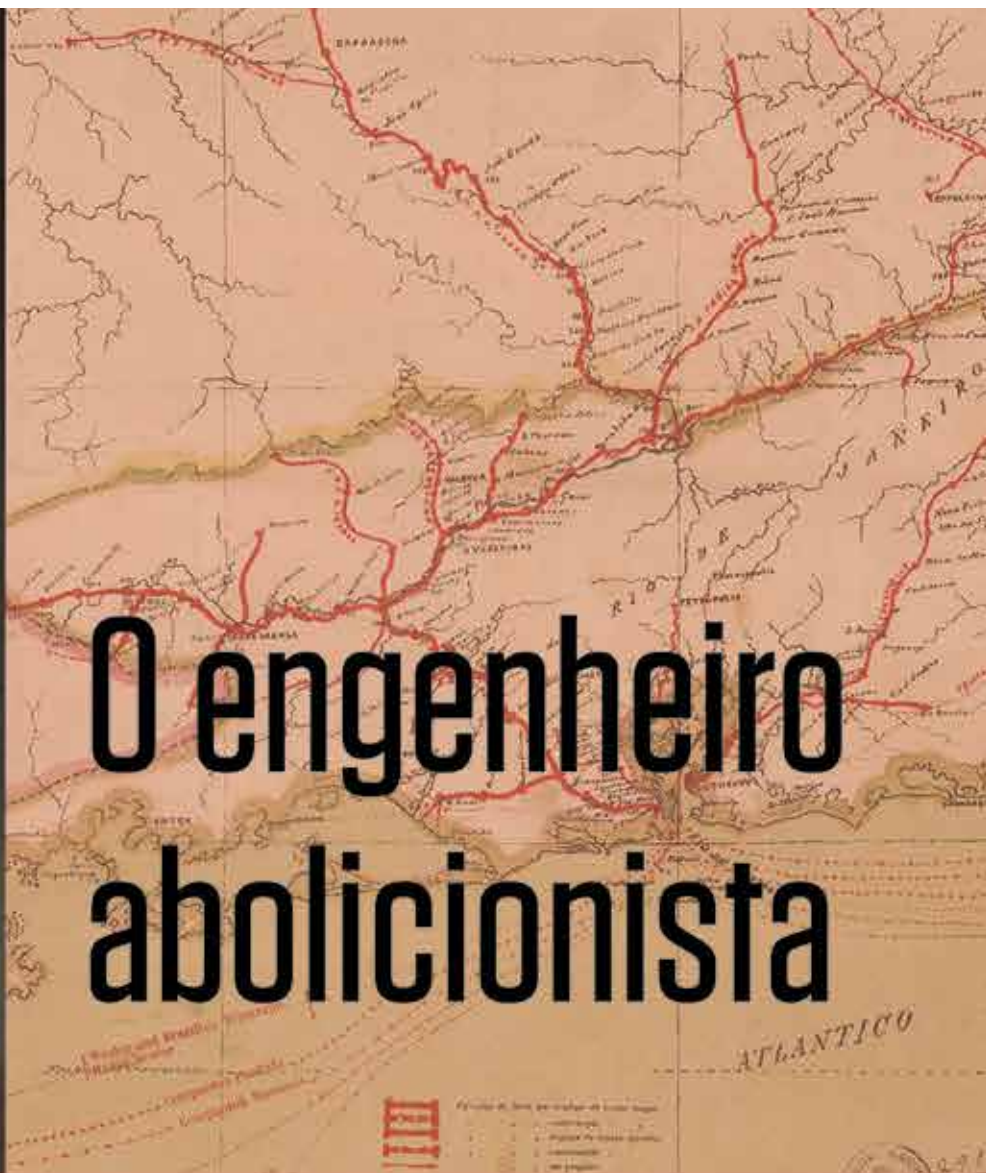


O homem lia um clássico de Stendhal, equilibrando-se com o corpo amparado na sanfona que divide o ônibus. Algum gênio da engenharia mecânica um dia inventou de colar dois ônibus para, com isso, levar mais passageiros a cada viagem. O lucro é um grande mecenas da criatividade. Ali, na sanfona, M., minha pequena filha, diverte-se entre o equilíbrio delicado e o tombo inevitável nas curvas e trancos mais acentuados. É o circo particular de M., feito de palhaços e equilibristas. Eu estava sentado. Toquei levemente o braço do homem-leitor, cuja expressão de cansaço naquele início de noite era evidente. O constrangimento parecia forçá-lo a negar a oferta inusitada. Afinal, só entregamos nosso sagrado banco em situações extremas. Ler nunca é uma situação extrema. Mas ele aceitou a possibilidade de viajar sentado. Afinal, o cansaço sempre vence o constrangimento. E recolheu-se nas páginas de Stendhal. Como chegara àquele livro?

A tarde quente nos obriga a abrir todas as janelas do ônibus. Estou de pé quando ouço uma voz meio esganiçada: calor dos diabos, né? Sim, concordo com palavras que mais parecem um silvo. A próxima parada é no terminal, certo?, diz o rapaz, quase um menino, de corpo franzino flutuando numa calça larga, boné de um time norte-americano de basquete na cabeça de cabelos raspados na nuca. Tenho um encontro, diz sem qualquer cerimônia. É mesmo?, dou-

-lhe terreno para que conte sua aventura amorosa. Conheci uma mulher e agora vou ali encontrar com ela. E como a conheceu? No Facebook, nem sei muito bem como ela é. Solta um riso entre nervoso e aliviado. Mas a gente precisa arriscar, não é mesmo? Ela trabalha perto do terminal. Então, marcamos ali. Olho-o com sincero interesse. Ele prossegue a detalhar seu encontro com a desconhecida, possivelmente confortável no anonimato que nos envolve. E se ela for muito diferente da foto do Face?, pergunta-me. Apenas o encaro, desenho um esgar no canto da boca e levanto os ombros. Uma espécie de resposta sem resposta alguma. Não importa, prossegue. Não importa nada disso. Eu não tinha nada pra fazer e precisava mesmo vir para estes lados visitar minha avó. Então, não tenho nada a perder, diz, como se tentasse convencer a si mesmo.

Quando chegamos ao terminal, ele afasta-se rapidamente entre a pequena multidão. Saem todos em desabalada euforia. Eu permaneço no ônibus que seguirá agora para C., onde moram meus filhos. Pela janela, vejo-o prestes a atravessar a rua. Noto que ele manca um pouco da perna esquerda. O ônibus bufa, está novamente lotado. Encosto-me na janela e abro um livro. Cerca de trinta minutos de leitura na pança da sucuri faminta. Do outro lado, na calçada, uma moça de cabelos azuis acena com alegria. Ele apressa o passo. Ela talvez não seja tão diferente da fotografia. 📖



O engenheiro abolicionista



O engenheiro abolicionista

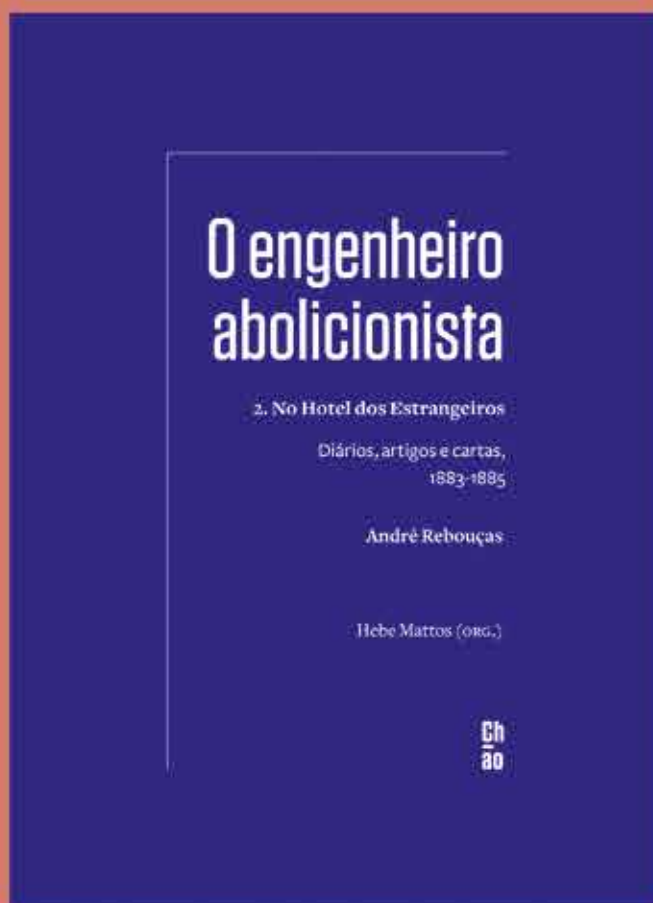
1. Entre o Atlântico e a Mantiqueira

Diários, 1883-1884

André Rebouças

Hebe Mattos (org.)

Ch
ão



O engenheiro abolicionista

2. No Hotel dos Estrangeiros

Diários, artigos e cartas,
1883-1885

André Rebouças

Hebe Mattos (org.)

Ch
ão

André Rebouças

Organização e posfácio: Hebe Mattos